



III

LIBÉRIE

Um texto pode ser como uma peça de Teatro. Ao lê-lo cada um é um dos actores, imagina a cena, encena-se inaudivelmente. A palavra é o corpo da ideia; o texto é a contraparte física de uma imagem, ou ainda além disso, de um pensamento abstrato, ou de uma intuição...

Vou situar-vos num espaço imaginário - e as vossas atitudes e reacções serão individuais.

Chamemos-lhe o reflexo de Khether, a Coroa, em Malkout, o Reino (Cabala, árvore Sefirótica); a Nova Terra.

Aproximemo-nos (viajamos no espaço, fomos projectados de uma explosão luminosa) de um planeta azul-claro, como a música...

Comçaremos por notar a beleza de todas as formas - naturais e humanas. As construções são magníficas, dir-se-ia que nascidas da própria terra em harmonia com o meio. Aqui e além, podemos ver esculturas transparentes, em cristal, esmeralda, rubi... projectando, à luz solar, mil cores e imagens esplêndidas. A Natureza excede tudo o que conhecemos... Por toda a parte cascatas, perfumes, cores, melodias. As plantas dir-se-iam criaturas sensíveis e felizes. Os animais, gentis, vivem como crianças brincando num jardim imenso. Procuramos os seres humanos. Não são biliões e biliões! São o número ideal, vivem espalhados por todo o planeta. Não há grandes agregados populacionais. Todo o território é belo, e a distância não significa separação.

A fonte de energia é o sol, utilizado inclusivamente para mover veículos aéreos silenciosos, e como fonte de alimento. Aqui e além existem campos de cultivo. Os homens alimentam-se de vegetais e sementes que ainda nos são desconhecidos. Não há necessidade de matar animais para comer. O fruto da terra é considerado com respeito e gratidão, o acto de alimentar-se constitui um ritual mágico, de que os homens são conscientes, graças ao qual os alimentos se transformam em luz, saúde, amor, vida.

Abordamos um habitante desta Terra: o seu rosto e corpo, como aliás os de todos os seres humanos que podemos ver - são perfeitos, harmoniosos e belos. Dir-se-ia que o seu olhar penetrante e luminoso nos inunda de uma intensa paz e felicidade. A sua voz é pura melodia, e cada um dos seus gestos é livre e leve - como se permanentemente dançasse ao ritmo da Vida. São seres sensitivos, com capacidades que raros de entre nós possuíram até hoje. A arte é uma constante, a religião não constitui um tema separado de cada gesto - não há templos nem igrejas, porque o mundo é todo ele o mais belo Templo, e cada ser humano é a imagem de Deus. Não há obrigações - mas tudo, e todo o trabalho, é feito por amor. Cada corpo é a escultura da alma que o habita, a pintura, a música que cada individualidade criou para oferecer. Existir é, em si, um acto de poesia.

Alguns dentre eles dedicam-se mais profundamente à ciência. A Filosofia e a Técnica são um só. Os estudos são feitos no campo da quarta dimensão (que é penetrar naquilo que se quer conhecer, senti-lo e compreendê-lo por dentro). Matéria é energia, e tudo provém de uma condensação da luz primordial (vidalina). Saber é amar, amar é saber; tudo no ser humano é interligado, ele funciona como um microcosmos harmonizado. A compreensão das coisas ultrapassa em muito a compreensão puramente intelectual de hoje. Para conhecer é-se ensinado a "vibrar em sintonia com". Assim, esses sábios são elevados ao conhecimento do infinitamente pequeno e do infinitamente grande - identificam-se com os quarks e quasares, chegando ao conhecimento íntimo da dinâmica do universo.

Gerar uma criança é algo consciente, sagrado. Quando dois seres desta Terra decidem criar um novo ser procuram as condições mais favoráveis e propícias à vinda de um ser elevado, e a sua educação visa desenvolver qualidades que lhe são inatas. De geração para geração verifica-se uma evolução, quando os seres cada vez mais para a Perfeição.

Poderia dizer mais...

Sim, trazer ao papel tal e qual como vejo e sinto. Mas não gosto de perder-me nas palavras. As palavras são só uma pista, apegada de qualquer

coisa maior e viva que passou.

Assim, deixo os actores deste mundo e proponho-lhes muito simplesmente que prossigam a viagem pelos seus próprios pés.

Quem sabe descobrir-se-ão a si mesmos neste futuro? Quem sabe encontrarão nele a vaga recordação de um passado longínquo? Quem sabe todos nós procuramos algo semelhante?...





- PARECE TER SIDO HA TANTO TEMPO, MARIA **5**
FOETUS **9**
FITAS **10**
CRÓNICAS DO DESESPERO **14**
1,2,3,4,5,23,47,114,1052 MINUTOS DE FITA MAGNETICA **16**
PREPARADISE SORRY NOW **22**
FINI TRIBE-OS CIENTISTAS DO NOISE SAMPLE **24**
DA LUZ, DA CLARIVIDENCIA E DA
CLARIFICAÇÃO NA POESIA E NA MUSICA **26**
BATMILLER OU FRANKMAN? UMA ILHA NO
HISTORIAL DOS COMICS DE SUPER HERÓIS **30**
A MORAL EM 1945 **34**
JOY OF LIFE **37**
PINA BAUSCH **40**
AFRICAN HEAD CHARGE **43**
N.G.MEDIEN **44**
PSICADELISMO **46**
CRÍTICAS DE DISCOS/CASSETTES/CD'S/REVISTAS **48**



direcção
FRED SOMSEN

grafismo
MIGUEL VIEIRA BAPTISTA

colaboradores
MIGUEL ABALROADO
ANTÓNIO CARVALHO
JOÃO CORREIA
ALEXANDRA COSTA
ANA ISABEL COSTA
RAFAEL GOUVEIA
FERNANDO MAGALHÃES
LUÍS CARLOS MANUEL
JOSÉ ANTÓNIO MOURA
PAULA GOMES RIBEIRO
EUGÉNIO TEÓFILO
MIGUEL SANTOS
MIGUEL SOMSEN
PAULO SOMSEN
CLARA SANCHES VALENTE

Mais uma vez eis que o processo de concretização do Ibérico chegou ao fim. Estivemos como que enfiados num casulo opaco durante longos meses, numa deradeira metamorfose, para hoje aparecermos com este visual. Sofremos uma operação plástica quase radical. Adoptámos um figurino neo modernista. Fartámo-nos de pilhar ideias a outros pasquins. Mas mantivemos o essencial, o conteúdo e os Escribas.

Apesar do incontestável apoio que sentimos ter da vossa parte, é um facto que temos tido certas dificuldades. Problemas de recursos humanos e financeiros deram-nos grandes dores de cabeça. Foi tudo resolvido porque o Fred resolveu empenhar as suas míseras economias e o Miguel, depois de algumas contrariedades, optou por colaborar na maquetagem. Enquanto estes três mosqueteiros (que neste caso eram dois), suaram à farta a tirar fotocópias, duplicar cassettes e bater no teclado, o resto da equipa preferiu ficar comodamente "at home" curtindo uma diferente. Trabalhar numa publicação independente é mais ou menos assim. O facto de não haverem regras pré-definidas proporciona anarquia, e esta, apesar de ter a sua carga de criatividade, traduz-se em dispênses temporais. Mas é mesmo assim que surgem as alternativas, e eu hoje sinto-me muito honrado por poder assinar, ainda que seja, este memorando. Longa foi a espera, mas alegrem-se pois estamos finalmente de volta, e com ideias de, muito brevemente, vos martelar outra vez... Paulo Somsen

PARECE TER SIDO HÁ TANTO TEMPO, MARIA

(OU COMO AO SE DIZER OLÁ, SE DEVE ESPERAR ADEUS)

CENA 1-QUARTO (DIA/INTERIOR)

No chão, ao lado da mesa de cabeceira, está um telefone com o auscultador fora do descanso e sem os fios que o deveria ligar à parede. Na gaveta semi-aberta da mesa de cabeceira, está uma pistola. Em cima da mesa de cabeceira, está uma rosa vermelha e vários produtos de beleza. Ouve-se um excerto lento da peça "Seven Hours Sleep", dos Hafler Trio (grupo de experiências e pesquisas sonoras). Maria 1, de saias compridas e meias verdes, encontra-se de pé, junto à porta de madeira grossa e velha, olhando para José 1, que está sentado num tapete branco de lã grossa, junto à lareira acesa.

Maria 1 - Que tens? Não me pareces feliz!

José 1 está descalço e com as pernas dobradas, apoiando-se com os braços e com a cabeça nos joelhos. Sob uma luz vermelha forte, originada pelo arder da madeira na lareira, reparamos na expressão meiga de Maria 1 e na maquilhagem que circunda os seus olhos azuis. Maria 1 tem um olhar romântico e cativante.

José 1(off - sobre o olhar de Maria 1) - Sim, sim, sou feliz...

José 1 olha para a lareira.

José 1 - Mas estou triste.

Sombras vindas da lareira, projectam-se nas paredes de pedra do quarto. Maria 1 fecha a gaveta da mesa de cabeceira e vai para junto de José 1, abraçando-o por trás. Vê-se o telefone no chão.

José 1(off - com voz doce) - Maria!...Vem sentar-te ao meu lado...

Vê-se a porta do quarto.

José 1 - Está-se bem, junto ao calor...

Vê-se a parede de pedra. Maria 1 senta-se junto à parede perpendicular à que se encontra a lareira, com os pés em cima das pernas de José 1 que, neste momento, as tem dobradas no chão (deitadas). Em *fade in*, aparece uma voz feminina que canta uma canção melódica e sentimental. O quarto tem uma janela com grades de ferro, que se encontra em cima e ao lado dos pés da cama. Em baixo, está uma mesa e duas cadeiras de

madeira. Em cima da mesa, está um jarro meio cheio com água e uma maçã mordida ao lado de um copo vazio. (A voz feminina da canção, junta-se-lhe compassadamente um violoncelo, um acordeão e uma guitarra acústica, que com as suas lentas melodias vão embelezar ainda mais a canção, tornando-a numa polifonia de bonitas melodias).

Ao lado do jarro está uma rosa vermelha, de aspecto agradável, bem feita e fresca (tal como a que está em cima da mesa de cabeceira). No chão, por baixo da mesa (que ocupa todo esse canto do quarto), estão várias rosas vermelhas e brancas, espalhadas em todo esse canto.

Algumas das rosas estão esmagadas. Maria 1, encostada à parede, olha para a lareira. José 1 olha ternamente para ela. Maria 1 repara no olhar de José 1 e expressa-lhe um sorriso ligeiro. José 1 retribui-lhe o sorriso, ao mesmo tempo que lhe fixa a boca pequena e os lábios estreitos, de cor rosada. Volta-se a ouvir o excerto lento de "Seven Hours Sleep", dos Hafler Trio. O olhar de José 1 desce então para o pescoço delgado e comprido de Maria 1 e finalmente para o peito,

fixando-lhe as ligeiras curvas.

Maria 1, que nota a descida do olhar de José 1, sorri-lhe.

Ao mesmo tempo, José 1

aquece as pernas

de Maria 1, percorrendo com

as suas compridas e finas

mãos as suas meias altas,

de um verde triste e escuro. Com José 1 a olhar para si, Maria 1 leva as mãos ao peito e começa desapertar os botões da sua camisa de algodão azul escuro. Fade in da canção cantada pela voz feminina. O quadro que se encontra ao lado da mesa de cabeceira e por cima desta (ao lado da porta), está pintado em tons de castanho e verde e num estilo renascentista. Nele está uma mulher nua, de longos cabelos encaracolados e envolta por uma serpente. O olhar da mulher do quadro (versão da Eva) dirige-se para a cabeça da cama. A cama, apesar de antiga e do seu aspecto frágil, com a sua estrutura de ferro, está bem feita e arrumada. Os muitos cobertores dão um ar quente e convidativo. Maria 1, com a camisa completamente desapertada, deixando ver-se-lhe as formas arredondadas do peito, convida José 1 para se aproximar de si.

Maria 1 - José!...Vem para junto de mim...

Ao lado da porta do quarto, encontra-se um monte de troncos de árvores secos, empilhados uns nos outros. São projectadas neles as sombras vindas da lareira. Essas sombras, cada vez maiores, espalham-se pela parede e pela porta do quarto. Ouve-se o arder da madeira, na lareira. José 1 beija os seios de Maria 1.

Ela, de olhos fechados e cabeça encostada à parede, solta pequenos gemidos de prazer. Continuando a ouvir-se os gemidos de prazer, vê-se a rosa vermelha ao lado do jarro de água, em cima da mesa.

Maria 1 (off - ofegante) - Como é bom sentir a calma dos teus beijos...

Os raios de luz que ainda se vislumbram, fazem-se passar pelas grades da janela, cortando o espaço desse canto do quarto.

Na cama, José 1 e Maria 1 fazem amor. Estão ambos por cima dos cobertores. Ouve-se o arder da madeira, o trecho sonoro da peça dos Hafler Trio e, ao longe, uivos de lobos. José 1 está deitado, com as pernas estendidas e Maria 1 encontra-se sentada em cima do sexo de José 1, de frente para ele. Os gemidos de prazer são mais íntimos. Repara-se nos promenores do quadro pendurado na parede, principalmente na expressão da face da rapariga nele representado. Por baixo da mesa, a confusão

das rosas velhas e das rosas novas. Pétalas acastanhadas, de aspecto velho e morto, estão espalhadas por toda a superfície debaixo da mesa. Sombras vindas da lareira sobrevoam esse local. Ouve-se o estalar da madeira na lareira. Vê-se de novo a rapariga do quadro da parede. Ouvem-se os gemidos de êxtase dos amantes na cama, e ao longe, o uivar dos lobos. Do ponto de vista da rapariga do quadro, vêem-se os dois amantes abraçados, ambos sentados em cima da cama, de frente um para o outro. Ouve-se o trecho sonoro dos Hafler Trio e o estalar da madeira na lareira.

Vê-se a lenha arder e fagulhas a saltar. Vêem-se as sombras vindas da lareira nos troncos de árvore e na parede. Vêem-se de novo os amantes abraçados. Agora a luz que entra no quarto, vinda do exterior, e os raios de luz que cortam o ar, no canto do quarto onde se encontra a mesa e a janela, são mais difusos e menos concentrados.

CENA 2-EUCALIPTAL, JUNTO AO RIO (DIA/EXTERIOR)

Os carris de um caminho de ferro antigo, separam um eucaliptal de um rio de cerca de 20 metros de largura. Do outro lado do rio há outro eucaliptal. Os carris parecem não ter fim e as ervas cobrem muito do seu espaço. Em sentido oposto, encontram-se José 2 e Maria 2, do pé, virados para o rio. Maria 2 - Não estejas angustiado, tu já a perdeste...

No mesmo sentido, vê-se a casa antiga de pedra ao longe, e umas dezenas de metros antes, termina o eucaliptal. José 2 e Maria 2 têm estatura elevada, cabelos muito curtos e vestem roupas largas em tons de preto, azul escuro e verde escuro. Ouve-se um excerto de "Shouting at the Ground", peça do grupo Soviet France. Está nevoeiro e a casa, à medida em que o tempo irá passar, irá ficar cada vez mais coberta pelo nevoeiro. Virados de costas para a casa, José 2 caminha alguns metros à frente de Maria 2. Maria 2 tem uma expressão inocente e a sua face, apesar de magra, é muito bonita. Ela olha José 2 que caminha à sua frente, no meio dos carris. Olha depois o rio

(Ouve-se
espaçadamente o
queimar da
lenha). Muitas
das rosas têm
as pétalas em
decomposição,
outras, sendo
mais recentes,
deixam
vislumbrar
ainda alguma
frescura.

e o eucaliptal do outro lado do rio. Pára junto a uma grande pedra, do lado do rio. Dos seus olhos caem algumas lágrimas. As águas do rio correm devagar. O eucaliptal tem um ar solitário e triste. De novo voltam-se a ver as claras e transparentes águas do rio, que deixam ver a areia e as pedras no rio pouco profundo. Ouvem-se uivos de lobos. José 2 olha para o eucaliptal do seu lado esquerdo e depois para trás e pára. Fica a ver Maria 2 junto ao rio, a olhar para este. Vê-se a casa ao longe. Debaixo do nevoeiro, Maria 2 está nervosa e deixa cair algumas lágrimas, percorrendo-lhe o rosto. Olha para a casa. José 2 olha também para a casa.

José 2(pensa) - Surpreende-me que um outro a possa amar...tenha o direito de a amar...

Maria 2 olha para José 2.

José 2(off) - Quando o meu amor por ela é tão...

profundo... tão pleno...

José 2 olha à sua volta.

Vê a casa, Maria 2, o

rio, o eucaliptal do ou-

tro lado do rio, os

carris velhos, o eucali-

ptal do seu lado e de

novo a casa. Vê a imagem

de Maria 1 repetida em

todo o percurso descrito

pelo seu olhar (repetin-

do de novo o olhar).

José 2(off-acompanhamento

do olhar subjectivo) -

Como era azul o céu e

grande a esperança! A es-

perança... fugiu, vencida

rumo ao céu negro...isto

não pode continuar assim

Maria!

Quando o seu olhar acaba novamente na casa (coincidindo com a última frase proferida) esta explode (simbolicamente), ficando em ruínas e em chamas. Esta explosão é filmada em câmara lenta e a imagem é difusa e enevoada, havendo um jogo de saltos temporais com sobreposições/justaposições desses mesmos saltos. José 2 começa a delirar, dizendo coisas imperceptíveis, ao mesmo tempo que se afasta pelo troço dos carris. Maria 2 continua triste e imóvel. As lágrimas ainda lhe percorrem o rosto. Olha em direcção a José 2 e vê-o afastar-se. Maria 2 fica imóvel a vê-lo ir-se embora.

Maria 2(pensa - voz triste e pausada) - Amo-ta...como se tem de amar...no desespero...

A noite aproxima-se e com ela o frio. O silêncio torna-se assustador. O eucaliptal, cada vez mais escuro, torna o ambiente mais dramático e amedrontador. Maria 2 aperta o seu casaco. As águas do rio continuam a correr devagar. José 2, de aspecto mais feliz e hilariante, percorre devagar os carris solitários.

José 2(pensa) - A minha liberdade...era verdadeiramente sem limites. Foi preciso afastar-me.

CENA 3-EUCALIPTAL (DIA/EXTERIOR)

Numa tarde de nevoeiro, no eucaliptal, José 2 encontra-se com um bando de rosas vermelhas, encostado a um eucalipto. Com olhar melancólico, olha para a casa de Maria 1. O céu está totalmente coberto pelo nevoeiro. Vê-se o topo dos eucaliptos e o nevoeiro a cobri-los. Ouve-se S-Core (projecto de música experimental underground japonês). José 2 vê sair de casa de Maria 1 um rapaz alto e forte e vê-o beijar Maria 1, longa e apaixonadamente. José 2 fica tão perturbado que baixa os braços (anteriormente levantados e dobrados sobre o peito). A mão direita segura firmemente um ramo de rosas e a mão esquerda, caída, aberta e nervosa, lentamente percorre a distância que a separa das rosas. Ainda lentamente, esmaga algumas delas, caindo as pétalas pelo chão. O rapaz dirige-se para os carris, junto ao rio, na direcção de José 2. Maria 1, fica junto à porta a ver o rapaz a afastar-se. Na posição em que José 2 se encontra, ele não é visto por Maria 1. As flores caem no chão. Ficam espalhadas pelo chão, junto às pétalas. José 2, com algumas lágrimas no rosto, nervoso, leva a mão direita ao peito, dentro do casaco de cabedal castanho que traz vestido. Vêem-se de novo as rosas e as pétalas caídas no chão. José 2 tem uma pistola dentro do coitro que traz pendurado ao peito, debaixo das axilas. Hesita se a há-de tirar. Acaba por tirá-la e olha para ela, tremendo. Ouvem-se uivos de lobos. As águas transparentes do rio correm devagar. José 2 vê Maria 1 junto à porta de casa. Vêem-se de novo as águas do rio. Vê-se o eucaliptal do outro lado do rio. José 2 vê o rapaz nos carris, por entre os eucaliptos. Vêem-se os eucaliptos e José 2 entre eles. Maria 1 volta para dentro de casa. Vêem-se os eucaliptos. Ouve-se um tiro. Vê-se a pistola a cair, ficando no chão, ao lado das rosas. O rapaz para assustado, olhando nervosamente para todos os lados. Vê-se uma marca na pedra grande, junto ao rio, provocada pela bala da pistola. Maria 1, alertada pelo tiro, sai de casa olhando em direcção à qual se tinha dirigido o rapaz. Vê-se o rapaz correr pelos carris.

casa de Maria 1). Já nos carris, olha em frente e não vê ninguém, apenas o infinito dos carris. Olha para o seu lado esquerdo e vê, ao longe, entre os eucaliptos, José 2 a correr. Ouvimos constantes fade in e fade out do trecho sonoro de S-Core. José 2, corre apressadamente por entre os eucaliptos, deixando as lágrimas escorrerem-lhe pelo rosto. Vê os eucaliptos difusos e enevoados, passarem rapidamente por si. Vêm-se as rosas no chão e ao lado a pistola. Vêm-se os eucaliptos. Vê-se o topo dos eucaliptos e o nevoeiro a cobri-los. Vê-se uma mão a apanhar a pistola. Vê-se Maria 1 a baixar-se e a apanhar também o ramo de rosas. Vêm-se as rosas e Maria 1 a olhar para elas. Na sua mão esquerda, está a pistola.

assustado, olhando para todos os lados e com uma respiração ofegante.

Maria 1 fecha a porta e corre em direcção ao rio e ao eucalipto (na direcção à qual tínhamos inicialmente visto o rapaz, quando ele saiu de

Em fundido a preto, passa o genérico do filme. Depois, sobre um fundo de um céu nublado, que aparece em fundido, sobre uma música lenta e triste de Erik Satie, ouve-se:

José 2(off - voz pausada, saudosa e triste) - Quando lhe falava, qualquer que fosse o tema do discurso, muitas vezes Maria parecia olhar e escutar o que se passava em redor, vigiando qualquer coisa. Detinha-me desencorajado e depois de um prolongado silêncio, Maria dizia...

Maria 1(off - voz viva dita repentinamente) - Continua, estou a ouvir-te!

José 2(off - prossegue com o mesmo tom de voz) - Retomava então, tanto quanto possível, o fio de uma história em que ainda acreditava...

Sobre o fundo do céu, aparecem em fundido, as águas transparentes do rio. Continua a música de Erik Satie, agora no seu apogeu. Aparece então o título do filme: "Parece ter sido há tanto tempo, Maria (ou como ao se dizer olá, se deve esperar adeus)".

"In a manner of speaking I just want to say that I could never forget the way you told me everything by saying nothing" Dedicado à M.

M I G U E L S A N T O S

Jim Thirlwell (o verdadeiro nome?) - ou também Clint Ruin, numa faceta mais séria de produtor e colaborador para outros músicos, ou ainda encarnando o nome de Foetus nas suas próprias alucinações - trocou há cerca de 11 anos atrás a pacata e longínqua Melbourne pela cinzenta mas movimentada cidade de Londres.

Os primeiros discos são simples auto-produções, não têm quaisquer pretensões exteriores à pessoa de Jim.

Ele trabalha pela sua própria motivação, apenas para a sua satisfação pessoal. A sua música reflecte-o a si próprio - obcecado, maníaco, doentio e incapaz de fazer qualquer concessão à sua apresentação sonora, visual e de conteúdo. O projecto Foetus é pessoal, não admite interferências, e para além disso é esgotante, paranoico e excessivo na sua criação, e tão interminável como a sua própria criatividade. A entrada de Jim para a então ascendente "Some Bizzare" foi um impulso determinante para a qualidade das suas

produções, como para a expansão do projecto, como em novos conhecimentos. E apesar de Foetus se dobrar em múltiplas colaborações, o seu projecto pessoal continuará tão íntimo como sempre. Foetus é incorruptível; dos outros pouco ou nada retira, apenas lhes fornece a sua inquietude desenfreada. Coil, Nurse With Wound, The The, Marc Almond, Nick Cave, Swans, Einstürzende Neubauten, Sonic Youth, Roli Mosimann, Lydia Lunch e Virgin Prunes são algumas das entidades que beneficiaram do seu vigor eterno.

Actualmente Jim substituiu Londres por Nova Iorque - cidade de todas as culturas e de todos os perigos, que é afinal aquilo a que a sua música nos transporta. Os adjetivos que classificam Nova Iorque poderão ser comuns à música de Foetus: dominadora, irresistível, caótica, destrutiva, excessiva, angustiante, frenética, violenta, rápida, corrupta e trágica. Nella se reciclam todas as culturas e movimentos para uma explosão de violência contida, de fúria libertadora, da purificação através da

destruição. Como uma fonte de energia inesgotável, mas perigosamente corrosiva. O mundo continuará maravilhosamente inquieto e assustado enquanto Foetus estiver à solta.

Para os que estão dispostos a ouvi-lo:

- 81-FOETUS UNDER GLASS-"Okfm" 7"
- 81-YOU'VE GOT FOETUS ON YOUR BREATH - "Wash It All Off" 7"
- 81-YOU'VE GOT FOETUS ON YOUR BREATH-"Deaf"LP
- 82-PHILLIP & HIS FOETUS VIBRATIONS-"Tell Me, What Is The Bane Of Your Life?" 7"
- 82-FOETUS OVER FRISCO-"Custom Built For Capitalism" 12"
- 82-YOU'VE GOT FOETUS ON YOUR BREATH-"Ache"LP
- 84-SCRAPING FOETUS OFF THE WHEEL-"Hole"LP
- 84-FOETUS ART TERRORISM-"Calamity Crush" 12"
- 84-YOU'VE GOT FOETUS ON YOUR BREATH - "Wash It All Off" 12"
- 84-FOETUS UBER FRISCO-"Finely Honed Machine" 12"
- 85-SCRAPING FOETUS OFF THE WHEEL-"Nail"LP
- 85-The Foetus Of Excellence BOX (caixa vazia com T-Shirt)
- 87-THE FOETUS ALL NUDE REVUE-"Bedrock"MINILP

- 87-SCRAPING FOETUS OFF THE WHEEL-"Ramrod" 12"
- 88-FOETUS INTERRUPTUS-"Thaw" LP/CD
- 90-FOETUS INC-"Sink" 2xLP/CD WISEBLOOD:
- 85-"Motor:slug"12"
- 86-"Stumbo(Remix)" 12"
- 87-"Dirt:ish" LP THE FLESH VOLCANO (com Marc Almond):
- 87-"Slut" 12" CLINT RUIN & LYDIA LUNCH:
- 88-"Stinkfist"MLP

JOÃO CORREIA

"O cinema americano está em crise" é o cliché com o nº362 saído da gaveta empoeirada dos discursos. Quase toda a gente mais bem informada sobre a matéria sabe que tal não sucede: o cinema americano não tem crises. Pode ter falta de sucessos às mãos cheias ou obras de bradar aos céus mas, naquela conjuntura imparável e equiparada de todo o sistema cinéfilo norte americano, crise é coisa que não passa pela cabeça.

A questão é que, cá em Portugal, ainda há uma quantidade razoável de críticos "europeus". Aqueles cansados com infinita série de filmes de 14ª categoria que têm que ver, analisar e escrever. E o cinema americano fica em crise.

Talvez as pessoas não se tenham apercebido exactamente da verdadeira dimensão de toda aquela Meca do Cinema, e se já tomaram conta desse aspecto preferem ignorá-lo. Não é só a questão de lá se fazerem filmes de Cinema: em Hollywood e em todo o país americano em geral, respira-se cinema, vive-se cinema, o

sangue não é mais que líquido para as máquinas de projectar cujo som pautado se identifica com uma respiração não ofegante e tranquila. A pessoa nos E.U.A. é o cinema e o cinema são as pessoas. No todo.

É esse todo que é aproveitado pelos mais imaginativos. Dum modo mais simples demonstra-se com uma fictícia greve dos padeiros na data de 3 de Setembro de 1966: a crise, as discordâncias, as relações entre as pessoas, as evidências, os indivíduos, os comportamentos. Numa conjuntura um conjunto de pessoas, uma ideia, um argumento e, essencialmente, um bom argumentista. A pedra-basilar de todo o movimento. Adapta-se unicamente a tal história dos padeiros e têm-se um 'script' acima da média que é mostrado e tentado (A Última Tentação de Isto Tudo) às editoras. Estas gostam da tal história, escolhem um realizador consoante, talentoso e na moda e, depois, vem o 'cast'. Ora, nos E.U.A. o 'cast' é infinito, e o que há mais são actores e actrizes que saíam representar. Bang! A odisseia dos padeiros é

candidato a Óscar no ano seguinte com a melhor caracterização (talvez dos pães) a arrebatador o primeiro prémio q.b..

Tal como diz o inspirador Esteves Cardoso: é assim, pronto! Os padeiros estão na imaginação, mas quem fala de padeiros fala de relação pai-filho côxo, peripécias com as carraças do cão do vizinho, a epopeia abismal casa-trabalho no carro - que por cá daria uma história interessante - ou sei lá o quê.

Veja-se o exemplo do basebol e do 'football' (futebol americano) que nunca hão-de alastrar à Europa (a Ásia já se deixou colher mas, enfim, a Ásia é a Ásia; e tem os chineses...). Contudo os seus filmes chegam sempre cá e, tirando aqueles restos de 21ª categoria, há sempre os acima da média: "The Natural" (Um Homem Fora De Série), "Bull Durham" (Jogo A Três Mãos) e "Everybody's All American" (Morrer De Amor) (NOTA: pretende-se aqui manter os nomes originais evitando o ridículo dos títulos nacionais: Robert Redford nunca foi fora-de-série, Kevin Cost-

ner só tem 2 mãos e Dennis Quaid não morreu em lado nenhum...) são por si só bons exemplos. Está aí o charme que poucas pessoas pretendem ver. É aquilo de fazer qualquer coisa do nada. Nada se perde tudo se transforma (salta o cliché 29) e de um simples tirar macacos do nariz se pode fazer uma representação assombrosa.

Tal como Percy Adlon consegue fazer um fabuloso "Bagdad Cafe" dum argumento em que nada acontece, os americanos encontrariam dez vertentes, cada qual por si só singular, ainda que possivelmente menos significativa. Um Percy Adlon aparece de 5 em 5 anos, vindo da R.F.A.; nos E.U.A. tudo se processa a 200Km/h e pelo contrário surgem cinco Adlons - quem fala em Adlon fala em Soderbergh, John Waters, Spike Lee, etc. - por ano.

Do macaco do nariz para um "Die Hard" ou mesmo "Earthquake". Os meios financeiros fazem tudo mas a pontinha de talento é imprescindível e, no primeiro caso, John McTiernan fez das suas porque ele tem talento. Tal como

It's the hottest day of the summer.
You can do nothing,
you can do something, or you can...

DO THE RIGHT THING

Bed-Stuy

A
SPIKE LEE
JOINT



A 40 ACRES AND A MULE FILMWORKS PRODUCTION

A SPIKE LEE JOINT "DO THE RIGHT THING"

DANNY AIELLO • OSSIE DAVIS • RUBY DEE

RICHARD EDSON • GIANCARLO ESPOSITO • SPIKE LEE

BILL NUNN • JOHN TURTURRO and JOHN SAVAGE as Clifton

Casting ROBI REED Production Design WYNN THOMAS Original Music Score BILL LEE

Editor BARRY ALEXANDER BROWN Photographed by ERNEST DICKERSON Line Producer JON KIUK

Co-Producer MONTY ROSS

COMING SOON

Produced, Written and Directed by SPIKE LEE

A UNIVERSAL RELEASE
© 1989 UNIVERSAL CITY STUDIOS

RESTRICTED
UNDER 17 REQUIRES ACCOMPANYING
PARENT OR ADULT GUARDIAN

DO NOT
COPYRIGHT

Soundtrack Including Public Enemy, Guy, Al Jarreau, and E.U. Available on Motown Records, Cassettes and CD's.

eles conseguem fazer de um terramoto um filme minimamente convincente, nós por cá nem conseguimos ter a certeza que o 2CV do "Duarte e Cª" ainda funciona. É abismal compararmos-nos com os ultra-dimensionais States mas o certo é que necessitamos de nos auto-referenciar para saber onde afinal estamos, tentando evitar a desproporcionada comparação com o cinema do Bangladesh que é visivelmente inferior ao nosso. E é? Se desejamos alguma coisa do nosso cinema - e é a pergunta que fica - temos que saber onde paira o Eden (não o cinema, estúpidos!). Não necessariamente nos E.U.A. mas algures qualitativamente equivalente.

Voltamos ao princípio e reincidimos nos americanos. "Love It Or Leave It" - é simplesmente isso. O cinema americano cansa e quando pensamos que pudemos viver muito bem sem ele enganamo-nos redundantemente pois vêm-nos cegos e cercados por esta faca de dois gumes que nos dá prazer. Sim, talvez sejamos todos masoquistas mas pese embora todo o seu carácter

supra-comercial, não podemos viver sem ele.

Aliás, a vertente comercial do cinema Hollywoodesco identifica-se perfeitamente com aquela faca que também traduz os fins e os meios. Como dizia Maquiavel (não, não, evitemos o cliché 16!) o público espera que de Hollywood venham os filmes mais acessíveis tal como Hollywood sabe ser a única fonte de filmes comerciais para todos.

A fobia ao cinema americano, particularmente em Portugal, reside porque deixamos entrar filmes como "Johnny Be Good", "The Pick Up Artist", "Neighbors", "Nadine" e "Little Nikita" sem um mínimo de controle aduaneiro de qualidade. São os chamados filmes de 3ª divisão que nos surgem semanalmente no cinema da esquina conjuntamente com 'above average' que também são de alastrar. Pergunta-se: quantos filmes surgem anualmente nas salas de projecção oriundos da R.F.A., França, Itália, Leste, África e outros? Pouco mais de meia dúzia. E felizmente há um rigoroso critério de selecção pois, mau grado raras excepções à vista

de desinspirações casuais, todos têm um nível invejavelmente superior. Ora, compreende-se o quão estreita e pouco aberta possa ser a opinião pública, mas não se acredita que honrados e veneráveis críticos de cinema possam cair nessa esparrela e afirmar resolutamente que o cinema europeu é o que está a dar.

Há os bons e há os maus nos E.U.A.. Nós apanhamos com todos e generalizamos a situação abafando a realidade que é a susceptibilidade de também os bons terem altos e baixos (tal como os maus às vezes usufruem de raros momentos de inspiração). Perdoam-se os erros àqueles que já têm provas dadas porque sabemos que são humanos e também pode sair bronca. De vez em quando.

Compreende-se, então, que o mineiro das minas da Panasqueira não seja um apaixonado, tal como se aceita que um limpachaminés tenha outra saída na vida profissional por não ser afecto ao seu quotidiano do trabalho. Não se compreende é como é que os críticos de cine-

ma em Portugal - não generalizemos mas abarquemos em geral (!!!) - sentem um prazer tão arrepiante e, através das suas canetas e ideais primitivos, conseguem destruir toda uma concepção que era suposto adorarem. O crítico português não faz nada pelo cinema em Portugal; não o divulga, não o compreende, não o encaixa e não o publicita. Evita-se dar exemplos mas custa acreditar que ainda haja aqueles que vivem para o cinema neste país. Vive-se do cinema e é-se de cinema mas a contribuição fica de lado vindo ao de cima a malícia e a imaginação para fazer as pessoas evitarem a sala de cinema. Quem contesta que atire a primeira pedra.

O cinema australiano parece implantar-se com discrição e valor nos E.U.A. com o surgimento de nomes como Bruce Beresford, Fred Schepisi, Philip Noyce, George Miller, Peter Weir e Gillian Armstrong na mais consequente vanguarda antípoda que afinal já existe há mais de dez anos. Contudo ainda vale a pena apostar no cinema americano ilustrado com pérolas a nível de realização que persistem em surgir quando menos se espera.

James Cameron era um ilustre desconhecido mas não significava que não desse cartas tal como aquele tal Tim Burton que não fez só o "Batman".

Nomes como Walter Hill ("Streets Of Fire", "Red Heat", "Johnny Handsome"), Harold Becker ("Boost", "Sea Of Love"), Alan Rudolph ("Made In Heaven", "Moderns", "Choose Me"), Rob Reiner ("Princess Bride", "Stand By Me", "When Harry Met Sally"), Joel Schumacher ("Lost Boys", "St. Elmo's Fire"), Jonathan Demme ("Last Embrace", "Something Wild", "Married To The Mob") e Taylor Hackford ("Officer & Gentleman", "When I Fall In Love /Everybody's All American", "Against All Odds") não são propriamente uns ilustres desconhecidos pelo que talvez merecessem um destaquezito. Cada um à sua conta conseguiu no mínimo filmes dignos de figurar nos ilustres da década finda.

E quem é que pode não confiar no ridículo de John Landis ("American Werewolf In London", "Three Amigos", "Coming To America") na ainda competência de Ted Kotcheff ("First Blood", "Switching Channels", "Winter People") na persistência de Jim McBride ("Breath-

less", "Big Easy", "Great Balls Of Fire") no humor de Martin Brest ("Beverly Hills Cop", "Midnight Run", "Just Going In Style") e na infantilidade de Robert Mandel ("F/X-Murder By Illusion", "Big Shots", "Touch & Go")?

Entre linhas surge o fenómeno John Hughes, aquele desprezível, inimaginativo e aborrecido realizador que talvez só saiba fazer filmes de juventude em crise. Seja como fôr fá-los como peixe na água e é uma pena que filmes vivos e sensíveis como "Ferris Bueller's Day Off" e "She's Having A Baby" tenham sido esquecidos pela crítica especializada mais preocupada em varrer a vaga de filmes "jovens" do que analisar o humor e o saber de um Hughes altamente invejável e talentoso.

"Breakfast Club", "Sixteen Candles", "Weird Science", "Planes, Trains & Automobiles" e, actualmente, "Uncle Buck" são mais do que provas dadas para a sinceridade irónica de Hughes que quando não tem tempo delega os seus argumentos para Howard Deutch: "Some Kind Of Wonderful", "Pretty In Pink" e "Great Outdoors". Mais palavras para quê? É tudo uma

questão de opinião.

E muitos mais nomes de inegável qualidade parecem desflorar no novo circuito americano, alguns oriundos dos independentes, outros com referências mais estáveis: Matthew Chapman ("Stranger's Kiss", "Heart Of Midnight"), Christopher Cain ("Young Guns", "That Was Then This Is Now"), Christopher Crowe ("Saigon", "Fast Times At Ridgemont High" (Arg.), "Say Anything"), James Foley ("At Close Range", "Who's That Girl"), Dan Huston ("Mr. North", "Big Foot"), Michael Hoffman ("Promised Land", "Sisters"), Tom Holland ("Fright Night", "Child's Play"), John McTiernan ("Die Hard", "Predator"), Ron Shelton ("Bull Durham", "Blaze"), Irmãos Cohen-Joel e Ethan - ("Blood Simple", "Raising Arizona"), Penny Marshall ("Jumpin' Jack Flash", "Big"), Jim Jarmusch ("Down By Law", "Stranger than Paradise", "Mystery Train"), Jack Sholder ("The Hidden", "Nightmare On Elm Street II"), John Waters ("Cry Baby", "Hair-spray"), Susan Seidelman ("Desperately Seeking Susan", "Cookie", "Making Mr. Right"), Roger Spottiswoode ("Deadly Pursuit", "Best Of Times", "Turner & Hoock")

ou Edward Zwick ("About Last Night", "Glory") e criador do monumental "Thirtysomething"). Poder-se-ia não parar mas convém não abusar da paciência daqueles que já têm pouca.

O cinema americano pode não ser do agrado geral tal como em geral até pode não ser do agrado de ninguém mas isso não supõe crise, decadência ou debilidade. Há decerto determinados filmes que nem os americanos acreditam que possam ser concebidos e comercializados tal o seu mau gosto, mas, por outro lado, há filmes conseguidos pelos profissionais do outro lado do Atlântico que ninguém crê fossem possíveis de fazer tal a sua categoria e desenvolvimento. Dos States vem dubiamente o inacreditável e é com isso que se há-de contar todos os santos dias.

E agora umas escolhas pessoais, muito pessoais da década:

Os filmes: **Made in Heaven** de A. Rudolph; **Name Of The Rose** de J.J. Annaud; **Nine And A Half Weeks** de Adrian Lyne; **No Way Out** de Roger Donaldson; **D.O.A.** de Morton & Jankel; **Callipoli** de

Peter Weir; **Little Shop Of Horrors** de Frank Oz; **Witness** de Peter Weir; **Bindy** de Alan Parker; **The Big Chill** de Lawrence Kasdan; **Innerspace** de Joe Dante; **Full Metal Jacket** de Stanley Kubrick; **Platoon** de Oliver Stone; **Fatal Attraction** de Adrian Lyne; **The Untouchables** de Brian De Palma; **Stand By Me** de Rob Reiner; **Once Upon A Time In America** de Sergio Leone; **Ordinary People** de Robert Redford; **Quest For Fire** de J.J. Annaud; **Raging Bull** de Martin Scorsese; **Rumble Fish** de Francis Ford Coppola; **Sophie's Choice** de Alan J. Pakula; **Wings Of Desire** de Wim Wenders; **Mujeres Al Borde De Un Ataque De Nervios** de Pedro Almodovar; **Aliens** de James Cameron; **Angel Heart** de Alan Parker; **Bagdad Cafe** de Percy Adlon; **Blade Runner** de Ridley Scott; **Someone To Watch Over Me** de Ridley Scott; **Do The Right Thing** de Spike Lee; **Everybody's All American/When I Fall In Love** de Taylor Hackford.

Quantos "Xiii"? Quantos "Uuuu"? O prazer total. Mais 200 e a lista ficava completa. Bye bye como diz o nosso amigo Álvaro "Lipoaspiração" Costa.

Vivemos numa era em que se definem duas grandes classes: os desesperados e os resignados.

Numa tentativa de caracterização dos movimentos sociológicos destas últimas décadas do nosso século, surgiram-nos dois perfis que referimos como protótipos numa busca incessante da Diferença, termo que consideramos identificar-se a todos os níveis com a psicologia da época do pós-modernismo (hum?).

Definimos então duas grandes classes, depois duma análise profunda das Personalidades Indiferenciadas pela Diferença: os Resignados e os Desesperados. Já tivemos possibilidade de propagar os resultados do nosso estudo, cientificamente comprovado, acerca da primeira destas duas classes. Quanto à segunda,... leiam para se sentirem mais completos e íntegros.

Os Desesperados:

São os mais pessimistas, descontentes mas também os mais criativos e ambiciosos. A vida é uma angústia. Os desesperados estão sempre a tentar desapertar o nó que têm na garganta ou a tentar tirar uma palavra debaixo da língua. Usam relógios digitais e fazem de cada segundo um acontecimento. Respiram pelo peito e por vezes enchem-se de ar de tal maneira que provocam uma pigmentação cutânea assaz curiosa. Esqueceram-se da chave de casa pendurada no roupeiro, dos óculos na casa-de-banho e perdem as luvas em todas as boas circunstâncias que o permitem. E não digo a celebérrima frase, "só não perdem a cabeça porque está agarrada ao corpo", porque até perdem.

Quando se sentam supostamente descansados a ver TV, o joelhinho salta continuamente demonstrando uma actividade interior incessante. Não relaxam, todas as fibras nervosas falam umas com as outras, os olhos giram nas órbitas e a pior coisa que se lhes pode dizer é que fechem os olhos enquanto acordados. É vê-los temer o seu próprio interior, e todos os fantasmas não assumidos numa vivência sempre ansiosa e angustiada assaltam o "espírito" molestadamente. E,... suspiram. É evidente, todo o ar que engolem têm de deitar fora, e assim é uma maneira delicada e subtil de o fazer.

Também nos desesperados há vários grupos. Neste caso, assaz mais complexo que nos Resignados. Aqui estabelecemos os actores, os maniaco-depressivos, os suicidas, os loucos e, dentro destes, os mesmo loucos ou os génios. Fazem todos parte desta classe, de cabeça a ascender ao gracioso satélite do nosso sempre azul planeta. Os desesperados actores (atenção: não ler actores desesperados), são uma classe muito criativa. E, os desesperados actores não são sempre actores, mas os actores desesperados podem ser desesperados actores, e os actores propriamente ditos, também. Depois deste breve esclarecimento, prossigamos. Esta sub-classe caracteriza-se por estar constantemente a desempenhar um papel, e com uma tal convicção que vemos claramente que representam para si próprios. Ou seja, são sinceros na representação que fazem. Depois de pensarem numa acção, têm uma crise de taquicárdia, ficam com as mãos frias e húmidas e então actuam. Todos os artificios são poucos para os DA. Exuberantes, voz bem colocada, peito inchado, posição de ataque. Elevam-se do lugar, como se ao receber a ordem de acção passassem de mendigos a príncipes, de asnos a inteligências superiores. Tudo terá de ser feito em tempo record, bem ou mal, uns minutos de pulsação acelerada purifica o sangue. Então parte-se, e é sempre um desafio. Aí, entra o actor.

Irrrompe na sala (palco), com os olhos a sair das órbitas atentos à presa a ao público. No palco, todos os gestos têm de ser cuidados ao mínimo pormenor. A posição será sempre altiva, qual corsário, qual gazela num campo de flores, qual Hamlet, qual Bolo-Rei na montra da loja da "rua in" da vila, no Natal. Quanto termina a brilhante actuação, desfalece de cansaço, retira-se para os subúrbios e está uns dias em recuperação. Os desesperados são daqueles que começaram sózinhos. A vida pode ser uma festa ou uma doença, mas é sem dúvida, uma aventura. Está tudo preso por um fio, tudo é um estalinho na língua. Os desesperados génios são, como seria de esperar, uns incompreendidos. Encontram-se a maior parte das vezes sós, desesperadamente à procura de qualquer coisa que não identificam, ou de si próprios. A mudança é constante. São influenciados pelo clima, vivem das vibrações místicas da atmosfera. Sofrem de alergias e de fobias várias. Vivem rodeados por fantasmas qual castelo da Escócia

V I V

S O

chuvosa, qual projecção de frustrações emocionais, dos complexos de Édipo mal resolvidos. São monges duma anti-religião, temerários dum misticismo integrante, limitados ao desenvolvimento abrupto e desregado da massa cinzenta e conseqüente entorpecimento das relações socio-comunicativas. São uma aberração deliciosa e necessária. São loucos e não se assumem como génies.

Passamos aos maníaco-depressivos e suicidas. São seres, antroponimicamente falando, duma vulgaridade absoluta, antroposoficamente dentro dos limites do concebível e agradavelmente normais antropomorfa e antropograficamente. E então? Descubra você mesmo o segredo dos MD e dos S. Damos uma pista: observe minuciosamente a parte de trás do lóbulo da orelha esquerda. Nota alguma irregularidade? Pois bem, você próprio pode ser MD ou mesmo S. Tome as devidas precauções.

Sempre convosco para o esclarecimento de dúvidas ferozes.

PAULA GONES RIBEIRO

B

R

M

Ê N C I A S

1

0

1, 2, 3, 4, 5,
23, 47, 114,
1052 MINUTOS DE FITA MAGNÉTICA
"Cassettes? , Aargh!"
dirão alguns. Saliente-se
que existe excelente
música editada
unicamente em cassette,
daí a pertinência
deste artigo.
Procurou-se seleccionar
uma grande variedade
de estilos dentro
do que é corrente chamar-se
"electro-industrial"
e chamar a
atenção para o facto
de uma boa
cassette ser tão
compensadora
como um bom disco; como
raramente acontecem
milagres em Portugal,
junto vai um
punhado de moradas para
aqueles interessados que não tiverem os cordões da
bolsa muito
apertados.

CLICK!

Alimentaire S.A.-Proche Orient (1988)

Quem disse que a
electrónica alemã
já deu o que tinha a dar?
Nada mais errado,
tendo em conta esta e as
três cassettes que
se seguem. Fortes ritmos, bem elaborados, juntamente
com alguns toques
ambientais e uma
voz alternando
entre o masculino e
o feminino
definem, por alto, os
Alimentaire S.A..
"Proche Orient" é um
registo bastante
versátil,
apesar de possuir um
estilo bem
definido,
e marcadamente
alternativo.
Óptima qualidade
sonora. A
descobrir,
urgentemente!

5

2

Oltre La Morte-La Tête Contre Les Murs (1988)

Mais um excelente projecto, em moldes semelhantes ao anterior. Aliás, não é estranho o facto de os dois membros dos Oltre La Morte participarem em "Proche Orient". Também este registo - "La Tête Contre Les Murs" - se encontra muito acima da média, sendo maior, talvez, a componente experimental em relação aos Alimentaire S.A.; difícil dizer qual destes dois grupos é o melhor! Óptima qualidade sonora. Ah, a cassette vem numa caixa de sabonete!...

TURN-A-ROUT TAPES c/o Hans Jürgen Kohlen, Akazienweg 21, 4047 Dormagen 1, WEST GERMANY

Entre Deux Guerres-Démesure Et Détresse (1988)

Trata-se de um projecto paralelo aos mais conceituados Incubated Sounds, bem reputados no circuito alternativo germânico. Registo diferente dos anteriores, especialmente no que toca à vocalização, mas também a nível de sons utilizados; os temas dançáveis são mais dançáveis e os temas ambientais mais obscuros, fundamentalmente. Contudo, encontra-se bem patente a qualidade e a componente alternativa (tão apetecida nos dias que correm), o que faz "Démesure et détresse" valer bem a pena. Boa qualidade sonora.

LOSI ART c/o Thomas Sohmer, Martin Luther Strasse 65, 7 Stüttgart 50, WEST GERMANY

Lassigue Bendthaus-The Engineer's Love (1988)

Essencialmente rítmicos, os sons tendem a cair numa certa repetitividade, a qual, mesmo assim, não obscurece as boas ideias patentes neste projecto. Anuncia-se um futuro promissor para os Lassigue Bendthaus que, neste registo, não conseguiram ainda ocultar eficientemente algumas influências dos Front Line Assembly. Esperamos ansiosamente por futuras edições, a confirmar que afinal a "terra prometida" é a Alemanha e já não a Bélgica. Boa qualidade sonora.

N.G. MEDIEN, Glauburgstrasse 66, 6000 Frankfurt/Main 1, WEST GERMANY

Illusion Of Safety-Repairs (1988)

Dos 105 já se falou na imprensa musical portuguesa, há uns tempos. Esta cassette pode-se considerar demonstrativa do seu trabalho, que conjuga ritmos fortes com sons ambientais polvilhados de 'samplings' das mais diversas origens. É de destacar a poderosa versão de "Discipline", dos Throbbing Gristle, a demolidora percussão em "Tranetrash" e as excelentes colagens obtidas em "Cockbeat", onde pontificam os gemidos... Quanto ao resto, há por ali sons capazes de alimentar os piores pesadelos! "Repairs" possui uma óptima qualidade sonora, que realça todos os pequenos pormenores de cada tema. Se tiverem 'headphones', melhor!

SOUND OF PLC, 28 Bellingham Lane, Great Neck NY 11023, U.S.A.

Dominion-Melting The Emerald City (1988)

Andy Szava-Kovats é, seguramente, um dos mais prolíferos criadores musicais no circuito alternativo actual. Além dos Parade Of Sinners, Compound e dos já

afamados Data Bank A, mantém ainda os Dominion. Nesta cassette encontramos oito temas semi-ambientais com uma pureza sonora admirável, totalmente instrumentais. Quando se refere a natureza semi-ambiental deste registo, isso não implica qualquer comparação à monotonia pseudo-intelectualóide da New Age, cuja pronuncia causa bocejos...

Aqui existe ritmo, em geral discreto, mas por vezes mais aparente. Os títulos são épicos - "Somewhere On The Dark Continent", "The Scourge Of God", "Theme For The Front", etc. - e a visualização da música é uma consequência lógica da sua audição! A beleza pode ser efémera, mas esta cassette, se a conservarem bem, pode durar uns bons anitos... Excelente qualidade sonora!

K.O. CITY STUDIO,
P.O. Box 255 Dracut, MA 01826,
U.S.A.

White Hand-Prologue/Epilogue (1988?)

Ruído. Ruído. Ruído.

Não é insuportável mas é incomodativo. Ouvir esta cassette enquanto se lê um bom

livro de terror pode ser traumatizante...

Gritos, sons indistintos, pesadelos, pesadelos! Crilos, também se ouvem... A embalagem é constituída por uma caixinha negra, feita à mão, e a cassette tem ambos os lados envolvidos por papel-autocolante, pelo que é necessário rasgar uns pedaços para a poder introduzir no deck!

Isto é normal vindo desta editora, que obriga sempre o ouvinte a fazer algo para poder ouvir as suas cassettes. Enfim,

"Prologue/Epilogue" requer um estado de espírito muito particular.

Razoável qualidade sonora.

BANNED PRODUCTION,

P.O.Box 323 Fremont;

CA 94537, U.S.A.

Big City Orchestra-Animal Religion (1988)

Mais ruído. Mais ruído. Mais ruído.

Desta vez um pouco mais calmo... Mas aterrorizante, ainda, até porque todos os temas são compostos por sons de animais (é o que diz na cassette); assim temos "Monkey", "Dog", "Horse", etc., tudo conjugado para nos fazer passar um mau bocado - bom,

1.

5

2

depende do estado de espírito, também... Digamos "muzak para uma clínica veterinária decadente" e não se andará longe da verdade! Não me atrevo a dizer que é boa ou que é má, mas há sonhos bem piores. A reputação da editora, deve suscitar, pelo menos, a curiosidade de alguns. O grupo, esse, está perfeitamente consciente do público a quem se dirige, e não é de ânimo leve que afirma "only your pet can enjoy"! Boa qualidade sonora.

RALPH RECORDS, 109 Minna #391, San Francisco, CA 94105, U.S.A.

Liquid G-Declaration of War/The Execution/Politics of Pleasure (todas de 1988)

Liquid G é Peter Van Bogaert e, por esta altura, já deve ir na oitava ou nona cassette editada, desde 1987. Afirma que não acha a sua música suficientemente boa para vinil! 99% dos temas têm uma base puramente rítmica e a voz, quando surge, é para agredir; nem sempre da melhor maneira, admira-se, mas com excepções óptimas. É um trabalho extremamente alternativo e, sobretudo underground, que peca, contudo, num aspecto: o facto de produzir tantos registos com o mesmo equipamento leva a que, por vezes, se notem sons muito parecidos em bastantes temas. Mesmo assim, clássicos como "Never Land" merecem atenção! Boa qualidade sonora em todos os registos.

LIQUID PRODUKTS, Dijkstraat 136, 2740 Melsele, BELGIUM

Suicide Commando-This is Hate (1989)

Johan Van Foy está, neste momento, em fase de

aperfeiçoamento da sua música, e esta cassette é, seguramente, um passo adiante em relação à primeira (de 88), "Tremor Simplex". Os ritmos que ele constrói são simples mas poderosos e, geralmente, não são acompanhados de vocalização. A característica que melhor distingue este projecto belga de outros análogos, no entanto, é o extremo minimalismo das suas composições - minimalismo dos ritmos, é claro que se repetem até à exaustão (não do ouvinte)... Muito esporadicamente ouve-se uma voz que, juntamente com uma guitarra, deverá estar presente em próximas edições. Boa qualidade sonora.

ZNS Tapes-Cortisol (compilação 1989)

Apresentam-nos dezanove grupos oriundos da Europa Ocidental/Central (U.K. not included), e uma do Japão - S.Core. Em geral, não se pode dizer que não seja uma selecção perfeita, há sempre aqueles de que se gosta e aqueles de que não se gosta, mas, também, é preciso ver que esta compilação abarca praticamente todos os estilos dentro do dançável.

Destaque para os Incubated Sounds (com o seu cartão de visita "Reformation"), The Acid Dreams, Alimentaire S.A., Trigger B e, muito especialmente, o excelente "Achtung! Giftgas!" dos E!Trnchn. Em temas menos inspirados encontramos, por exemplo, Liquid G e Suicide Commando. Quanto ao som, deixa um pouco a desejar, embora não seja crítico.

ZNS TAPES,
c/o Andreas Vogel,
Hauptstrasse 18, 4630 Bochum, WEST GERMANY

NTS Productions-Musick for The Sloth (compilação 1988)

Um aperitivo do que nos reserva o continente norte-americano, palco de muitas surpresas. Assim, temos dois temas para os Batz Without Flesh, que representam um estilo ritmado e agressivo; os construtores de sons Illusion Of Safety; os sinistros (quase) belos Crowded Krypt; os chatos dos Smersh, cujo som

cheira a milhas; os bizarros 911; etc.. "Musick For The Sloth" é, sobretudo, útil para se conhecer este tipo de produção nos EUA, e tem grupos capazes de nos surpreender agradavelmente. Boa qualidade sonora.

NTS PRODUCTIONS, 742 Paper Mill Road, Newark, DE 19711, U.S.A.

Electro Row Recordings-The 1990's Voice Of Electro Row (compilação 1989)

Talvez fosse legítimo esperar mais desta compilação de grupos/artistas britânicos, que constitui uma fraca desilusão... Os S.L.B.C. com um acid de merda; com os The Remains com rock anos 50, versão electro; Pink Industry e Ambrose Reynolds (membro desse grupo) com ritmos electro-naives que não aquecem nem arrefecem; The Icons Of Noise e o seu estilo confuso e artesanal; os Psycho Terrorists com a sua habitual espécie de electro-punk; The Fuck Pops (Incarnate+The Icons Of Noise) e uma mescla de ritmos tipo Vomito Negro. Na equipa dos melhores, jogam os Attrition com o eterno "Take Five" (eterno porque está em todas); The Incarnate e a excelência de "Sacro Lumbar"; os poderosíssimos sons de Nile Manilow; os promissores Urban Strawberry Lunch (membros dos Pink Industry); por último os excelentes St.Limbo com "A Celebration", bela melodia apoiada num triunvirato violino/percussão/voz feminina que deixa uma cascata de água na boca! Concluindo, há do melhor e do pior, sendo a qualidade sonora abaixo da média, em geral.

ELECTRO ROW RECORDINGS, 20 Machon Bank, Sheffield S7 1GP, ENGLAND

Facadas Na Noite-13 Incisões (compilação 88)

Portugal bem precisa de iniciativas deste género, e só é pena que tenham que sobreviver à custa de muito empenhamento pessoal e poucos apoios externos (felizmente, parece que isso tende a mudar). "13 Incisões", quando surgiu, era um projecto inédito no nosso país, tendo a grande vantagem de incluir, na sua grande parte, temas exclusivos. Assim desfilam os White House White e a sua electrónica (aqui) sensaborona; The Icons Of Noise confusos como sempre; Vomito Negro excelentes, como (quase) sempre; Suicide Commando (sempre) minimal; Dominion atmosféricos; Liquid G igual a si próprio; Los Humillados sem primar pela originalidade (experimentais??); H.I.S.T. pelo contrário, cheios dela e, ainda por cima, de imaginação (registre-se a excelente aceitação que tiveram entre a maioria dos restantes grupos quando ouviram "Kalat'uku"); A La Vollgas explorando a sua veia ambiental e os espetaculares E!Trnchn, com o exclusivíssimo "Trianite 27" (já que a master-tape parece ter desaparecido!).

Ótima qualidade sonora, exceptuando os dois temas dos Icons Of Noise. Comprem já!

L'Ego/H.I.S.T.-Biologia (1989)

Um dos cérebros dos ...Of Tanz Victims dizia que de certo modo viver em Portugal é uma vantagem, porque nada ou quase nada foi feito em termos de música

electro-industrial, mas claro que nós, portugueses, já há muito que sabemos isso.

Abel Raposo e Eurico Coelho também o sabem, certamente, e por

isso prosseguem o seu trabalho de há anos neste campo (bom, mais ou menos

neste campo...). O som por eles criado (ou por Eurico Coelho, apenas como L'Ego)

tem indubitavelmente uma marca pessoal e é bastante difícil de assimilar,

encontrando-se recheado de pequenos pormenores: "Moska

1234", "Blue Lipstick",

"Lapso/23", "Lapso/456",

"Burning Acropolis" (L'Ego),

e "Lapso/1", "Vorwärts",

"Louwadeus",

"Kalat'uku", "Deslizar" (H.I.S.T.) são

temas que mereciam muito melhor

sorte e um tratamento

mais sofisticado, e que deveriam

acordar Portugal da letargia em que se encontra (felizmente que ela tende a passar).

Alguns sons que se

repetem frequentemente

constituem o único senão

mas quem é que pensa nisso

quando ouve o excelente

"Burning Acropolis", brava

experiência ambiental (e é de

experiências que ambos os

projectos tratam!). Boa qualidade sonora.

FACADAS NA NOITE,

Apartado 1058, 4700 Braga, PORTUGAL

Recopilacion L.A.P.

(compilação promocional 1989)

A Espanha sempre foi, na década que

passou, um dos baluartes da

música electrónica,

nela ploriferando as

experiências com o som, ao longo dos anos,

especialmente em Barcelona.

De Madrid, contudo, surge a

Línea Alternativa

(lembram-se dos anúncios no Blitz?),

distribuidora que, após

uma remodelação do catálogo, se

empenha em divulgar discos

e cassettes das consagradas

Discos Esplendor Geometrico e Grabaciones

Accidentales/D.R.O..

Assim, esta "Recopilacion" é um apanhado das melhores

cassettes do catálogo Línea Alternativa,

incidindo exclusivamente sobre as vertentes

experimental/industrial da música

electrónica (como é

apanágio, aliás, das

referidas editoras). Nela figuram:

1.

5

N

32 Guajar's Faragüt, Conrad Schnitzler, Jabir e Rafael Flores (mais conhecido pelo seu projecto Comando Bruno), todos monotonamente experimentais; Victor Nubla (veterano do underground Espanhol há mais de uma década com os Hachimassa), interessadamente experimental; Miguel A. Ruiz maravilhosamente experimental; e os inevitáveis Esplendor Geométrico na sua fase mais ruidosamente industrial (uma cassette de 1981)! Todos estes nomes podem ser encontrados no catálogo da Línea Alternativa por aqueles que, como diz o Fred, frequentam habitualmente os Encontros de Música Contemporânea da Gulbenkian. Siga a linha! Boa qualidade sonora.

LÍNEA ALTERNATIVA PRODUCCIONES, Apartado 49, 28800 Alcala de Henares, Madrid, ESPANHA

Halfmoon Dragster-Cosmic Consciousness (1988)

Tendo a segunda cassette surgido nos escaparates há algum tempo, somos aqui agraciados com o privilégio de poder apreciar a primeira edição deste projecto ex...Of Tanz Victims. Já não se pode falar de industrial, mas os Franceses têm uma designação que parece servir às mil maravilhas - "musique bruitiste"! O termómetro "experimental" acusa, na boca desta cassette, pelo menos quarenta graus, com uma complexa teia de colagens sonoras a tomarem o lugar do mercúrio! Não se trata de um experimental chato, monótono, mas sim de sons constantemente em movimento, não dando tréguas ao ouvinte; praticam o terrorismo sonoro, mas também a coerência rítmica e melódica, e o fuzz da guitarra a la ...OTV audível no background tem a consistência do betão, quando aparece. Madonna e "Like A Virgin" são o alvo privilegiado de espantosas colagens em "Madonna Cervix Call Jehovah".

Esquisito, este título? E que tal "Loom Panic Cultist 7" ou "BMX Papal Rip" ou "Sanitary Napkins of Satan"?! E que tal esperar pela segunda cassette que, segundo consta, usa e abusa de filmes XXX rated e terroríficos?

O legado dos ...OTV não vai ficar por aqui e, se o guitarrista anda em tournée com outra banda, o terceiro membro vestiu-se de A La Vollgas e fez umas demos fabulosas! Quanto à qualidade sonora, não me posso pronunciar rigorosamente, mas, a avaliar pela gravação que ouvi, é boa. Injectem-nos!

TANZ GESELLSCHAFT, C.P. 5373 Montreal, Québec H2X 3M4, CANADA

Ibérico-Compilação (1990)

O Ibérico gosta bué de vocês, e pode orgulhar-se de apresentar, nesta compilação, um conjunto de nomes que ou já fizeram história ou não tardarão a fazê-la; entre a sobriedade rítmica dos sobejamente conhecidos Bourbonese Qualk e ao desfile de ruído do mestre Asmus Tietchens, cabe o semi-classicismo dos versáteis Controlled Bleeding, o perfeito domínio do 'sampler' evidenciado pelos veteranos Pornosect e Nocturnal Emissions, a envolvente claustrofobia sonora dos Somewhere In Europe, os 'dancefloor smashes' dos A La Vollgas (ver crítica

...OTV noutro local), Johnson Engineering Co. (revelação indubitável em 1988, hoje extintos), Lassigue Bendthaus e Federal State (falhos de originalidade, com uma caixa de ritmos decalcada dos JEC); por fim a consistente representação portuguesa, com o sarcasmo doentio (e brilhante!) dos Hesskhé Yadalanah em "Udi" (e a sua muzak para estações ferroviárias em "In Location!"),

o impagável humor dos Hazdam numa interpretação pessoal de "Thinking In The Rain", e o surpreendente projecto A.N.A.N.A.N.A. com "Music For An Empty Place", um exercício semi-improvisado destinado a preencher os cerca de 7 minutos de fita que sobravam.

Saliente-se que a maioria dos temas são inéditos, à data da edição, havendo mesmo uma meia-dúzia que não aparecerão em qualquer outro registo. Razões que, de parceria com os nomes citados, deveriam causar mortos e feridos na competição pelos duzentos exemplares emitidos. A qualidade sonora é variável, sendo em geral boa!

IBÉRICO,

Rua João Frederico Ludovice, 24H 720t9,
1500 Lisboa, PORTUGAL

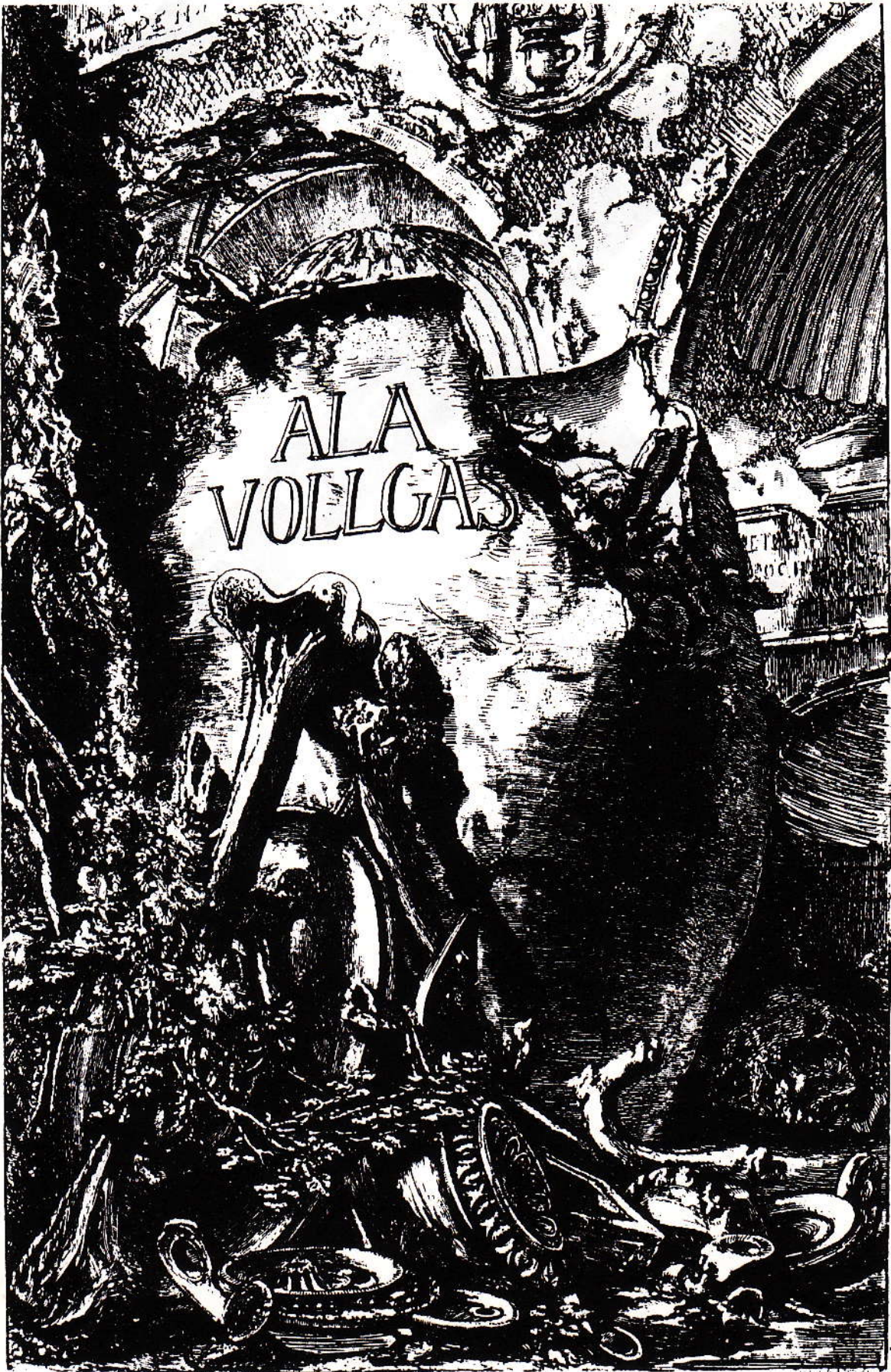
Click!

JOSÉ ANTÓNIO MOURA

CADERNO



AS TREZE PAGINAS
SEGUINTEZ FAZEM
PARTE DA CASSETTE
DO IBERICO.
ALGUMAS DELAS FORAM
ORGANIZADAS PELAS
BANDAS E OUTRAS
PELO PROPRIO
IBERICO.
APENAS UMA
PEQUENA CORRECCAO
NA PAGINA DOS
NOCTURNAL EMISSIONS.
A MORADA JA NAO
E A INDICADA MAS SIM:
P.O. BOX 106,
NEWCASTLE-UPON-TYNE
NE99 1QG,
ENGLAND.



SOMEWHERE IN EUROPE

Andrea James and David Tiffen started producing experimental music under the name Somewhere In Europe in 1983. In 1986, they issued a cassette on their own These Silences label; two years later, they issued a second cassette, called Dark Days, it continued their experimentation with noise, found sound, repetition and fragmentation. Douglas P. (of Death In June) and Gabrielle Quinn (an artist who has exhibited her work in Britain and in Europe) contributed to two of the tracks.

Since the release of Dark Days, SIE has contributed to several compilations - some of which have yet to be released. This new material extends and elaborates on the earlier work and, again, Douglas and Gabrielle have contributed to some of the tracks. SIE's third cassette will be released later this year.



David and Andrea maintain that they identify with the European avant-garde art tradition (Futurism, Dada, The Situationists, Mail Art etc) rather than with the Anglo-American record industry. They like using cassettes rather than vinyl because it is a cheap and adaptable medium - "if you don't like the music, wipe it and reuse the cassette!"

Besides working as SIE, Andrea and David also produce Certain Gestures arts zine. They see this as complimentary to the music; as providing a visual and verbal version of the tapes. "We're particularly interested in repetition and the reuse of existing material in order to subvert the listeners' or readers' expectations and knowledge; we're interested in exploring the interrelationship that exists between originality and repetition."

you have a new t
and a track fr
Federal State.

P. O. BOX 798, London W14 9NT, ENGLAND

ing Co. have
new material.

"Songs From The Drain"
 "Music From Scourging Grounds"
 "Songs For Gilded Chambers"
 "Songs From The Ashes"
 (edição americana de "Scourging
 Grounds" e "Gilded Chambers")
 "Songs From The Grinding Wall"
 "Fodder Song"
 "Trudge"

LP-DOSSIER REC.(RFA, 1987)
 CD-Reedição KK REC. (Bélgica, 1989)
 LP-SUB ROSA (Bélgica, 1989)
 CD-C'EST LA MORT (EUA, 1989)
 EP/CD-WAX TRAX! (EUA+Inglaterra, 1989)
 EP/CD-WAX TRAX!+P.I.A.S. (EUA+Bélgica, 1990)
 LP/CD-WAX TRAX!+P.I.A.S. (EUA+Bélgica, 1990)

"Gag" LP(compilação de temas ambientais)-MATERIALI SONORI (Itália, 1990)
 "Hog Floor" LP(compilação da fase 'noise')-SUBTERRANEAN (EUA, 1990)

CONTROLLED BLEEDING 54 Locust Street, Massapequa, New York, 11758, U.S.A.

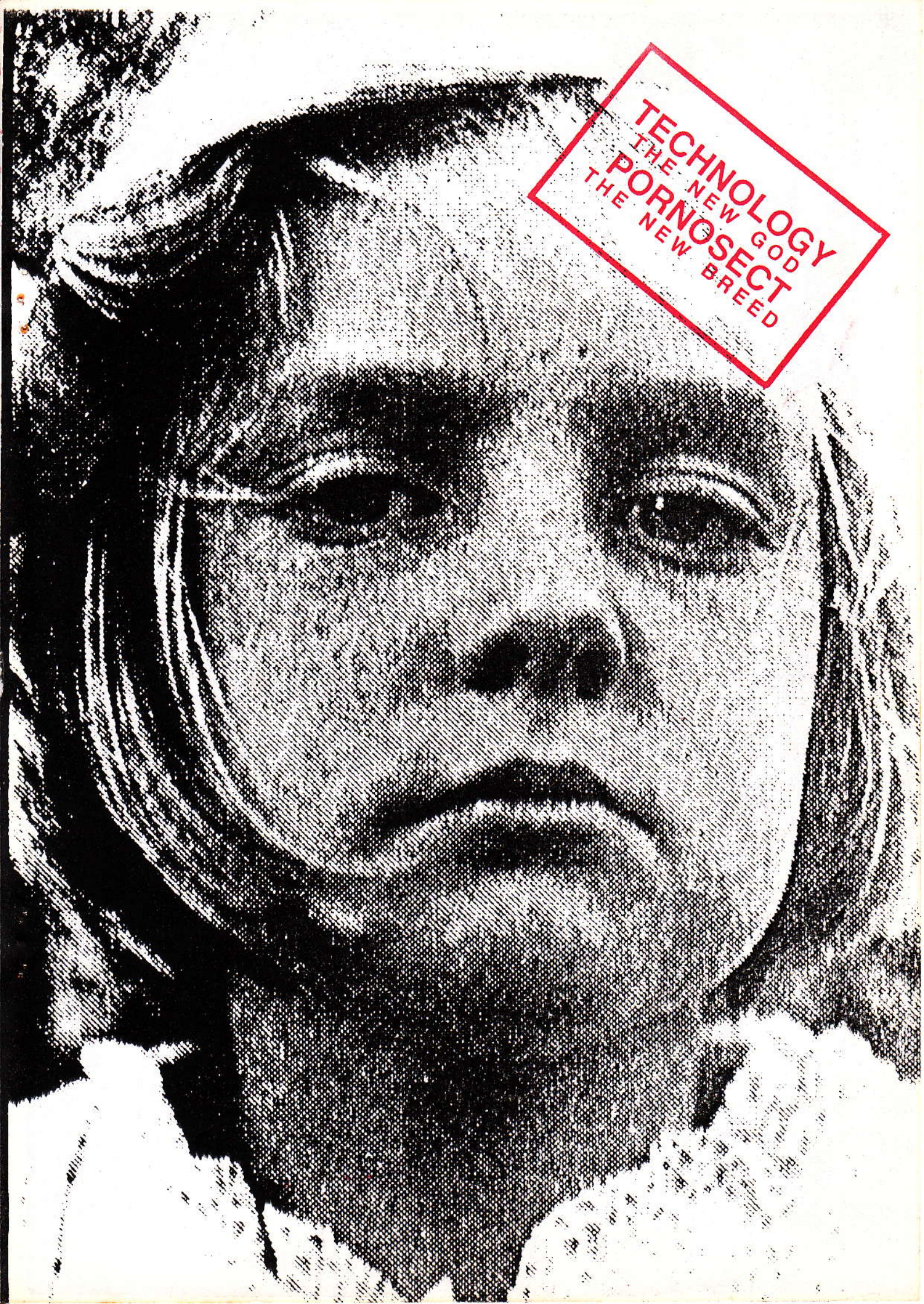


P.O. BOX 244, London SE1 5AZ, ENGLAND, BOURBONNESE

BOURBONNESE QUAIK

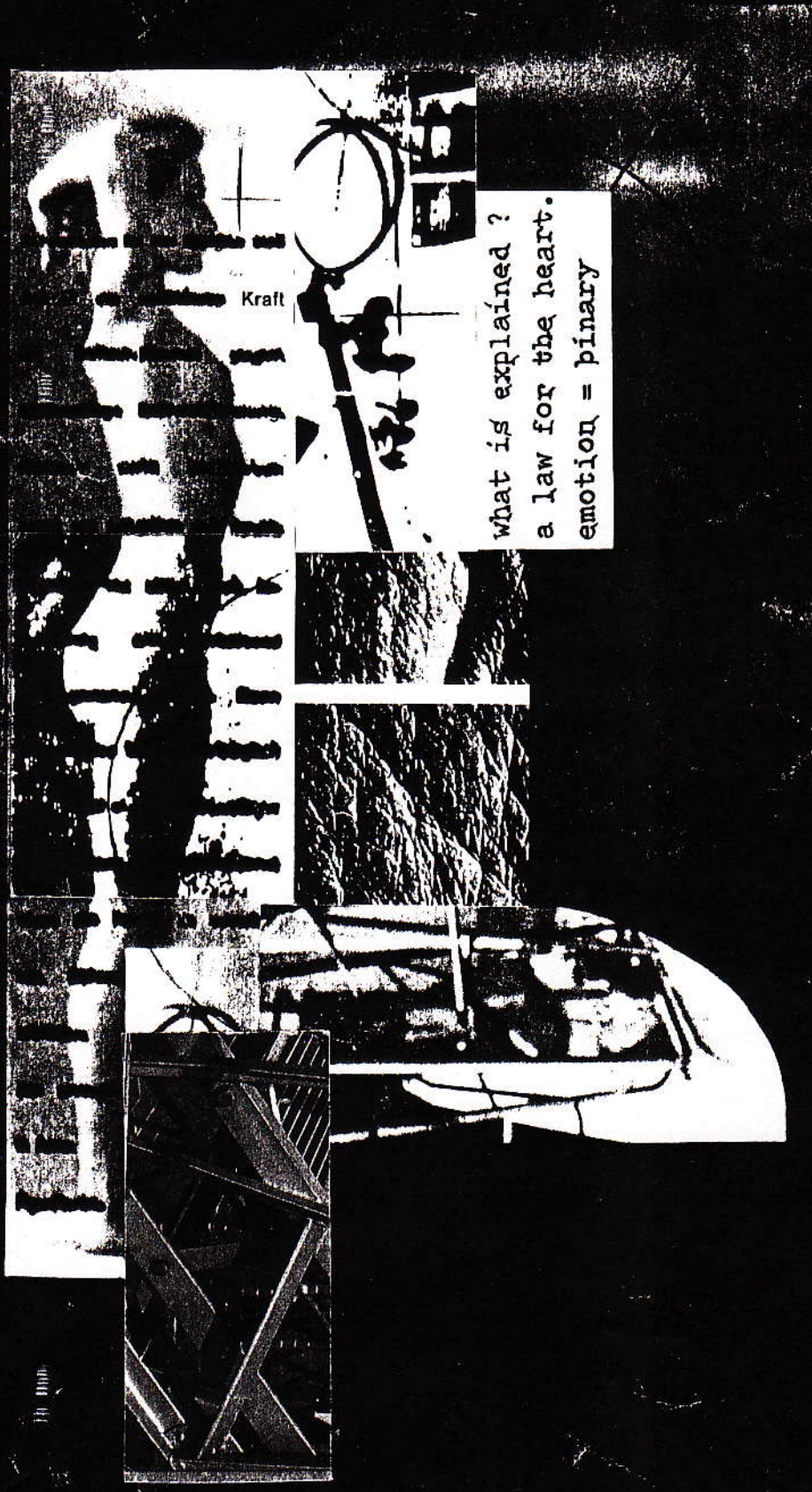
BOURBONNESE QUAIK





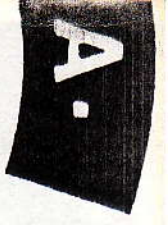
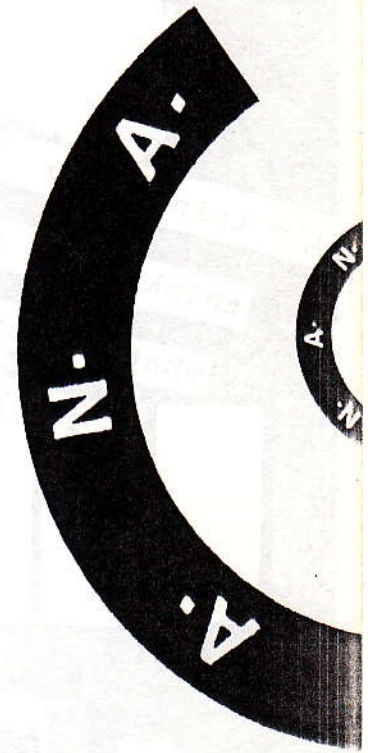
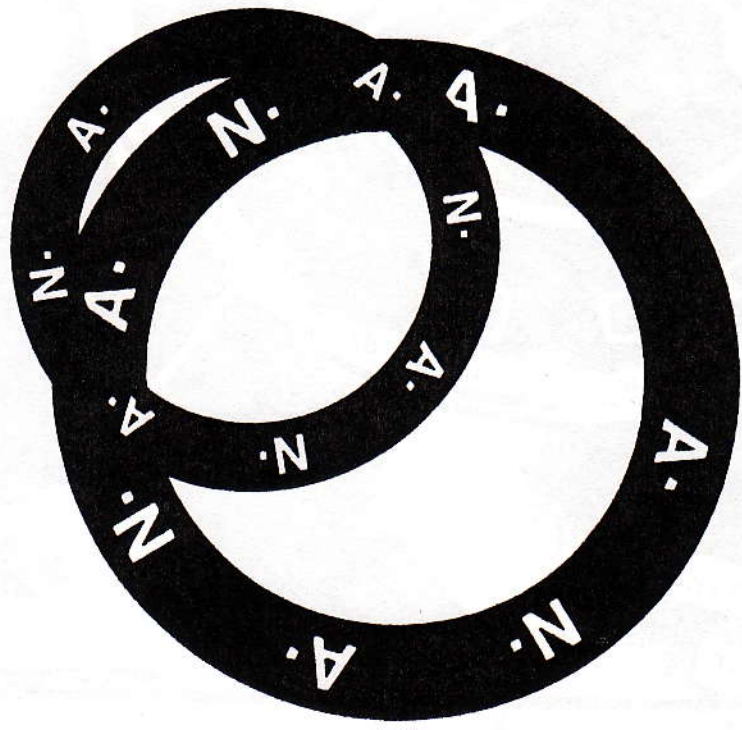
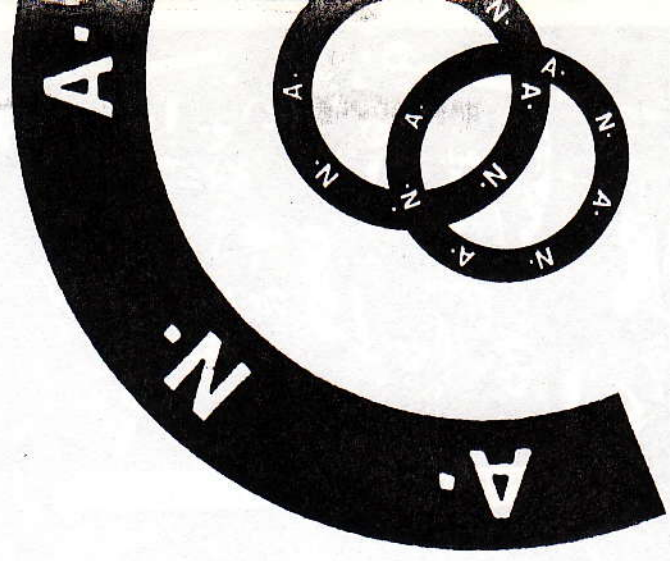
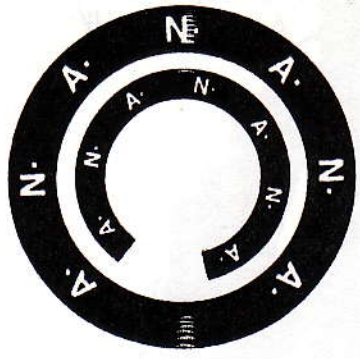
TECHNOLOGY
THE NEW GOD
PORNOSECT
THE NEW BREED

Contact: ng medien, c/o lassigue bendthaus, glauburgstr.66, 6000 frankfurt 1



what is explained ?
a law for the heart.
emotion = binary

MEMORIA LEBRE CAÇADOR CAMPO, CALÇADA DO GALVAO, LOTE D, 39 ESQUERDO, 1400 LISBOA, PORTUGAL



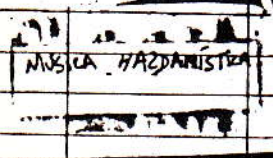


NÃO GOSTO DOS ANOS 70'S!!

"THINKING IN THE RAIN"

sanções disciplinares.

DESFILE DE MODA CONTEMPORÂNEA



Informar-se todas as

LETRAS que a Organização deste

jovem aluno de licen decidiu aplicar

nÃO sei O QUE É ISSO DE HAZDAM

I'm thinking in the rain
thinking in the rain
what a glorious feeling
I'm happy again

O GORDO: O COSTELETA.



I've come back again!

Capital Social 2.000.000\$00
Cons. Reg. Com. de Lisboa

I'm thinking... Just thinking in the rain

- 1 Jogo de suspensão



NAO ACREDITO NO SENTIDO DAS COISAS!

TA TA TA TA TA
RA TA RA TA TA

DA ZDRAVSTVUET REVOLJUCIA

Manor Farm House

Blackwell Near Buxton

Derbyshire SK17 8QT

ENGLAND

NOCTEM JURNALSSON

TA

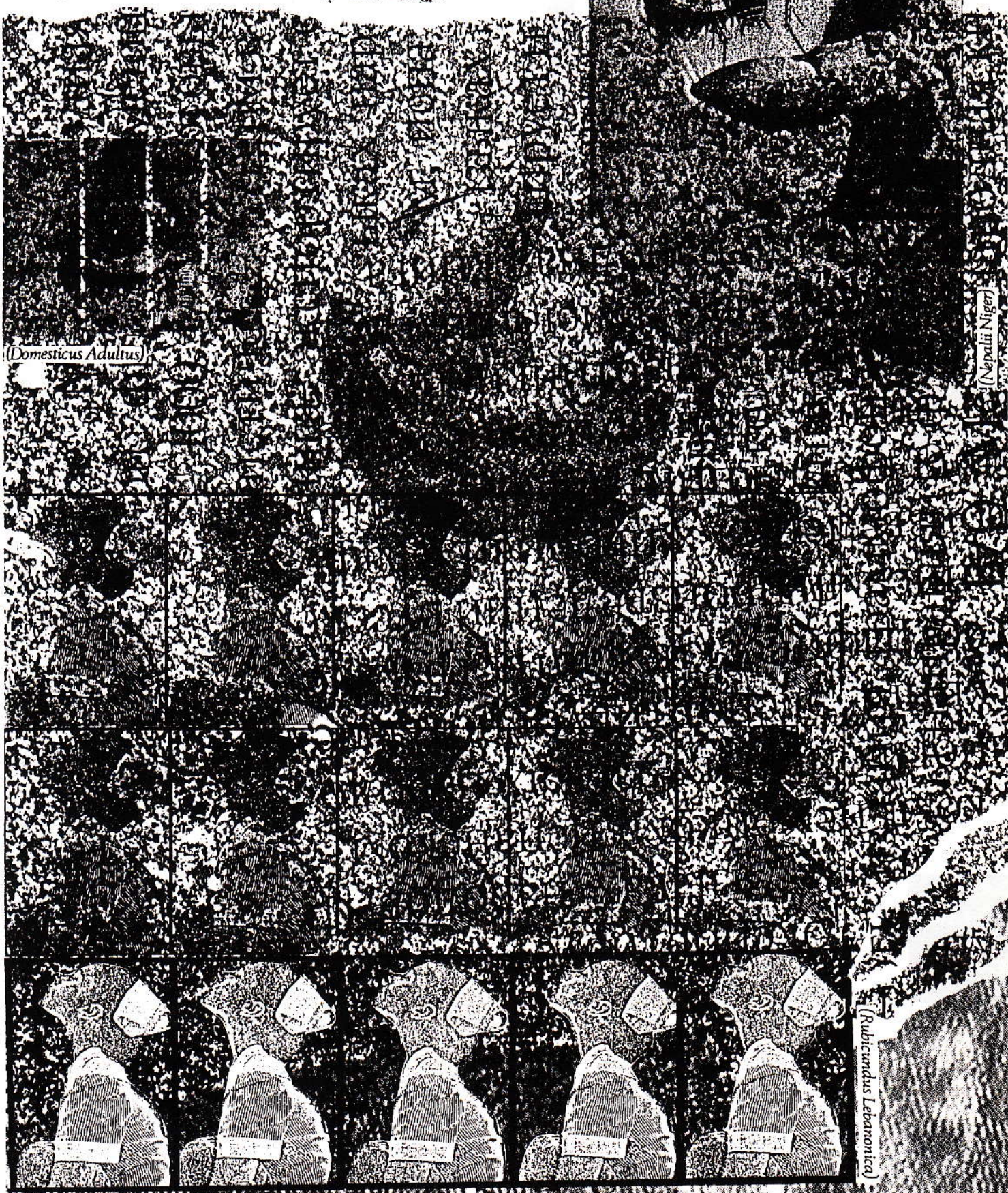


AT



A S M U S T I E T C H E N S, H O C H A L L E E 2 3, 2 0 0 0 H A M B U R G 1 3, W E S T G E R M A N Y

HESSKHÉ YADALANAH



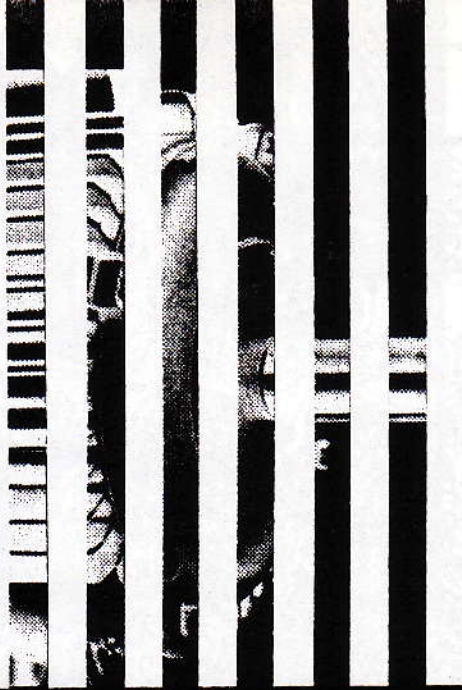
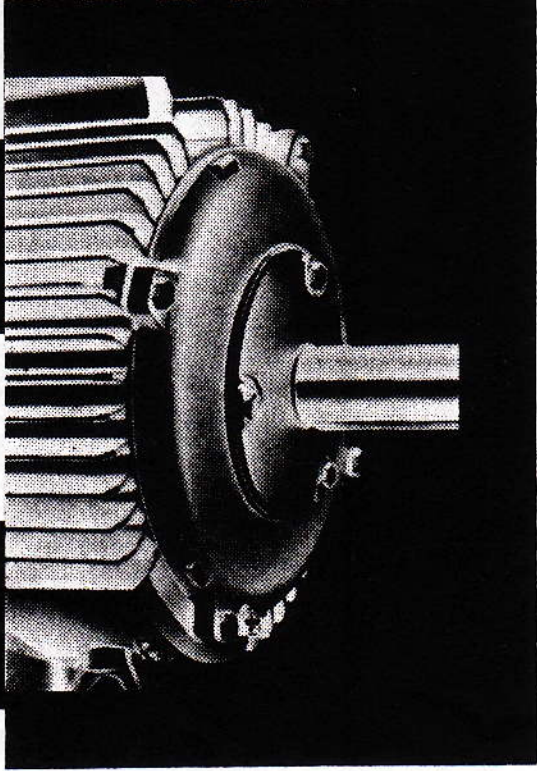
(Domesticus Adultus)

(Nepalii Niger)

(Rubricundus Lebanonica)

ARREQUENCIO
SAUND IMAGES

HESSKHÉ YADALANAH
c/o memória «lebre-caçador-campo»
calçada do galvão, lote d-3.ºesq
1400 lisboa portugal



JOHNSON ENGINEERING COMPANY, P. O. BOX 798, LONDON W14 9NT, ENGLAND

Sairam todos um a um. Voltou para o quarto e começou a despír-se. Enquanto descalçava os sapatos deixou cair a cabeça sobre o peito e inspirou três vezes, pensava em nada e assim ficou algum tempo olhando as meias, depois as unhas. Era tarde na noite mas o sono desaparecera há algum tempo. Finalmente compreendeu que naquela imobilidade muito tempo fora gasto. Abriu a cama, acendeu o candeeiro e apagou a luz do tecto. Procurou um livro. Nunca o lera. Tirou os óculos e leu as notas da contracapa: "revela o mundo vertiginoso e por vezes surpreendente do homem...". Abriu enfim a capa azul. Viu letras, centenas, milhares. Dizia-se: "nunca o longe chegou tão perto". Agradou-lhe. Começou a ler. Falava de gigantescos dinossauros de pedra com luzes nos olhos. Gostou. Começou a ler a segunda: "o telefone acordou-o às 5.30 da manhã". Continuou a ler: "não percebia bem porquê mas a estrada parecia-lhe extremamente perigosa". Sentiu um arrepio, cada página parecia confirmar o pressentimento que tivera no início. "Até então, julgava que sabia, mas subitamente, tudo aquilo lhe pareceu perfeitamente estúpido". Sentiu-se repentinamente frustrado, costumava escrever assim, não achava que fosse a escrita ideal porque a conhecia bem demais, de qualquer modo era bastante melhor do que o que costumava escrever. A personagem era-lhe familiar, a ficção era-lhe familiar, lia como se fosse o próprio autor, estava absolutamente pasmado. Sentiu-se mal, usurpador. Aquilo era melhor do que o que alguma vez escreveria. Ainda assim teve a certeza de que poderia muito bem ter sido ele o autor. "Toda a equipa lhe acenava furiosamente para que abrandasse. Não via ninguém. O realizador atirou o chapéu ao ar." Sentiu os olhos humedecerem-se ferozmente, cinco páginas apenas, linear como tudo o que julgava ter escrito. "Longe dele, longe. Apatetado. O mais alto céu que jamais tinha visto". Sentiu-se esquisito. Perguntou a si mesmo se não estaria a ser demasiado ambicioso, pretensioso mesmo. Sorriu emocionado. Sentiu a face corada soltar gotas de suor. E uma lágrima injustificável. "Subitamente, viu-se a si mesmo. Como um relampago, reencontrou-se. Não havia mais dúvidas sobre quem era a personagem". Acabava assim. Fechou o livro quase violentamente e apagou a luz acendendo um cigarro. Abriu a janela e, enquanto o vento frio expulsava o fumo do quarto e lhe secava o rosto, deixou-se adormecer. Sonhou que num qualquer dia de Março de mil novecentos e setenta e nove estivera em Shinen, Texas, com o marido da mais bela de todas as americanas. O seu grande amigo Sam Shepard... só sabe do seu grande amigo Sam Shepard. RAFAEL GOUVEIA



S

PREPARADISE SORRY NOW

Para além do espelho, esconde-se o Paraíso, do espelho reflecte-se a nossa imagem, o quotidiano que por trás de nós se

movimenta, pessoal e imprevisível.

É demasiado óbvio que quase sempre se afigura impossível resgatar o espaço procurado.

Os sentimentos são negados, a perfeição tornou-se inexpressiva, todos estão possesos pelo seu alcance, a imediatez desse desejo é suprema.

Há que eliminar os que concorrem para esse mesmo objectivo.

O

SOBRE A AGRESSIVIDADE

(...)Dia-a-dia os "media" fornecem-nos o nosso lote quotidiano de violências.(...) Os modelos agressivos do comportamento são largamente trazidos ao conhecimento de todos pois os mass media privilegiam mortes, guerras, violências... para interessar o seu público.(...) Se, por um lado, eles vão ao encontro dos nossos desejos ao informarem-nos disso e ao cultivarem o catastrofismo, por outro, os acontecimentos que eles relatam são bem reais e minam perigosamente a confiança - lúcida e razoável - que o homem deveria ter em si próprio e no seu futuro.(...) O espectáculo da violência considerado como catarse foi visto por muitos como um passo psicoterapêutico eficaz permitindo a libertação da "energia agressiva" que, segundo eles, se acumularia fatalmente. Mas, na verdade, essa catarse tem muitas vezes o efeito de reforçar positivamente os comportamentos agressivos, ou seja aumentar as probabilidades de manifestação desses comportamentos.(...)

RR

A AGRESSÃO, MEIO DE EXPRESSÃO E ACÇÃO

Dado que a Agressão, seja individual ou colectiva, constitui um meio de expressão e de acção susceptível de ser posto em prática em circunstâncias e contextos muito diversos, importa sublinhar - desde já - os perigos que cria a proliferação (...) dos instrumentos que permitem a morte.(...) Na maior parte dos mamíferos, os comportamentos sócio-afectivos do adulto dependem consideravelmente do modo como o indivíduo aprendeu, no decurso das fases precoces da sua vida, a comunicar com os seus congêneres, a desenvolver as suas faculdades de "percepção social" (que lhe permitiriam prever o comportamento dos outros e agir em consequência) a estabelecer relações sociais e a adaptar o seu próprio comportamento à dinâmica que as rege. (...) O estabelecimento progressivo de laços sociais permite então ao indivíduo enfrentar, sem medo excessivo, situações inabituais e fazer-lhes face de modo eficaz.(...) No animal como no homem o valor instrumental da agressão é objecto de uma aprendizagem: o cérebro regista os resultados obtidos pela utilização desse instrumento e tem-nos em conta quando analisa posteriormente a mesma situação ou uma outra análoga.(...) Todas as vezes que uma agressão permite

· obter um resultado antecipado e muito desejado a obtenção desse resultado aumenta a probabilidade duma utilização posterior da estratégia cuja eficácia acaba de ser confirmada.(...) Em todas as idades o homem aprende - e é-lhe ensinado - que a agressão constitui um meio de acção que não deixa de ser

compensador, sobretudo, se é utilizado sem escrúpulos e com habilidade.

(...) Na idade adulta cada indivíduo tem a sua forma pessoal de resolver os problemas e constatamos que certos indivíduos aprenderam a utilizar condutas (...)

francamente agressivas para controlarem o seu ambiente. Esta forma de agir transforma-se num verdadeiro "estilo de comportamento". (...)

Aqueles que, no decurso da infância estiveram expostos à violência (quer a tenham observado, ou deia tenham sido vítimas, ou nela tenham eles próprios participado) têm tendência mais do que os outros, a aprovar o uso da violência para fins pessoais ou políticos.(....)

Algumas considerações merecem a pena ser feitas a propósito da noção de "estigmatização", que não é senão um caso particular do processo de

"categorização" que todos utilizamos para estruturar o nosso ambiente social e que pode ter, em certos casos, um efeito despersonalizante

e desumanizante. No seio de uma sociedade global certos grupos de alienados ou delinquentes são considerados como "inferiores"

em consequência de estereótipos ambientais; esta desvalorização é interiorizada, o que conduz esses grupos à autodesvalorização

ao enraizamento "numa identidade social" depreciativa e na negatividade generalizada.(...)

(...) Porque é que nos apressamos a deitar culpas sobre esta ou aquela "categoria de homens" (os alienados, os delinquentes, os

criminosos...) mais do que em afirmar abertamente a reprovação deste ou daquele tipo de actos? Não será porque é fácil

persuadir-mo-nos que não pertencemos em nada a nenhuma dessas categorias ("eu não sou desses") (...) e que seria

talvez mais difícil persuadir-mo-nos de que somos perfeitamente incapazes de cometer semelhantes actos?

No domínio que nos interessa aqui, o das interacções humanas, o "sentido moral" corresponde

fundamentalmente ao "sentido de justiça" quer dizer, à tomada de consciência e ao reconhecimento

da igual dignidade de toda a pessoa humana, assim como a aceitação de uma verdadeira

reciprocidade em todas as interacções humanas, o que resulta no pleno

reconhecimento dos direitos do outro e na consideração das

suas aspirações e dos seus sentimentos.(...)



Y

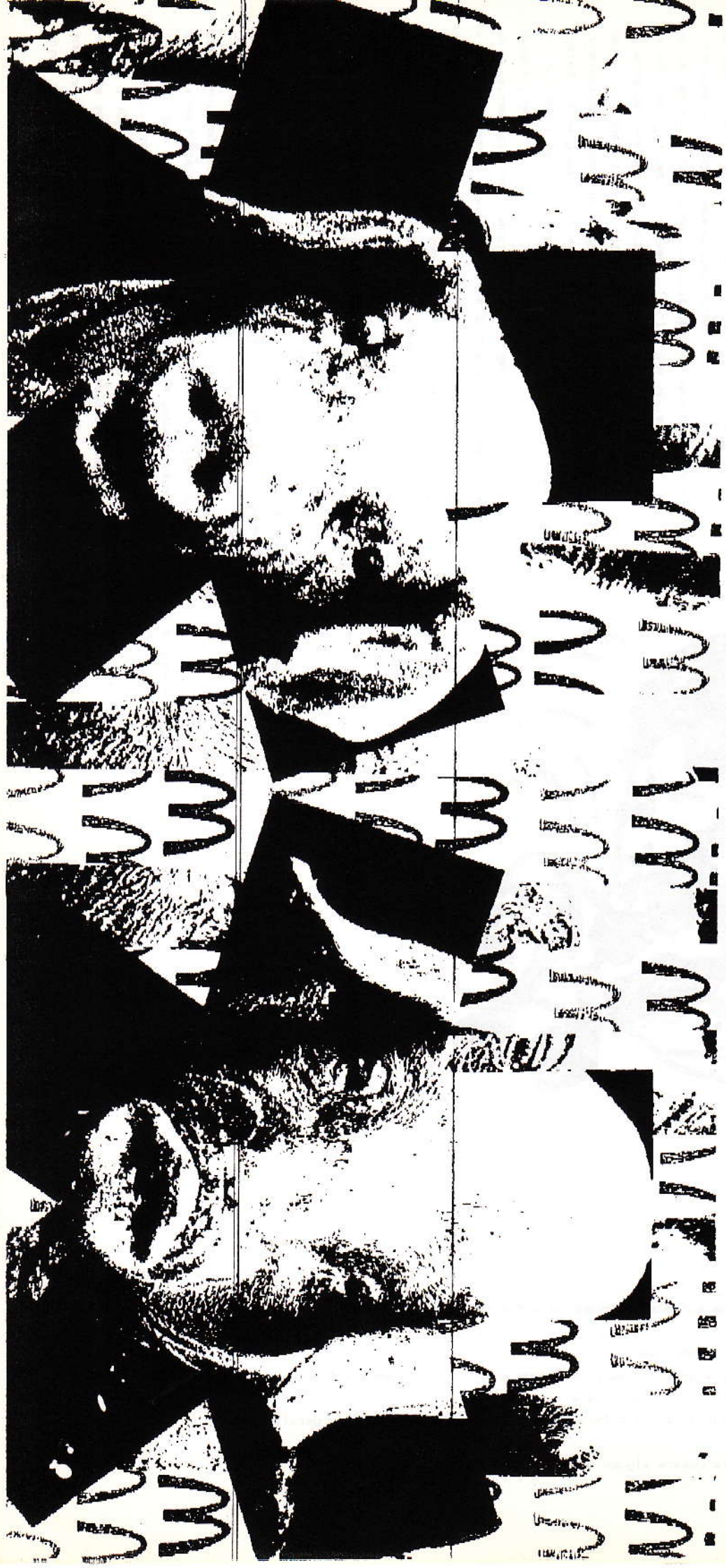
Os actos não são condenáveis, na sociedade, porque os actos todos nós os podemos concretizar, condenáveis sim são os indivíduos, os quais não podemos ser.

O ansejo pela plenitude e prazer é generalizado, sofremos e sobretudo fazemos sofrer para que, nem que por um tempo ínfimo, vislumbremos o almejado paraíso (ou a felicidade que lá julgamos habitar), só que teimosamente o reflexo do espelho logo persiste, tudo se adia...

Confrontado com o exíguo presente ousará alguém quebrá-lo?

O PARAÍSO NÃO ESTÁ À VISTA

EUGÉNIO TEÓFILO



**F
A
I
L
I
D
E**

Vagueando pelo vasto universo da música como um planeta perdido no vácuo, os Fini Tribe, grupo oriundo de Edimburgh, aparecem na cena musical no ano de 1984, como uma banda Rock.

Constituído por seis elementos, o colectivo F.T. depressa se integrou no mercado discográfico, com o seu primeiro registo em vinil, de genérico "Curling And Stretching"; registo este editado pela escocesa Fini Flex Records, editora pertencente ao grupo. Atingindo o auge com este 12", os Fini Tribe promoveram a sua imagem através de algumas actuações ao vivo em Roma e nos arredores de Londres, o que lhes veio a proporcionar a gravação de uma John Peel Session. Contudo, os F.T. começaram a ver no circuito de Rock Britânico uma desilusão, pois este tinha tendência a tornar-se cada vez mais monótono e incensável, razão pela qual o estilo musical sofre uma nova mutação.

Virados para a descoberta de novos caminhos no campo da música e da performance, os Fini Tribe adquirem assim o seu primeiro 'sampler' em 1986, facto esse que veio permitir ultrapassar a barreira da limitação dos instrumentos convencionais, que impedia uma maior criatividade do grupo. Com este novo instrumento, o projecto vai agora dar asas à sua criatividade, limitando-a em dois extremos diferentes - por um lado a dança rítmica como dever obrigatório, e por outro o ambiental como dever clássico.

Em Outubro de 86, os Fini, em colaboração com a etiqueta Cathexis, editam dois trabalhos em vinil: primeiro o EP "Let The Tribe Grow", logo seguido pelo 12" "De Testimony", ambos com um som marcadamente dançável.

Os Fini Tribe sofreram também uma mudança radical ao nível das actuações ao vivo. Entre a Primavera de 86 e a de 87, o grupo actuou apenas três vezes, tendo sido essas actuações largamente teatrais, envolvendo luz, tinta, filmes, metais, nudez e música.

A procura de novos mercados fez com que a banda, na Primavera de 87, começasse a trabalhar com a Wax Trax, uma editora situada em Chicago e que operava em Londres através da Southern Studios. Nessa altura dois maxi-singles saíram: "I Want More", em Outubro de 87, e "Make It Internal" em Fevereiro de 88. Ambos venderam bem nos E.U.A., mas este sucesso foi seguido pela desastrosa tournée de Fevereiro de 1988, que levou alguns dos elementos a abandonarem o grupo, ficando ele reduzido a três.

Descontentes com a Wax Trax, a banda decide abandoná-la e continuar com a Fini Flex Records, ressuscitada no Verão de 87 com a edição remisturada de "De Testimony", devido à sua elevada procura. Desde então essa etiqueta ficou com a total responsabilidade da edição de todos os trabalhos do grupo.

1988 foi o ano do primeiro longa-duração dos Fini Tribe, denominado "Noise, Lust And Fun". De salientar a participação no disco de vários artistas conhecidos, entre os quais Annie Anxiety Bandez, Rosaghn (Bop'Sh'Bam), Wilf Plum (Dog Faced Hermans) e ainda Jess Hopkins (World Reknowned Fame).

Ainda em 1988 saíram dois máxims com remisturas de temas incluídos no LP, foram eles "Zujus" e "Electrolux".

Já em 1989, os Fini Tribe entraram em estreita colaboração com a One Little Indian, onde foram editados os maravilhosos "Animal Farm" (12") e "Grossing 10K". Vale a pena referir os problemas em que o projecto se envolveu com a MacDonalds (cadeia mundial de Fast-Food Houses) devido à capa do 12".

Já este ano surgiu um novo máxi single com uma versão do excelente tema "Built In Monster", denominado "Monster In The House". Para breve esperam-se novas e (ainda) melhores aventuras destes revolucionários que dão pelo nome de Fini Tribe.

Fini Tribe c/o Fini Flex Records, 1 Queen Charlotte Street, Edimburgh EH6 6BA, Scotland, UNITED KINGDOM



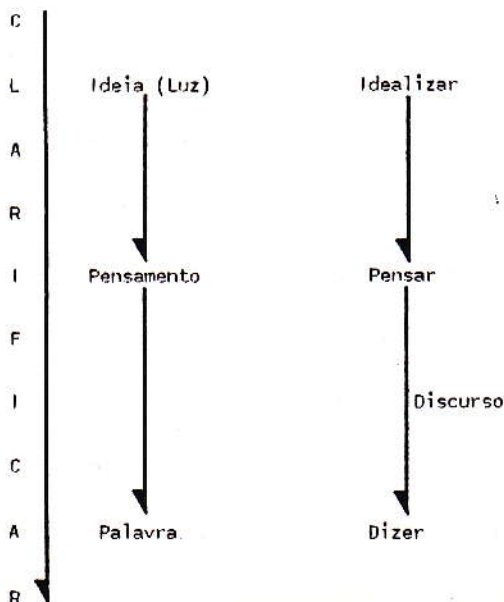
DA LUZ, DA CLARIDADE E DA CLARIFICAÇÃO
NA POESIA E NA MÚSICA

Só o real importa. O real é tudo. É AMOROSAMENTE
TUDO, manifestando-se em
infinitas dimensões.
Importa pois menos ao homem ser tudo (pelo menos
NESTE mundo), por
evidente impossibilidade, e mais:
ser em tudo, AMOROSO.
O ser tudo é vedado ao homem enquanto habitante
de um corpo, limitado
à partida pelo espaço e pelo
tempo.
Quanto ao Espaço, não
sendo eu Físico, parece-me
estar intimamente ligado a isso mesmo - a uma
dimensão física do Ser.
Só ocupa espaço o que tem
corpo, se bem que este
"conceito" ganhe diferentes

profundidades, consoante nos situamos na dimensão do Estar
(no Espaço) ou no Ser-Espaço.
Quanto ao tempo (um CERTO Tempo)
este está intimamente
ligado ao Movimento.
O tempo como medida só pode ser aplicado ao que tem DURAÇÃO
(Movimento NO tempo);
tem duração tudo o que nasce e
morre. Este tempo só se adequa pois
ao Real manifestado num
universo corporizado. O tempo é, no seu limite absurdo,
a própria paralização.
O Homem vive então somente no tempo enquanto
Homem-físico, ou Homem-corpo, nele e no espaço
se movimentando. Mas, há
movimento no tempo, aquele existe PARA ALÉM deste: O FIURO
MOVIMENTO: O Movimento da Eternidade
(a que não tem duração, não nasceu nem morrerá).
Haverá no Homem a PRESENÇA
desta Eternidade? Voltemos ao
Movimento. No homem, para além da movimentação física no
espaço, existe a um nível superior,
o Movimento mental - o Pensamento;
zona de vários movimentos. Por um lado um mental
corpóreo em tudo semelhante, nos seus
processos, aos
próprios movimentos do corpo físico - uma sua extensão para
dentro. Este pensamento é totalmente
prisioneiro do temporal.
Pensar é encadear conceitos,
numa relação de causa-efeito.

Mas há um Pensamento superior. Neste o tempo não é
prisão mas sim instrumento, fôrma-FORMA.
Pensar é aqui formalizar, estruturar NO tempo, a
ideia VISIONADA.
Pensar é expressar um Dizer (não oral) da Ideia, um
accionar da Ideia (Luz) - uma Iluminação de dentro
para fora. Importa pois, também, para além de Saber
Ver-Saber Pensar (e saber dizer).

Em nós é a Consciência que Vê. Enquanto o Pensamento é
discursivo e imediato, a Consciência vê IMEDIATAMENTE. Há um
Movimento na Consciência, mas ao contrário do pensamento
(inferior) em que a um conceito se sucede outro no encadear
do raciocínio numa determinada sucessão, neste, Movimento é
INSTANTÂNEO, a sua velocidade, se assim podemos dizer, é a
da Luz. É e está decerto aqui presente um OUTRO TEMPO, sem
duração - um tempo eterno (paradoxo) - um presente
paradoxalmente ainda, um presente sempre em movimento.
A Presença, em nós da Consciência é a constatação da
Presença do Espírito.
O Movimento instantâneo, luminoso e iluminante da
Consciência confunde-se ou integra-se no Movimento do
próprio Ser. O Movimento global, da própria Eternidade, cujo
SENTIDO é o DIVINO. Podemos talvez dizer de Deus que ELE é
simultaneamente a Eternidade e o SENTIDO da Eternidade, o
Amor e o sentido do Amor. Este sentido ou (na perspectiva da
VONTADE DE DEUS) Intenção divina do Ser é no Espírito que se
manifesta e é somente no Espírito que a ele podemos ter
acesso.
A primeira descoberta é a seguinte: no processo em que Deus
amorosamente em nós se quis manifestar (e em Jesus no
próprio HOMEM SE FEZ), como Presença constante e
naturalmente INTRÍNSECA à própria Humanidade, podemos
verificar que neste par:



Presença-imutável/Manifestação-Movimento
Ser Estar

existe precisamente a tendência para uma
ILUMINAÇÃO/CLARIFICAÇÃO constante e permanente do Real ou do
processo de realização da Obra Divina.

Iluminação

Clarificação

Se Deus nos **ilumina**, devemos nós,
à sua Imagem e Semelhança **CLARIFICAR**. Se Deus (como Luz)
ilumina os seres, nós devemos clarificar os entes; se Deus nos ilumina nós devemos ser **CLAROS**.
Eis pois aqui a missão do Poeta.

Comecei por escrever que o Real é morosamente TUDO. É pois também um Real-Poético: POESIA.
Ser Poético é ser de uma forma Bela.

Mas que Beleza é esta?

Podemos achar belo algo que nos **emociona** interiormente, que nos **comove**. Esta é, no entanto, a
beleza da Forma propriamente dita. A visão desta beleza
proporciona **prazer**, faz vibrar a Alma.

O poeta seria então (ou num sentido mais lato, o Artista) aquele que deveria **criar formas
belas**, o artista-demiurgo que procuraria tornar mais belo o Real (e a Natureza), acrescentando-

-lhe algo de que esta carenciaria. Mas eis que este conceito de beleza se revela inferior. Não
se pode acrescentar mais nada à **TOTALIDADE** que, por definição, tudo engloba e contém. O Real já
é totalmente belo.

Existe pois o perigo de ficarmos enfeitiçados pela beleza da Forma, tomando o Brilho, o reflexo
da Luz pela própria Luz.

Mas a forma bela só se torna demoníaca na perspectiva da sua absolutização - tomar a forma pela
Essência, a imagem pelo Objecto. Esta beleza é a dos deuses de que nos fala PESSOA, cujo
espírito é tão somente carne. A forma perfeita dispensaria toda e qualquer essência - esta é a
"Luz" ilusionante, invertida, do demónio-Lúcifer - anjo luminoso.

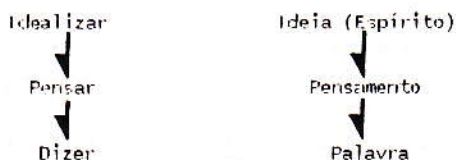
Ultrapassemos então a forma assim: a forma bela é o vaso, o receptáculo de uma Essência, ela
própria a Beleza. A forma bela é a
corporização da Beleza. A forma é a **OPACIDADE DA TRANSPARÊNCIA**.

Regressemos à Arte e à Poesia. O Poeta do
Espírito, ao contemplar (pela e na Ideia), a
Beleza-essencial de tudo, deverá desvelar, revelar
a transparência inerente a toda a opacidade.
Mostrar o Espírito, que anima toda a matéria, o
Ser que preside ao Estar, a Essência Presente e
inclusa na Forma.

O Artista não cria Beleza, revela a Beleza do
Real, glorificando (pelo seu CANTO) não a
Natureza, mas Deus que É quem lhe confere este
atributo - o de ser Bela.

É neste sentido que compreendo o Amor Platónico
pela Beleza atribuindo-lhe um conteúdo Cristão.
Amar a Beleza por esta ser um atributo de Deus.
Embelezar é assim Clarificar, revelar a Presença
do Divino (aqui no seu aspecto - Beleza) através
do Espírito, no Universo manifestado.

Atentemos de novo no primeiro esquema:



e apliquemo-lo ao caso da "criação" Poética. Salta
à vista a necessidade de uma íntima ligação entre
a Ideia e a Palavra, entre o Espírito e a Palavra,

através da mediação do Pensamento.

O Pensamento (no sentido superior que já referi) é
formalizador da Ideia, arquitecto,
no caso da Poesia

estruturando-A (a Ideia) em Forma - Poema. É imperioso que
no vaso-fôrma, forma que
o Poema é, a Palavra seja ignea
devido à Presença nela do Espírito vivificante.

Falei já então de qual

deve ser a FORÇA desta Poesia - o

Amor. Quanto à forma esta poderá ser variável mas convirá

que seja, como atrás se viu, o MENOS

OPACA possível. É necessário que as Palavras tenham um

mínimo de significados e um

máximo de SENTIDO. É forçoso que o Poema permita

maximamente nele

distinguir a transparência luminosa do

Espírito. O Poema deverá ser simultaneamente canal

de Luz (para fora) e ESTRADA,

caminho de acesso (para Dentro) para

o leitor que partindo das Palavras que lê, na sua combinação

e na sua MÚSICA, deverá vislumbrar o

Sentido que o conduzirá ao Fogo Central do Espírito

que as ilumina e anima.

A Poesia deverá ser então um Caminho para Deus; para o Poeta

- que procurará uma sempre maior
transparência, para melhor servir a Deus; para o
leitor que assim, a ELE, poderá aceder.
A Nova Poesia do Espírito (e dos Cristãos)
deverá começar por ser uma ORAÇÃO.

Voltarei agora atrás ou ANTES. Falei no
Movimento da Eternidade - existindo **para além do
tempo, Antes e Depois** do tempo, paradoxalmente
utilizando dois termos conotados com uma
dimensão temporal.

De novo o esquema:



Falando acerca da Poesia referi já a importância
e a função da Palavra. É no Pensamento que
primeiramente surge a Palavra-Forma. Na Ideia
coincidem e coexistem dois instantes simultâneos
- Ela é ao mesmo tempo Luz (no seu aspecto
Divino) e "já" uma Clarificação, um Dizer de si
própria (no seu aspecto Humano).

Vou agora centrar-me no aspecto musical da
Poesia. Já mencionei o facto de fazer coincidir
Espírito e Luz. Na Poesia, Este revela-se e
manifesta-se através do SOM, da VOZ. O Poema
adquire o sentido de uma CANÇÃO.

Ser Poeta é saber CANTAR - **Forma Bela do Dizer.**
O Poeta Canta a Beleza de Deus.

LUZ e VOZ são dois aspectos diferentes e iguais
pelos ou pelo qual Deus se manifesta ao e no
Homem (Para além do mundo, claro). Se o Poeta,
vê a Luz diremos ainda que ele ESCUTA a VOZ.
Mas procuremos não escutar a VOZ, anterior às

palavras! Eis-nos no reino da Música - PURO
MOVIMENTO DO SER. Se a Poesia poderá ter o
mínimo de significado

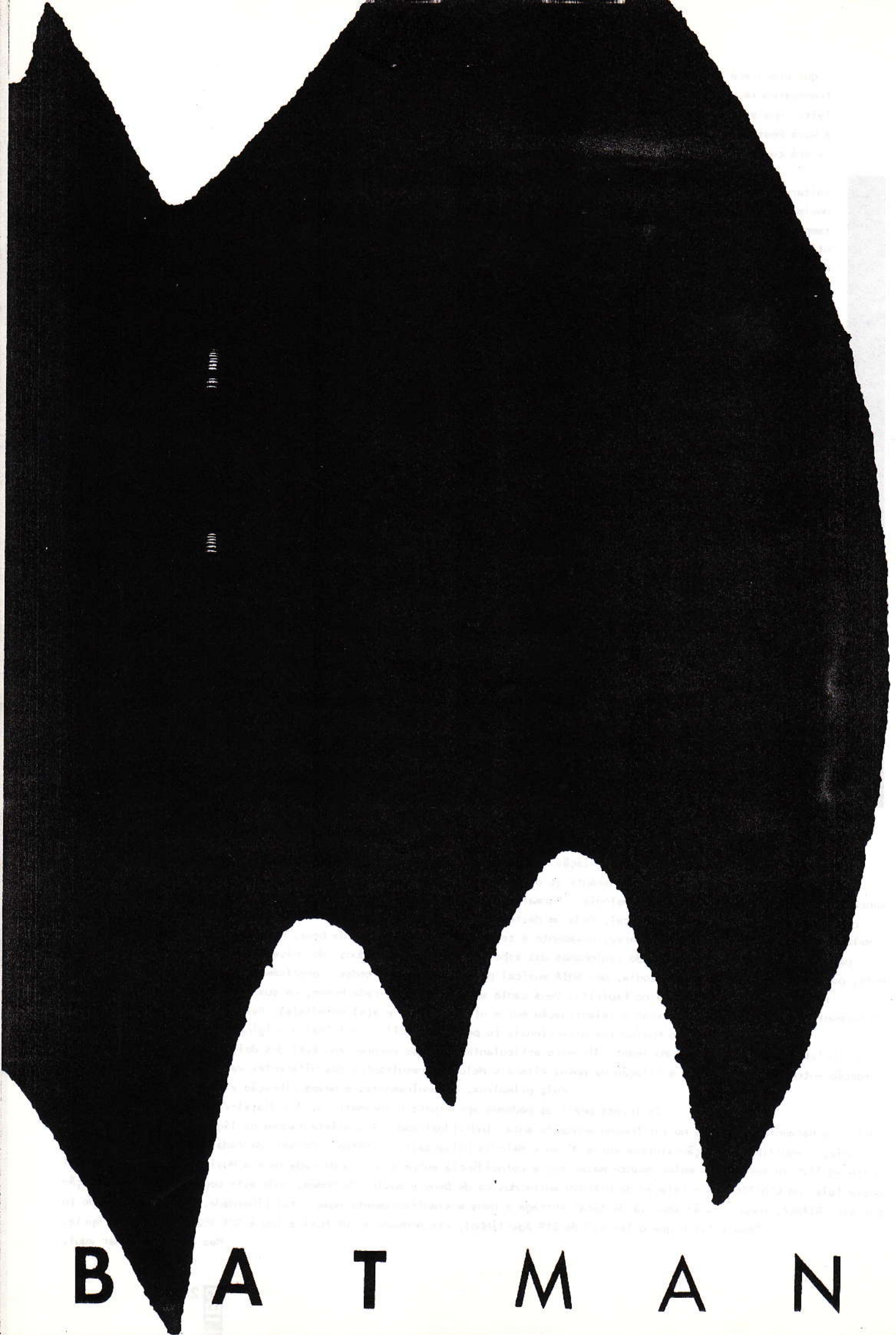
(pois as palavras inevitavelmente
os atraem), embora possa e deva
ter um único sentido (de Deus para o Homem/do
Homem para Deus), a Música, porque anterior e
não necessitando

delas, está mais próxima do
Coração de Deus. Se a Poesia (nos) conduz a, a
Música transporta (nos) em. É na Música que
melhor se vislumbra o Movimento do Ser e nas
músicas que se revelam
os diferentes e históricos
modos de estar do Homem no Mundo,
assim como as teias por si diabolicamente
tecidas em volta do Espírito ou mesmo a sua
total ausência (se isto é possível...) - a
inversão/negação da própria Música, transformada
em ruído - a Harmonia tranvertida em
dissonância.

A Música tocada pelo Homem é música dentro da
Música, absoluta, do Movimento
absoluto do Ser.

São três os principais elementos da Música:
RITMO-MELODIA-HARMONIA. A ordem não é
arbitrária. O Ritmo é a pulsação originária e
original do Ser - o centro ígneo e possante do

contínuo e eterno Processo Divino da Criação. Ritmo originário que se multiplica em polirritmias inúmeras e diversas,
consoante já os diferentes arquétipos constitutivos de toda a Realidade manifestada.
Sobre o Ritmo, ou os ritmos, emerge a Melodia - Formalização, Constituição e Individualização de cada ente criado, cada um
com a sua específica Vibração musical. Cada um destes entes canta a sua própria melodia, constituindo a totalidade das
Melodias a Vibração-Síntese do Universo, novamente e sempre cantando a Glória de Deus. Melodias que se vão tornando mais
particularizadas e únicas, quando caminhamos das espécies para os indivíduos, do universal para o particular. Em cada
ente, porém, em cada particular melodia, uma NOTA musical permanece comum a todas - precisamente aquela que se manifesta e
se faz ouvir distintamente no Espírito. Deus canta em cada Homem e cada Homem, na sua própria Melodia, canta Deus.
A Harmonia é o equilíbrio, a relação e relação entre o(s) ritmo(s) e a(s) melodia(s). Relação dinâmica. Enquanto que
Ritmo e Melodia são Movimentos direccionais (o primeiro cíclico, original e originante, o segundo histórico e
criacionista), a Harmonia é um Movimento dinâmico-articulante, síntese sempre renovável dos dois outros. É ao mesmo tempo
ligação entre Ritmo e Melodia e Criação de novos Ritmos e Melodias resultantes das diferentes variações e combinações dos
dois primeiros. Harmonicamente: a mesma vibração vibrando é outra vibração.
Em termos poéticos podemos aproximar: Ritmo-métrica, Melodia(s)-verso(s), Harmonia-Poema.
Referi a Harmonia existente no ser humano enquanto ente individualizado. Ela existe também na ligação entre este e Deus,
ou seja, o equilíbrio-relação-síntese entre Ritmo e Melodia Universais e o Ritmo e Melodia de cada ser humano individual.
Este equilíbrio será tanto maior quanto maior for a coincidência entre a música de cada um e a Música divina, embora aqui
possa falar no CONTRAPONTO - relação de DIÁLOGO entre Música de Deus e música do Homem, onde este poderá ajudar na Criação
por ser CRIANÇA, numa relação amorosa de total entrega a Deus e simultaneamente numa total Liberdade, com ELE brincando (o
"Ama e faz o que quiseres" de Stº Agostinho), respondendo à SUA Música (ou à SUA VOZ) com a sua própria.
Mas quero terminar aqui.



B A T M A N

BATMILLER OU FRANKMAN? UMA ILHA NO HISTORIAL DOS "COMICS" DE SUPER-HERÓIS!

Os putos adoram-nos! Possivelmente...sei lá. O que é inegável é que já não se fazem mais heróis como antigamente... Ou são terrivelmente menos imaginativos e mais enjoativos ou, o que é raro, surpreendentemente mais cativantes - é o caso do velhote Batman, aqui analisado a propósito da sua nova imagem na mini-série "The Dark Knight", de 1987 que, por sua vez, só vem a propósito por ter sido uma das principais

inspirações para o filme de Tim Burton.

Frank Miller operou uma completa reestruturação do personagem, embora destinada a durar apenas os 4 números da referida mini-série (mas, talvez por essa razão, esses quatro números se tornam tão fascinantes e preciosos). Já quase todos devem ter lido por aí as características principais de "The Dark Knight"/"O Cavaleiro Das Trevas" (versão Brasileira em tempos disponível) - um Batman envelhecido, violento, enfrentando uma onda de crimes sem precedentes - mas convém aprofundar um pouco mais...

Primeiro que tudo, saliente-se o facto de Frank Miller exigir do leitor mais do que a simples leitura. Somos obrigados a descobrir pormenores deliberadamente discretos, a conceber um tom de voz diferente para cada personagem, a adquirir um certo ritmo de leitura, a interligar as diversas e, por vezes, alucinantes sequências; em contrapartida, obteremos algo que se assemelha muito a um filme - às tantas já ouvimos os tiros, os passos, as vozes e tudo o mais, o que só confirma que estamos perante uma fórmula genial de fazer banda desenhada!

Aliás, Miller

começou a desenvolver este seu estilo personalizado num outro personagem, a partir de 1979 - o Demolidor (ou Daredevil, no original). Apesar de, nesta altura, ele ser apenas o desenhador, rapidamente se impôs também como argumentista, passando a dominar todos os aspectos do personagem (o que resultou, para a Marvel, num incrível aumento de vendas da respectiva revista), tornando-o muito mais interessante do que alguma vez tinha sido. Miller ousa mesmo pôr em causa os poderes do próprio herói que, durante alguns episódios, fica privado dos seus super-sentidos (e convém lembrar que o Demolidor é cego). Chamada de atenção, também, para o alucinante argumento e diálogos que Bill Sienkiewicz ilustrou, em 1986, para a série "Graphic Novel" (n.º 2, disponível entre nós há alguns meses).

Com este novo Batman, o corte com a habitual invencibilidade dá-se quando graves ferimentos são infligidos ao herói durante uma luta com o líder dos Mutantes, o que seria impensável no tradicional Batman, quase intocável. Robin, agora, é uma menina - Carrie - em vez do também tradicional menino-prodígio Dick Grayson, que formava o Dynamic Duo com o Homem-Morcego (tal como outra famosa dupla surgida em finais dos anos 30 - Capitão América e Bucky).

A história passa-se num futuro não-identificado, numa Gotham City que, inicialmente, enfrenta uma terrível onda de calor; Bruce Wayne está velho, com cinquenta e tal anos, e Batman não é visto há anos - comemora-se, mesmo, o "100 aniversário da última vez que Batman foi avistado". Talvez por essa razão, a opressiva Gotham é assolada por uma vaga de crimes,

cuja responsabilidade é, em grande parte, de um grupo de mutantes indisciplinados, reminiscentes das hordas de Skinheads que toda a gente conhece. Os Estados Unidos enfrentam uma grave crise nas suas relações com a União Soviética, traduzida num conflito que envolve a ilha de Corto Maltese, espécie de desenvolvimento da célebre invasão de Granada pelos americanos em 1984.

O Super-Homem/Clark Kent encontra-se ao serviço do governo americano (retomando e, talvez, ironizando simultaneamente o papel do herói na banda desenhada e "cartoons" dos anos 40, em plena 2ª Guerra Mundial, quando tomava nas suas mãos o destino e ideais americanos, ao combater os agressores Nazis e Nipónicos) e intervêm activamente na crise de Corto Maltese, semeando o caos nas hostes Soviéticas.

Miller dispensa o habitual género de narração passiva comum à esmagadora maioria das histórias em BD, preferindo adoptar uma narração dinâmica, feita à base dos noticiários televisivos com que o leitor é frequentemente bombardeado e também das considerações interiores dos próprios personagens envolvidos na história. Não existe, portanto, um narrador exterior aos acontecimentos, que tudo sabe e tudo vê; o narrador é a própria história, e ao leitor nada é explicado directamente - ele apenas é confrontado com os acontecimentos.

O presidente dos E.U.A. é um autêntico palhaço, com as feições de Ronald Reagan, sempre optimista, bem disposto, tudo prometendo ao povo Americano e não perdendo oportunidades para exaltar um nacionalismo que, ao contrário do que se possa pensar, está muito longe de ser caduco na real América dos nossos dias, lentamente contaminada por facções ultra-conservadoras (o fundamentalismo Cristão, nomeadamente) que espalham os seus tentáculos pelos mais diversos ramos da vida pública, incluindo, obviamente a política. Para acentuar a palhaçada, o presidente surge sempre envergando um fato azul às estrelinhas brancas, paródia intencional ou não ao uniforme do super-defensor dos direitos humanos, incansável paladino da justiça... Capitão América! E se este herói representa todo o ideal americano de liberdade e não-sei-quê (caso exemplar em que o nome diz tudo), o Batman de Frank Miller está-se nas tintas para isso: os seus métodos de luta contra o crime são, no mínimo, pouco ortodoxos, chegando mesmo a tomar de assalto a cidade, investindo contra a polícia (cujo chefe, a comissária Ellen Yindel, substitui o velho comissário Gordon, à beira da reforma), acompanhado por uma legião de seguidores que se auto-proclamam "os filhos de Batman".

Enfim, um corte quase total com as tradicionais regras dos "comic book" de super-heróis, se juntarmos as várias peças do puzzle; regras que foram impostas pela Marvel, em 1961, ano da sua criação; regras que, por sua vez, revolucionaram a partir desse ano todas as anteriores. De facto, a Marvel Comics Group, pela mão dos seus cérebros Stan Lee e Jack Kirby, iniciou uma verdadeira revolução no conceito do super-herói, com a primeira edição do Quarteto Fantástico, bastante bem sucedida, originado pouco tempo depois um leque de personagens famosos, hoje em dia: Homem-Aranha, Hulk, Thor,

NNA

Homem de Ferro, etc...

A característica verdadeiramente inédita que a Marvel introduziu foi, desde logo, o facto de todos esses personagens fazerem parte do mesmo mundo; anteriormente, cada personagem de BD vivia confinado ao seu próprio universo - de certeza que o Flash Gordon nunca viu o Mandrake mais gordo, assim como o Dick Tracy ignorava completamente o Batman (e vice-versa). Com a Marvel surge a interacção dos heróis, sujeitos a uma cronologia comum e aparecendo normalmente nas revistas dos outros; os acontecimentos importantes repercutem-se em diversas revistas, o mundo passou a ser dinâmico, em constante mudança e muito mais realista, ou seja, por exemplo, se o Edifício Baxter (QG do Quarteto Fantástico) fosse destruído num número, no seguinte continuaria destruído e os personagens seriam obrigados a sofrer todas as consequências inerentes à situação.

Se numa edição o Homem-Aranha escorregasse numa casca de banana e se partisse todo, na edição a seguir estaria todo engessado. Os acontecimentos acumulam-se e sucedem-se, originando personagens em constante mutação, com problemas e sentimentos iguais aos de

qualquer ser humano, para além de que os locais por onde passam existem mesmo (quantos putos não teriam esperanças de ver o Homem-Aranha a trepar pela fachada do seu prédio...).

Tão realista e tão americana é a Marvel que os argumentos das suas histórias frequentemente reflectiam não só a época em que eram escritos como também a grande influência dos valores americanos na vida dos personagens. Tudo isto se aplica igualmente a "The Dark Knight", mas Miller pega nos valores americanos pelo seu sentido pejorativo,

de forma bastante inteligente, e atira-os para a vala comum:

quem são os Maus? Quem são os Bons? Essencialmente na década de 60 e princípios da de 70, o inimigo mais terrível surgia do exterior, por assim dizer, simbolizado pelo "perigo vermelho", aquela fobia que a América teve da foice e do martelo, que também adquiria tons amarelados (a China Comunista), dando azo a desprezíveis vilões como o Mandarin e o Garra Amarela com quem o Capitão América e o Hulk, por exemplo, tiveram de se haver - era o espírito da guerra fria, claro, que desconfiava de tudo o que se movesse a oriente da Áustria.

Com o decorrer dos anos vão desaparecendo os exageros pró-americanos e surgem outros tipos de ameaças: monstros apocalípticos, entidades sobrenaturais, forças extraterrestres e toda uma parafernália de vilões sofisticados que vinham corresponder à necessidade constante de renovar os assuntos e as situações - os super-heróis, obviamente, acompanhavam a mudança.

Em meados da década de 80 já existiam tantos heróis, tantos vilões, tantas revistas e tanta merda que

uma agulha num palheiro seria talvez mais fácil de encontrar que uma história ou personagem verdadeiramente diferente! Tínhamos entrado na era nos super-chatos...

Daí advém o grande fascínio que

"The Dark Knight" e outras realizações de Frank Miller exercem.

BD alternativa no seio da sua própria indústria (massiva), onde proliferam novas editoras, para além das gigantes Marvel e o lar de Batman, a D.C. Comics.

O Homem-Morcego celebra 50 anos em 1989, o seu futuro é uma incógnita e, como ele costuma dizer, "What's up, Doc?".

IV

Ahhmm...não, não era bem isto...

JOSÉ ANTÓNIO MOURA

M

O

JANSEN
SAYS

S

NEEL VAYS: sex en erotiek maar... Iraic verpakking.

E

E

R

AL



Masturbação

A masturbação, igualmente conhecida por manustração, poluição manual, incontinença secreta, e a que os médicos chamam *mollities*, é um acto vergonhoso que não necessita ser definido e que se explicara aqui talvez até com demasiada clareza: designa-se muitas vezes sob o nome de vício solitário.(...)

Tratar-se-á de um vício ou de uma doença?(...)

Encontramo-la nos dois sexos, em todas as idades, desde a mais tenra infância à mais decrepita velhice, apresentando os mais variados aspectos, conforme a época da existência em que a examinamos. Em muitos casos trata-se manifestamente de um vício, de um atentado contra a natureza; noutros casos é uma tara nervosa, uma verdadeira doença; algumas vezes é um misto obscuro e mal definido de crime e de neurrose.(...)

Masturbação da primeira infância

(...)Tive ocasião de ver crianças começarem a masturbar-se desde a idade de dois anos, e até aos dezito meses. Que significa isto? Tratar-se-á de lubricidade precoce? Deveremos considerar esta masturbação como um vício perigoso contra o qual devem ser postos em prática os mais energicos tratamentos? Os pais, desorientados perante actos que se lhes afiguram monstruosos e de funestas consequências para o desenvolvimento do filho, perdem a cabeça por completo; tudo o que a solicitude paternal, tudo o que a pedagogia e conselhos de amigos lhes sugerem, tudo é sucessivamente experimentado. Primeiro o carinho, depois as ameaças, e por fim a violência, tudo se vem quebrar perante a força daquele acto instintivo. E o médico consultado; em vez de restabelecer a tranquilidade na familia, recorre a novos meios coercivos. A criança, perseguida por todos os lados, deixa de comer, emagrece, e acaba por cair doente; foi pior a cura que a enfermidade!(...)

Masturbação da infância e da adolescência

(...)A criança habitua-se de tal maneira a estas práticas vergonhosas que passa depois a repeti-las sem cessar e com ardor crescente. Atormenta-a de dia e de noite sempre o mesmo pensamento, perseguindo-a até succumbir. A atenção torna-se tam frequente e tam forte que acaba por esgotar-lhe a capacidade de resistência.(...)

Nos casos graves, ao mesmo tempo que se modifica profundamente o estado moral, a saúde torna-se periclitante. O rosto empalidece; os olhos, encovados nas orbitas, ficam pisados, rodeando-se de um circulo azulado; os traços fisionómicos tornam-se frouxos, e os nervos agitam-se, verifica-se um sensível emagrecimento, e o temperamento individual sofre notórias alterações. Por outro lado, o carácter muda, torna-se triste, sombrio e taciturno. As alegrias simples e honestas ja não proporcionam prazer algum. As brincadeiras passam a ser detestadas. A força de vontade desaparece.(...)

Os órgãos procriadores apenas se dão a conhecer; o seu desenvolvimento é lento e progressivo, deve ser respeitado e requer imperiosamente calma e silêncio. A masturbação, vindo atormentar e irritar, ocasiona naturalmente as mais graves perturbações, fazendo deles objecto duma perpétua excitação e de uma paixão viciosa que não tarda a degenerar em nevrose.(...)

Para as crianças e adolescentes educados em casa, a vida em comum, o trabalho, e convivência com bons camaradas, o afastamento dos maus, e principalmente o ensino religioso e moral com todas as suas consequências práticas, constituem a melhor das salvaguardas contra semelhantes tendencias.(...)

(...)Tanto o espirito como o corpo devem estar sempre ocupados; além disso deve evitar-se cuidadosamente todas as excitações, ocasiões perigosas, leituras eroticas e espectáculos desonestos.(...)

Masturbação do adulto

(...)Como é torpe este vício contra a natureza! Como é possível que individuos razoáveis, conscientes de si próprios e conhecedores dos seus deveres, possam cair em tal baixeza? Que prazer poderão ter em ultrajar a Deus e em violar as leis da natureza?(...)

Tais são as desastrosas consequências físicas da incontinença. O Céu faz com que os devastados encontrem no seu próprio mal a origem duma continência irremediável e sem merecimento. Será necessário lembrar a gravidade da masturbação e suas consequências sob o ponto de vista moral? O instinto genital existe para o casamento; este vício afasta-o indubitavelmente do seu objectivo e as suas infelizes victimas tornam-se duplamente incapazes para o casamento, pela aversão e pela impotência.

A masturbação não só é contrária ás leis naturais, mas também e principalmente a lei moral: sacrifica todos os deveres a uma paixão vergonhosa, transformando o homem num vil e miserável escravo.(...)

Masturbação da mulher

A masturbação feminina é tão frequente como a do homem. As suas consequências fisiologicas são tanto mais graves quanto é certo ser a mulher dotada de uma constituição delicada e nervosa, forte apenas para o casamento com os seus efeitos naturais, e ainda porque nela as práticas vergonhosas se aproximam das do rapaz impúbere, reduzindo-se à masturbação seca. Será necessario acrescentar que semelhante hábito é tão indecente como culposo? Pois não é o pudor o ornato mais belo e a única alma do sero frágil?

(...)Os efeitos variam muito do homem para a mulher, porque aquêle constitui no casamento o elemento activo, ao passo que esta não é mais que um elemento passivo. No primeiro há erecção e ejaculação; na mulher tudo se resume num espasmo.(...) Embora a responsabilidade moral seja a mesma nos dois sexos, as consequências físicas são muito mais graves na mulher do que no homem.

Quando repetida com frequência - e é raro que não venha a transformar-se num hábito e numa necessidade! - a masturbação feminina mantém o cerebro numa contínua excitação que rapidamente esgota as suas forças, acabando por atingir o orgasmo mais tarde ou mais cedo. Perturba sempre o estado

mental, e muitas vezes o estado geral. Nenhum médico ignora que as diferentes nevroses, a histeria e a própria loucura, resultam, muitas vezes, de aberrações genitais.

(...) Quando o vício atinge grande intensidade e se torna dominante, dá-se-lhe o nome de ninfomania, plenamente justificado pelos seus caracteres de mania e furor lúbrico. As manobras repetem-se incessantemente com um ardor selvático, e a vida da mulher como que se concentra nesta indecorosa prática, numa alucinação que a arrebatava.

Escusado será dizer que a masturbação perverte a alma e destrói os instintos naturais tanto na mulher como no homem. O terrível vício depressa a torna indiferente, e até hostil ao casamento, afastando-a por completo dos deveres conjugais, quando casada. Mesmo sob este ponto de vista restrito, não constituirá a masturbação um grande crime, uma vez que a mulher é fundamentalmente destinada ao homem, ao matrimónio e à maternidade? (...)

Masturbação viril da mulher

(...) Por um inaudito refinamento de lubricidade a mulher, não satisfeita com as excitações vulgares da masturbação, procura a ilusão da cópula viril e as respectivas sensações voluptuosas pela utilização de objectos vulgares, por vezes bizarros, destinados unicamente a satisfazer a libertinagem: alguns industriais chegam a fabricar aparelhos imitando o pénis (phallus artificiais, gaudium mihi) os quais servem para as mais indecorosas manobras.

(...) Pedimos desculpa de ficar por aqui, pois o assunto é daqueles em que não convém insistir.

SURBLED, Georges, A Moral nas suas relações com a Medicina e a Higiene, II A Vida Sexual, Porto, Editora Educação Nacional, L.da, 1945

Há uns bons meses atrás e por altura do último nº do IBÉRICO, F.Somsen assinava um pequeno artigo onde levantava o véu sobre um projecto desconhecido para a maioria de vós:

0000

0000

0000

ifiv

of

0000

0000

Se à partida o nome não vos diz muito, talvez se sintam mais interessados se mencionar DEATH IN JUNE e CURRENT 93, projectos onde Gary Carey, líder dos J.O.L. já colaborou. Formados em finais de 83, os J.O.L. confinaram-se ao habitual circuito de concertos na zona londrina, de que pouco ou nada há a registar excepto, talvez, o 'line-up' original: Gary Carey (baixo, voz, teclas), Trevor Martin (guitarra, teclas), Peter Fordham (voz), Kevin Gregory (bateria), Glenn Fenton (guitarra). A primeira gravação - o mini-LP "Enjoy" - surge em Julho de 85 na N.E.R., fruto da amizade entre Gary e Douglas P.. O produto final resultou "apenas" num bom disco, sendo ainda notória a procura duma sonoridade própria, onde são palpáveis as influências mais marcantes da banda (Death In June, Joy Division, etc.). O som é ainda um tanto incaracterístico, mas temas como "Another Dream", "Missing Presumed Dead" e "Letter And A Photograph", são já pontos de referência do futuro som J.O.L.. Enfim, nada mau para um primeiro registo.

Entre 85 e 88, data da edição do LP "Hear The Children", jogara-se muito do futuro do projecto, nomeadamente dá-se a saída de Glenn Fenton nos finais de 85 e a assinatura dum contrato com a Italiana Digitalis Purpurea, de que nada resultou, tendo sido os próprios Joy Of Life a pagar o estúdio, sem sequer vislumbração a sombra de qualquer edição vinilica. Finalmente em 87, desinteligências internas levam a que o projecto se veja reduzido a duo - Gary Carey e Trevor Martin. Em Maio de 88, decidindo-se a criar uma própria editora, Gary recupera grande parte do material anteriormente gravado e edita "Hear The Children" no selo Cadre Records.

Ao que parece o registo passou completamente despercebido na imprensa musical Britânica, o que actualmente parece ser cada vez mais um sinal de qualidade! O disco resultou num dos melhores trabalhos de 88, suficientemente louvado no IBÉRICO n.º1. As comparações tornam-se ingratas, mas a constatação é sublime: "Hear The Children" traz-nos à memória velhas recordações, imagens de espíritos Gregos e afins, provando uma vez mais que a fórmula ainda não se encontra gasta e que ainda é sempre, é possível (re)criar. Os mais cépticos acreditem-me, este é, sem dúvida, um excelente trabalho.

1990? 1991? Esperava-se para breve um novo registo discográfico, que logicamente só ainda não surgiu devido aos habituais problemas de rarefação de papel moeda (bem como a pouca vontade de trabalhar, da parte de Gary e Trevor! -N.R.).

Como certas apenas podemos adiantar que o projecto continua activo e em busca duma sonoridade mais experimental. Para breve, talvez algumas surpresas. Como é da praxe, e para os habituais interessados, segue-se o contacto e discografia dos Joy Of Life:

Discografia:

- Julho 85-"Enjoy" (N.E.R.)
- Maio 88-"Hear The Children" (Cadre Records)

Faixas em compilações:

- 1987-"Hear The Children" (Machina, A.C.I.02)
- 1988-"Missing Presumed Dead" (Fools Paradise)
- 1989-"Last Fine Day" (Unknown Train Tapes)
- 1989-"Dead Flowers" ("Welcome To The Dreamhouse", Being Out Tapes BC002)

Colaborações:

- "To Drown A Rose" 10" EP-Death In June
- "Brown Book" LP-Death In June
- "Swastikas For Noddy" LP-Current 93

Contacto:

-17, Campion Court, Elmore Close, Alperton, Middlesex, England





A

N

I

b

Coreografia sem convencionalismos e uma caixa de Pandora cheia de choques cénicos e surpresas projectaram a companhia Alemã Wuppertal Dance Theatre a nível internacional antes de 1984. Tanto assim que a companhia foi convidada para fazer a abertura do programa cultural para os Jogos Olímpicos de 1984 em Los Angeles. Por trás destas produções está a quinta-essência Alemã na sua mistura de animação jovial e melancolia Wagneriana, está Pina Bausch, coreógrafa violentamente dedicada.

No ano de 84, a encenadora, coreógrafa e directora Pina Bausch escandalizou os tradicionalistas com uma produção 'grosseira' de "O Rito da Primavera" de Stravinsky que Nurejev conta entre as mais brilhantes versões dos clássicos modernos.

Trabalhar numa nova peça começa sempre com uma série de perguntas dirigidas ao elenco. "O que é que a tua família come no Natal?", "O que diz um animal quando é apanhado numa armadilha?", "Em que é que pensas quando urinas?". Os bailarinos respondem com palavras ou com pantomina, por vezes com uma canção, ou lêem parte de um livro que lhes pareça dirigida ao tema. "De quantas formas diferentes consegues dizer 'olá'?"



a u s c h

pergunta a directora. "Nomeia sete coisas que te façam sentir sentimental.". Cada membro do grupo é encorajado a improvisar, a ilustrar um comportamento, um 'cliché' de Hollywood, um momento embaraçoso ou um momento querido de experiência pessoal. Destes fragmentos - vigilantes, perturbados, perversos e caóticos como a própria vida - Pina Bausch esculpe a performance. "As minhas peças não crescem da frente para trás mas de dentro para fora" explica.

"Não estou interessada em como se movem as pessoas mas sim no que as faz mover."

Os vinte e sete membros regulares da companhia, representando oito nacionalidades, por vezes mais parecem passageiros de um autocarro citadino do que uma companhia de dança. A ética fatia de vida é reforçada pela apresentação de convidados tais como: um mágico, um ginasta, um treinador de cães e um violinista como 'extras' em 1980.

Frequentemente o palco é aberto até ao guarda-fogo (parede), depois é coberto de erva, terra ou folhas secas onde a comédia humana é representada. "Arien" é uma performance que se passa em água até ao tornozelo e "The Children's Parties" de 1980 tem lugar num relvado patrulhado por cães de guarda. Quinze mil cravos cor-de-rosa foram importados de Bangkok e 'plantados' de lés-a-lés no palco para a peça de 1983 "Nelken" (cravos).

Na sua produção de 84 o chão é coberto com uma tonelada de terra, à qual trinta árvores de Natal secas foram acrescentadas para um breve momento de "Nutcraker Suite Reverie", produção esta que foi apresentada no âmbito dos Encontros Acarte 89 no Grande Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian, com o nome de "Ouviu-se Uma Critaria Na Montanha".

Ouviu-se Uma Critaria Na Montanha; Notas de ensaio (excerto)

Uma mulher traz um vestido nos braços, dobra-o e diz que sempre que vai de viagem leva um vestido de noite, na esperança de o poder usar.

A maior parte das vezes, porém, não surge ocasião para tal. Magoar-se um bocadinho a si próprio(a): esmurrar-se, arranhar-se, morder-se, picar-se nas mãos, nas

orelhas, na língua, puxar um pêlo do nariz, arrancar um adesivo, arrancar uma pestana, morder um braço, morder a língua, espremer uma borbulha, queimar os dedos com um fósforo, apertar bem o cinto, agarrar num cigarro aceso pelas duas pontas, espetar uma faca na ilharga, estrangular, puxar pelos cabelos, sentar-se em cima de pregos, esguichar sumo de laranja para os olhos, calar-se de repente.

Uma mulher dirige-se a um homem, olha-o nos olhos e diz-lhe: "Are you a man or a mouse?".

Há um tipo que joga às cartas contra si mesmo e canta: "Fraulein ...".

Há uma mulher que traz na mão um coração luminoso, de plástico.

Um homem bate numa cadeira e grita-lhe: "Dança!"; outro procura obrigar o corpo a passar por um elástico fino.

Uma mulher degola o seu baton; uma outra desenha a giz no chão a forma do seu corpo e calca a figura com os pés.

"Eu ainda queria fazer vénias uma vez mais, vénias bonitas - e não curvar-me simplesmente".

"À guisa de título: partir para qualquer sítio, sem sentido. Por exemplo, estou na posição de partida e corro contra uma parede".

Uma mulher rebenta um balão, corre assustada para um canto e tapa as orelhas com as mãos.

Na paragem de autocarro há cartazes que dizem: "Não à dependência".

Ao lado brilha o reclame luminoso do "Peep-show".

Lutar: por um pacote de açúcar para o café, por um cravo, um cabelo, um assento, um bolo, uns minutos de sossego, quadros antigos, um periquito fugido, um par de sapatos, uma cerveja, uma jóia, o sítio para um frasco com bombons, um lugar na ribalta e lutar por não ser tocado(a).

Um homem e uma mulher saem por duas portas directamente fronteiras e dirigem-se lentamente um para o outro, olham-se, tocam-se em silêncio e separam-se novamente.

Mais tarde Pina Bausch fala de um poeta chileno que queria ser cego: "combinou com os seus melhores amigos num certo dia deitar ácido para os olhos. Queria realmente ser cego, muito coerentemente".

Há uma mulher que ao andar troca de sapatos e se recorda: "a minha mãe disse que eu não devia usar os sapatos muito tempo, porque senão estragam-se".

"Mas toda a gente faz isso!", "Eu tinha ordens", "Não tinha outra escolha",

"Tenta libertar-te desses complexos de culpa". "Eu não sei, com o andamento - não podemos arranjar outra solução?" Pina Bausch pergunta. Há alguém que chega e leva um lenço a testa.

Arthur Rosenfeld canta uma canção hebraica: "'ss brennt, Bruder, 'ss brennt", escrita pelo marceneiro Modechaj Gebirtig, fuzilado a 4 de Julho de 1942 por soldados Alemães. "Es brennt, Bruder, es brennt" (xto queima, irmãos, xto queima).

Uma mulher com um isqueiro na mão, acende-o e cospe na chama. Uma outra vez leva a chama bem perto da cara e passeia-a depois ao longo dos braços.

Corram todos como príncipes, mas têm de correr tão elegantemente como o Dominique, não façam troça!

Jacob está enregelado e canta.

Dominique trouxe um disco antigo, "Parlez-moi d'amour".

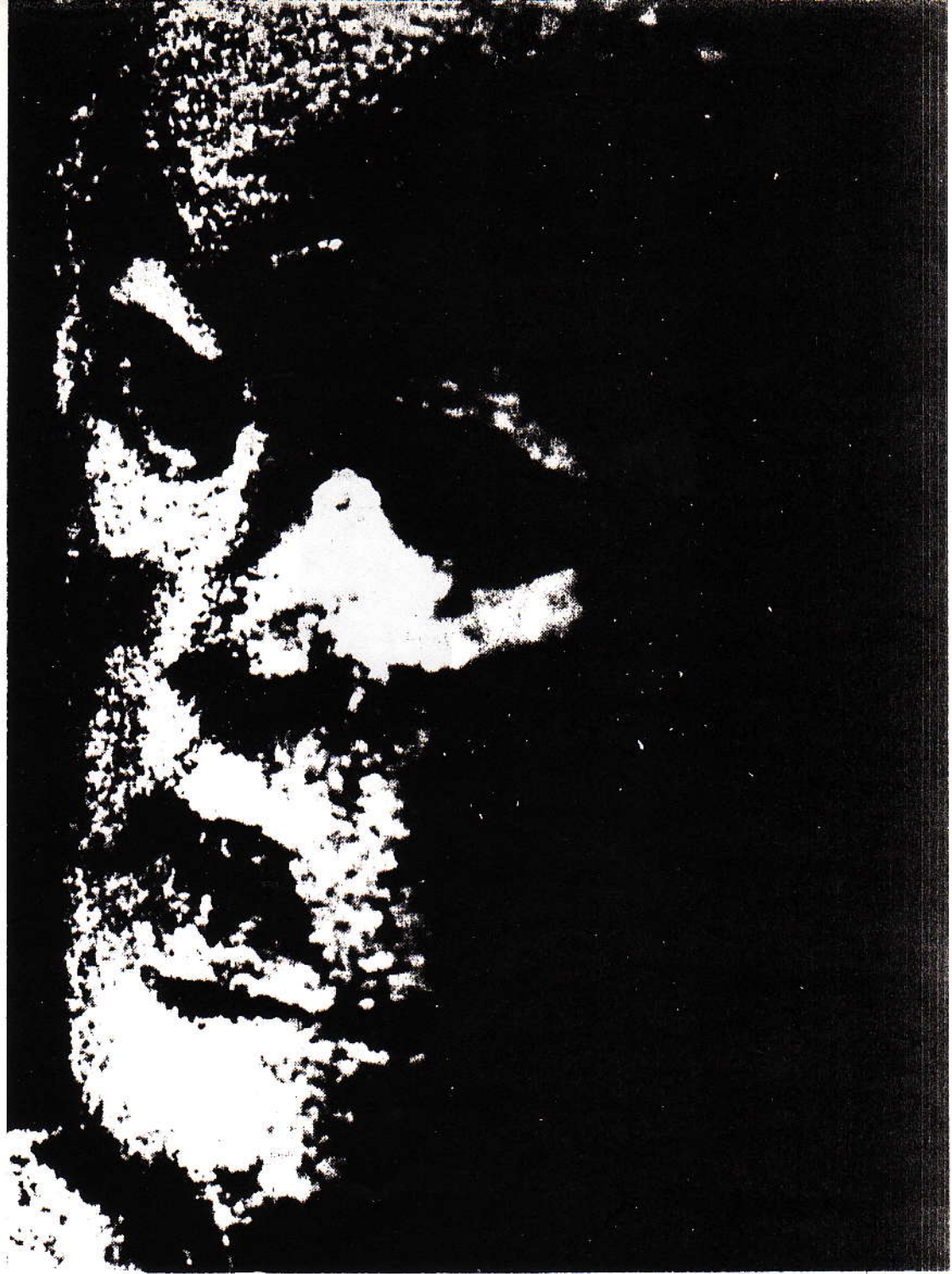
N



African head

Os African Head Charge surgiram em 1981 com o seu primeiro álbum "My Life in a Hole in the Ground"; imaginação prodigiosa numa acção contaminada do virus estúdio até aos cabelos. Presentemente têm estado inactivos, mas este facto não parece significativo, face à discografia que apresentam; mais três LP's, respectivamente "Environmental Studies" (82), "Drastic Season" (83), e "Off The Beaten Track" (84). Três motivos óbvios fizeram-me correr para a secretária para redigir este panfleto: Primeiro, o facto de considerar de extrema importância as sonoridades praticadas pela banda. Segundo, o facto desta sua discografia estar agora disponível no formato CD (em dois volumes reunindo os quatro álbuns). E terceiro, last but not least, por estar iminente a saída de novo trabalho do grupo, para breve. Terceira elaboradas considerações sobre este projecto, que se distingue pela carga de influências africanas que transmite, não parece ser o melhor método a utilizar para vos imputar mais um bichinho nos ouvidos. Falar-vos do currículo dos músicos intervenientes nesta manobra, (ligações com tudo que diz respeito a actividade da editora On-U Sound) também não surtiria o efeito desejado. Explicar-vos que Adrian Sherwood milita nas produções de estúdio, criando ambientes polivalentes, que vão desde características tipo Ruts DC até às produções no género Tackhead, também peca, pois não vos focaliza no vosso mapa tão despojado. Vou-me ficar por aqui e deixar-vos desamparados, sem uma palavra adequada que vos elucidie. Afinal, continuamos todos a ser uma banda de bobos ignorantes.

Paulo Somsen



n

m



o

edien

A N.G. MEDIEN foi fundada em fins de 1986 por membros dos Schaum Der Tage e Pornotanz. O nosso objectivo é trabalhar com artistas desconhecidos, desde a poesia à música e artes visuais. Até ao momento apenas tivemos a oportunidade de editar música, mas no futuro esperamos poder concentrar-nos mais no campo da literatura e do video. Não queremos colocar limites a nós próprios, assim como também não queremos ser identificados com um único estilo musical.

Quase todos os membros da N.G.MEDIEN são músicos, editando os seus trabalhos aí e, apesar de todos termos tendências musicais diferentes, decidimos sempre em conjunto as edições a realizar. Pretendemos editar uma vasta gama de estilos, desde, por exemplo, o Jazz-Rock experimental dos Comic Book Opera até à electrónica "hard" dos Front Line Assembly.

Estamos interessados em receber trabalhos de artistas de todo o mundo; somos sete pessoas a seleccionar os trabalhos segundo o critério ou gosto pessoal de cada uma - isto mostra a nossa abertura de espírito quanto a estilos diversos.

Para além dos Lassigue Bendthaus e Front Line Assembly, eis alguns outros grupos ligados à N.G.MEDIEN, até ao momento:

-PORNOTANZ: o primeiro projecto que editei na N.G.MEDIEN, em 86, com dois amigos meus. Projecto terminado em meados de 88.

-SCHAUM DER TAGE: banda fundada pelo Roman, um dos principais membros da N.G.MEDIEN. A sua constituição é variável de cassette para cassette. Realizaram vários concertos aqui em Frankfurt e em Berlim.

-OPERA MULTISTEEL: Franceses. Conhecemo-los através da nossa cassette-compilação "Spin". Editaram já um álbum na independente Francesa ORCADIA MACHINA.

-WE R 7: Ingleses. Também participaram na "Spin". Editaram muitas cassettes e alguma coisa em vinil.

-COMIC BOOK OPERA: são Americanos e procuravam um distribuidor. Editaram um LP nos E.U.A.

-CRUX ANSATA: é uma banda local e também são membros da N.G.MEDIEN. O Roman dos Schaum Der Tage, faz parte do grupo desde 89, ajudando-os nos 'keyboards'.

NG001-Pornotanz-"Immaculate"

NG002-Le Diapason-"Cromlech"

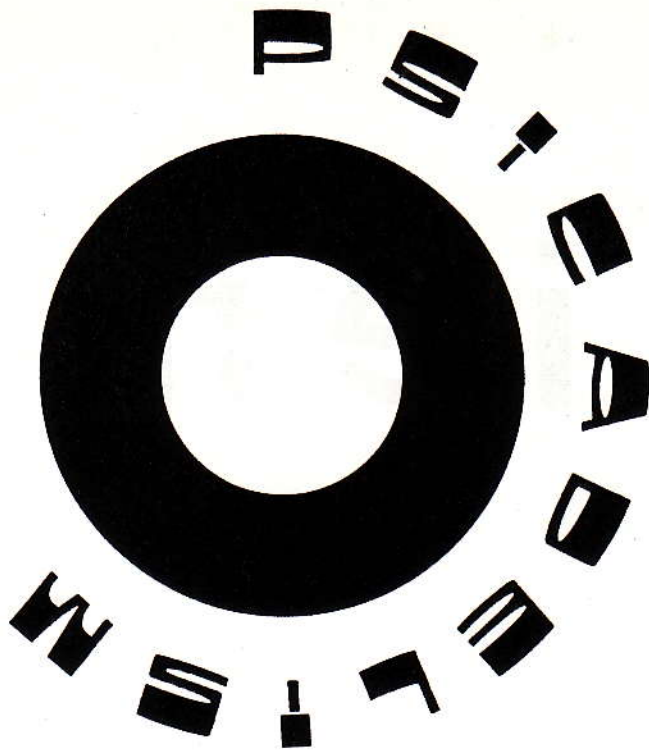
NG003-Schaum Der Tage-"A Tape For Foam"

NG004-Lassigue Bendthaus-"The Engineer's Love"

NG005-Schaum Der Tage-"I!"

NG006-Front Line Assembly-"Total Terror"

N.G.MEDIEN, Glauburgstrasse 66, 6000 Frankfurt/Main 1, West Germany



Não estivessemos nós na esquina da década, do século, do milénio, e nunca mais deixávamos a ascense aos seminaristas!

Com o ultimato dos 90 aceitou-se, ainda que a medo, o percurso de alguns génios que desde há muito ousavam aplaudir, e institucionalizou-se uma espécie de "Karma Capitalista", provavelmente como a atitude 90. Esteticamente fica-se entre a explosiva irreverência visual de há vinte anos e o saborear das possibilidades tecnológicas do futuro... Do idealismo, dos dogmas idílicos, da comunhão espiritual, numa palavra, dos discursos com que os papás não conseguiram lixar o sistema ficou a capa, as imagens e os sons agressivos e primários que deixaram de apoiá-los. Subversivamente (e esta é, paradoxalmente, a palavra de ordem) invertemos-lhes o tema: as palavras não podem ser, agora, mais do que parafrases das imagens que conseguem, sem o embaraço de um sotaque, gozar-nos a sensações... Estilizou-se a estética do horrível e conseguiu-se a mais apelativa alucinação, via satélite, fax... contando que choque

instantaneamente mas não chegue a cansar, aliás entediados andavam todos com a moleza da mocidade! Foi por isso que se buscaram os 60-70. Ninguém ousa (esperemos!) inventar seja o que for, e a procurar alguma coisa nas mansardas, tinha que ser a parafernália de cores esfusiantes, padrões ostensivos, de acessórios exagerados quase contundentes. Vive-se aquilo que ninguém acreditava que voltasse a estar na moda depois das lamechices revivalistas dos 20, 40, 50. Chocantes, estonteantes mesmo, voltam, com Pam Hogg por exemplo, flores, flores, florescências, espírais, hairdos arquetónicos dourados... Ao mesmo tempo que se cumpre o Karma, cumpre-se o sonho capitalista. Desvaloriza-se o elitismo artístico, banalizam-se as artes e esquecem-se regras clássicas como nos tempos da Pop Art. Agora tudo noutra sentida: em vez de serem sopas, Marilyns e comics, os eufemísticos modelos da ácida crítica urbana pinta-se por computador com um intuito puramente mercenário. John Hersey ainda tem a herética lata de se considerar cubista! E tudo isto porque foram progressivamente aumentando as fileiras dos reféns do comercialismo, que tanto temia Neville Brody, e do consumismo conceptual, que piores do que os primeiros se tornavam obtusamente adversos a contradições e seguidores acrílicos de uma ou outra estética massificante... Só com os 90 pareceram temer a brandura e procuram, quem sabe, temendo os designios do senhor de Belém (avassaladoramente extremadores!...), viver depressa e aproveitar, se possível ao cubo, cada segundo que nos resta. Preferiu-se 'ecstasy' e as imagens e sons repetidos em cadeia, em sónicas sucessões de três segundos máximo que nos mostra o indizível. Vejam-se as aventuras musicais de J. P. Gaultier e os maquiavélicos vídeos de J. Baptiste Mondino... Sentir é mais importante do que pensar; trocar o senso pela sensação... É claro que isto só resulta em quem alguma vez foi "sensato", a mudança agudiza o choque e o efeito é mais proveitoso. Aos desamparados pela razão que ainda acham que Andy Warhol é um herói de quadrinhos da 2000 AD e que a Pop Art é o primeiro álbum dos Transvision Vamp aconselham-se algumas lobotomias...

CLARA SANCHES VALENTE



TIER



Compound-"Compound"

Parece-me ser sintomático o facto de a cena independente Americana nunca ter conseguido criar um equivalente mais ou menos credível em relação ao que se passou e passa no continente Europeu, em termos de música electrónica. Salvo raras excepções cujos créditos vão antes de mais para o lado Canadiano, poucos grupos com origem nos E.U.A. conseguiram furar a barreira e competir num campo onde a concorrência é mais do que feroz, originando que, mesmo esses poucos, face à pressão monopolizadora dos grupos "locais", poucas marcas tenham conseguido deixar. Por isso não será de admirar que projectos com bastante interesse, vindos na sua maioria da costa leste dos E.U., tenham de ficar inevitavelmente reduzidos a uma situação menor e nada de acordo com o valor e o reconhecimento que certamente mereceriam. O caso A. Svazva Kovats é, por assim dizer, uma excepção à regra já que este tem sabido articular as suas actividades no país natal com incursões frequentes no continente Europeu, nomeadamente através da subsidiária Francesa da New Rose, Lively Art e, mais recentemente, com a veterana Dossier Records, responsável pela edição do projecto Compound, compartilhado por A. Kovats e outros dois compatriotas: Ferd e Lewis Francis, respectivamente membros integrantes dos Gelatinous Citizen e do projecto homónimo. Fazendo justiça ao epíteto "a união faz a força" Kovats reuniu neste registo algumas das melhores qualidades dos referidos projectos, resultando daqui um disco aparentemente diversificado mas cujo resultado em termos de originalidade terá ficado muito aquém das reais possibilidades de Kovats e companhia. Torna-se particularmente notado o facto de A. Kovats ter escutado num passado recente, doses maciças de Severed Heads (fase inicial), o que apesar de retirar ao disco parte do seu impacto, não o exclui de constituir uma excelente alternativa à actual quase-aborrecida produção Belga. Meia-surpresa!

(Kolonierstrasse 25A, D-1000 Berlin 65, West Germany)

(LP-Dossier Records 89) A.C.

Mullah/M.-"Casa Real Alhambra"

Kai Müller (Mullah ou somente M., para que não haja confusões com os Árabes...) pertence à corrente pós punk, que mantendo ainda o mesmo ideal de anti-establishment se inseriu no seio do mundo independente/underground.

Esta cassette não possui uma sonoridade típica, embora pontue pelos sons mais agressivos, essa agressividade possui ritmos dispares. Se o legado industrial é mais patente em temas como "The Invisible", a faceta electrónica de "Electronic Warrior" faz-nos pensar que poderiam os A Split Second serem os seus autores, embora só no ritmo.

"Two Minutes in Hell" embora mantendo traços particulares do autor, faz pensar nos Current 93 e nos Laibach (no início) a comporem um tema em conjunto. É um aspecto/faceta interessante da música germânica.

(Bei den Mühlen 90, 2000 Hamburg 11, W.Germany)

(K7-Sound Work Corporation 89) E.T.

Entomo-"Entomo"

Demónios e palácios e aventureiros são adeptos da anarquia sonora, aparentemente. Deixam-se desintegrar pela seriedade do riso dos Entomo, projecto mutante que se esconde na Alemanha. A experimentação em estado bruto, aliada à fluidez musical do projecto, torna a audição desta cassette numa descoberta permanente até ao último minuto (e são cerca de trinta). É visível que procuram surpreender o ouvinte com mudanças bruscas de ritmo ou ambiência - objectivo plenamente atingido, demarcando este embrionário trabalho da pasmaceira constante de muitos músicos experimentais alemães que não passam de 'freaks' de meia idade com desejo de mostrar criatividade (uma excepção honrosa pode ser Asmus Tietchens). E proliferam, desenvolvendo teorias musicais complexas e intelectualóides muitas vezes vazias de emoção. Emoção que, no verdadeiro sentido da palavra, não caracteriza propriamente os Entomo - a sua emoção é a emoção da mudança, ao serviço da qual instrumentos de sopro, guitarra e piano se conjugam com a tecnologia electrónica e vozes gravadas. Há muito muito por descobrir na música actual, e o prazer da investigação reside precisamente na descoberta de projectos interessantes como os Entomo. Faça-se luz! E fez-se luz.

(K7-Animal Art 90) J.A.M.

Kaiser Nietzsche-"Non Plus Ultra"

Para os mais familiarizados com o movimento 'noise' mundial, é bem provável que o nome desta cassette vos relembre algo. Para os menos conhecedores fica a explicação: Non é um projecto experimental de um indivíduo norte americano, Boyd Rice, que foi um gajo que editou um single (com outro projecto, os Smegma) no estado adolescente da editora Mute; Ultra é outro agrupamento experimental norte americano, e de quem pouco sabemos, a não ser o facto de que o seu líder, John qualquer coisa, ser um T.S. à moda antiga.

Se bem que o título da gravação possa levar a pensar que o seu conteúdo não é mais do que a

uma dos tais dois projectos, a realidade é bem diferente. De facto "Non Plus Ultra" é experimental, isso ninguém o pode negar, mas enquanto que as experiências sonoras dos Non ou Ultra são levezinhas, rítmicas e mesmo ambientais, os Kaiser Nietzsche produzem sons quase insuportáveis, irritantes, idiotios, aaaaaannnnnnngggggghhhhhhh! Socooooonnnnnnoooo! Não sei que raio de mente imaginou tais sons, mas mente são não foi de certeza.

Os Kaiser Nietzsche poderiam ser contratados por um laboratório que testasse a capacidade de resistência de um ser humano. Os que sobrevivem a tal teste seriam super-homens de certeza. Experimente você também! Escreva para: P.O.Box 862, Station F, Toronto M4Y 2N7, Canada. (K1-Freedom In A Vacuum 39) F.S.

Allerseelen-"Lacrima Christi"

Lembram-se dos Zero Kama? Bem parece que possuem seguidores. Com base em ritos e rituais exóticos, eles obtêm o som característico das vibrações emitidas pelos ossos humanos.

Traduzindo à letra, Allerseelen significa "todas as almas" ou, em Portugal, o dia de todos os santos, mas não é o tributo católico como prestação, mas sim o culto tibetano da alma. Allerseelen (grupo) é antidogmático. Não infalibilidade. A verdade permanece um enigma eterno... Na alma não existem pontos cardeais.

Se a percussão nos pode fazer lembrar Zero Kama ("The Secret Eye Of Laylah"), aqui encontramos uma melodia, melhor, melancolia, um apego à vida elaborado nalgumas faixas como se a despedida do mundo fosse.

"Araunenseelen" é o melhor dos exemplos e, sem dúvida, o melhor dos temas. Divino.

É uma experiência perto do único.
(Postfach 478, 1011 Wien, Austria)
(E7-Sakristei 89) E.T.

In The Nursery-"L'Esprit"

Pouco a pouco, os ITN atingiram um degrau pouco habitual na escadaria da música independente em Portugal, sendo um dos raros grupos "não clássicos" (por "clássico" entende-se Joy Division, etc.) com enorme aceitação. Quem de vocês o poderá negar?

"L'Esprit" deve ser entendido em dois contextos diferentes: isoladamente, é um disco muito perfeito em termos sonoros. A utilização quase exclusiva do sampler deixa pouca margem para erros, e todos os breaks revelam um cuidado extremo na composição.

O outro contexto é o percurso e evolução anteriores do grupo - aqui enquadrado, "L'Esprit" parece-me uma obra menor, não só porque o classicismo foi já sobejamente explorado em "Stormhorse" e "Koda", mas também porque os ITN estreitaram consideravelmente o seu horizonte musical. São excelentes no que fazem; "L'Esprit" é o auge dos seu apuro clássico, e o perigo reside na utilização da mesma fórmula no próximo registo. Além disso, a voz de Dolores Marguerite perdeu muito do seu fascínio, levada pela repetição... Se quisermos ser pessimistas, os ITN estão meio charlatões... Com um pouco de optimismo, no entanto, este álbum sobrevivera a muitas noites.

(59, Dunlace Road, London E5 0NF, England)
(LP/CD-Third Mind 90) J.A.M.

Vários Artistas-"Objekt No.3"

"Objekt No.3" é uma das mais completas e originais compilações que tive oportunidade de escutar até hoje. Trata-se de uma cassette dupla e inclui vinte e oito temas de vinte e oito artistas mundiais. Desde Negativland a voz Populi! ou de Blackhouse a Monochrome Bleu, surgem nesta edição as sonoridades menos conhecidas da área independente. Muitos dos artistas fazem parte do movimento experimental (Negativland, Pacific 231, Schlaifen-garten) mas existem muitos outros estilos testemunhados nesta dupla cassette: Rock'n'Roll (Psychones), noise (Le Syndicat), techno pop (Julie Frith) e muitos outros (X Ray Pop, Smersh, F/i, Brian Ladd, Randy Greif, Scientific Americans, etc, etc, etc).

Muitas vezes o problema que se põe numa compilação em cassette é descobrir o tema deste ou daquele artista. Pois bem, em "Objekt No.3" não

existem dificuldades deste género pois no início de cada tema o artista identifica-se. Uma novidade a ser adaptada por outras editoras.

Trata-se na realidade de uma compilação extremamente bem elaborada, tanto a nível musical como a nível gráfico. Só é pena não estar disponível no nosso país, mas para isso fica o contacto: P.O.Box 967, Eureka, CA 95502, U.S.A. (2xK7-Ladd Frith 87) F.S.

Vários Artistas-"C'est 1990"

Trata-se de uma compilação com várias bandas checoslovacas. Os seus conteúdos e temáticas são distintos e incomparáveis entre si.

Participando: Extempore Band, MCH Band, Mondrian, Sidonova, Bongo, Muz Hlava, Veseli Filistinove, Iwo Keilwerth, Maxa/Black Rubbish, A-64 e TRPack.

Descortinam-se vários estilos musicais, desde os tipos mais "jazzísticos" que geralmente são conotados com os países de leste, até formas experimentais tão arrojadas como a música mais marginal ocidental.

É de uma cultura muito própria que esta cassette trata, independentemente do som, é perceptível a fuga aos lugares comuns musicais e a uma improvisação de alguns temas que são de espectáculos ao vivo.

Toda a atenção é pouca para as primeiras três faixas do lado dois que, curiosamente, se chamam todos "Untitled".

(Pieter Moreels, 6 Rue Sainte Croix, 7500 Tournai, Belgium)
(K7-Corrosive Tapes 90) E.T.

A Split-Second-"Kiss Of Fury"

O último suspiro do New Beat serviu de impulso aos A Split-Second, que apresentam actualmente uma sonoridade muito mais sofisticada tecnologicamente. As pistas de dança são o seu sustento, mas só porque eles o querem! "Firewalker", máxi antecedente a este álbum, parecia abrir novas perspectivas... Não abriu. Embora mais sofisticados, os A Split-Second continuam bem firmes nas suas intenções. A voz com sotaque americanizado de Marc Ickx tornou-se abusivamente monótona, para quem conhece os discos anteriores do grupo - serve-se de letras bastante inteligentes (Ickx cursou Psicologia), mas não totalmente compatíveis com a música.

Chayell, por seu lado, apurou a sua técnica de estúdio de tal modo que se poderá tornar, eventualmente, insuperável num próximo disco. Se, de facto, for insuperável, o resultado será virtualmente o mesmo que os In The Nursery lograrão se não abandonarem o classicismo no seu próximo álbum: um enorme bocejo!

Dancem com os A Split-Second, ofereçam-se o disco, e guardem-no na estante. A capa é gira.
(J.Tielemansstraat 36, B-3220 Aarschot, Belgium)
(LP/CD-Antler Subway 90) J.A.M.

Gush-"Wilderness Years 84-89"

Depois de ter escutado pela primeira vez este projecto - na compilação da editora, "Night-



lands" - fiquei curiosíssimo em conhecer o resto dos trabalhos dos Gush, o que infelizmente só aconteceu agora, com esta gravação.

"Wilderness Years 84-89" é, como o nome indica, uma compilação de temas datados de 84 a 89, com algumas remisturas. Mas não é o ano de produção que nos interessa, tampouco o projecto ou a editora, por isso vou directamente ao assunto. De facto, a música dos Gush é perfeita para ser ouvida no conforto de um sofá, com um copo de 'Bourbon' na mão, e porque não Gin ou Bagaco, perguntarão vós? Pois bem, porque a música dos Gush nos transporta a uma América dos anos 20, povoada por gangsters e onde se bebia esse líquido ilegalmente, devido à lei seca.

O som é extremamente ambiental, e é curioso pela peculiaridade das vocalizações: uma voz rouca, a fazer lembrar Louis Armstrong, mistura-se com os instrumentos de uma forma tão original que é difícil não nos apaixonarmos. Maravilhoso! A banda sonora perfeita para um filme documental sobre a América de então, em suma, um filme minimal repetitivo(!) que mais não mostrasse senão uma cidade à noite envolta em nevoeiro...

(P.O.Box HP1, Leeds LS6 3RF, England)

(K7-Final Image 90) F.S.

Amy Demio-"Never Too Old To Pop A Hole"

O sarcasmo galopante na música, a música sem música. Será que os Blintz são imitáveis? Que tipo de voz usar numa cassette? Basta conversar para distrair o ouvinte?

Não é das apostas mais felizes da Sound of Pig Music... (se calhar eu é que não sou a aposta mais feliz deles).

(Al Margolis, P.O. Box 150022, Van Brunt Station, Brooklyn, N.Y. 11215, U.S.A.)

(K7-Sound Of Pig Music 90) E.T.

Para-"Zentese"

Dive-"Dive"

Siameses para sempre, Marc Verhaeghen (Para) e Dirk Ivens (Dive) pensam em conjunto, mesmo fora dos Klinik.

Diferenças entre si, estes discos, quando mentalmente unidos, são apenas uma aventura extracônjugal dos Klinik. Paradise? Para representa a faceta mais calma dos Klinik, perfeitamente aceitável no quadro dos mesmos, mas aborrecida em "Zentese", porque desfila de um só fôlego. Imaginação: pouca; fórmula: Klinik. Dive é agressão pura, a outra faceta, as convulsões cerebrais. O que "Zentese" não é, "Dive" é-o! Mas estamos ligados, porque é difícil conceber um disco sem a existência do outro; Complementam-se.

"Zentese" é puramente instrumental; "Dive" assenta nos grunhidos (sublimas? Sublimas!) de Dirk Ivens, que conferem uma atmosfera por demais densa ao disco - é talvez o seu principal atractivo, para aqueles que não são fãtots de electrónicas suaves e comercialóides.

Marc e Dirk nasceram numa fábrica mas, enquanto o primeiro foi concebido nos escritórios, onde o ruído chega abafado, o segundo viu a luz no coração pulsante das máquinas industriais.

Rese. Antitese. Síntese=Klinik. Sempre a mesma conclusão.

(J.Tielmansstraat 38, B-3220 Aanscht, Belgium)

(LP/CD-Antler Subway 90)

(LP-Antler Subway/Body Records 90) J.A.M.

Das Synthetische Mischgewebe-"El Pez Vidreira"

A música contida nesta cassette pretende ser uma testemunha de uma estragação ao vivo do projecto num mercado de Barcelona.

Não sei exactamente o que se passou naquele mercado, mas pela gravação, cheira-me (a peixe?) que não foi nada de excepcional. Segundo a minha

imaginação, tudo o que os Das Synthetische Mischgewebe fizeram foi espalhar por todo o mercado algumas violas, ligaram-nas aos respectivos amplificadores, puseram os aparelhos no máximo, e foram-se divertir na noite de Barcelona... As pessoas, ao circular, provocavam vibrações que por sua vez eram transmitidas às cordas dos instrumentos, que por sua vez eram amplificadas e que por sua vez eram debitadas a alto volume pelo P.A., perceberam?

Existem gostos para tudo, mas será isto demais?...

Para os interessados em experiências fortes, fica o contacto: P.O.Box 826, Station F, Toronto M4Y 2N7, Canada.

(K7-Freedom In A Vacuum 89) F.S.

Treble King-"Jane Morgan"

Reconheço a minha aversão à 'dance music', mas também não sou tão estúpido (?) que não saiba reconhecer o que nesta área é bem feito. Bem mas isto não se refere a toda a cassette. É que se um tema é dançável, mas de um modo muito agradável (tal como o "Shut That Door" dos Wolfgang Press), no qual a percussão é sem dúvida muito boa.

Nas outras faixas recorrem-se a vários modos de experimentação, desde a colagem dos sons (com as vozes por arrastamento a também lá inem parar), ou a mensagens sonoras entrecortadas, tal como o código morse (ou seja, imaginem que pegam numa fita com uma canção e a cortam aos bocadinhos mas por ordem). Encontram-se também experiências bastante positivas no campo da música que embora não conceptualmente repetitiva, no seu modo formal o acaba por ser. Bastante agradável.

(K7-Sound Of Pig Music 90) E.T.

The Force Dimension-"Algorithm"

Sem um pingo de emoção, observamos mais um exprometedor grupo a roer a corda que ligava à imaginação alternativa. Agora, nem imaginação nem sentido alternativo...

As pistas de dança provocam às vezes febre, como a que levou os Force Dimension, em delírio, a engendrarem quatro vezes para "Algorithm", uma techno-merdice holandesa (pior, muito pior, so os Voltage Control) que desaproveita um tema que, embora comercial, parecia, na versão "Special-Club-Mix", ter asas para voar.

Depois "Manipulating-Mix", "Orchestral-Mix" e "Cocktail-Mix" confirmam que, afinal se trata de um pássaro Kiwi, nativo da Austrália e com as asas pequenas demais para voar...

Com especial apreço pelos DJ's que compram o disco, os Force Dimension podiam ter feito uma quinta versão: "Pró-Carvalho-Mix".

(Fankstraat 25, B-2700 St.Niklaas, Belgium)

(EP/KK Records 90) J.A.M.

Nurse With Wound-"A Sucked Orange"

Tirão os N.W.W. acabado? Cada vez duvido mais. Será possível um projecto terminar e, ano e meio depois, continuar a editar material da sua autoria? Com os Nurse With Wound e, mais exactamente, David Tibet (a cargo da United Dairies), sim.

Senão vejamos: os Current 93 têm vindo a reeditar discos que, a priori, seriam de edição limitada, ou a fazer versões em CD deste ou daquele álbum. Como é o líder dos 93 o actual responsável pela editora dos N.W.W., somos levados a pensar que o David está a utilizar o mesmo método para os "novos" trabalhos dos Nurse. Para verificar isso, basta ver o que saiu depois do "fim" do projecto de Steve Stapleton: "The Sister Of Pataphysics", um resumo dos primeiros discos; "Automating Vol.2", uma compilação de temas saídos em compilações; "CooLoorta Moon", louvado seja Deus! Um maxi single com dois temas originais; "CyllenskoId/Brained", a versão em CD de dois 12" antigos; e finalmente "A Sucked Orange", uma especie de compilação a fazer lembrar "Gold Is The Metal" dos Coil, com "...thorough-breds that escaped, discarded shards, distortions, disappointments, scrambled and disassembled stages...".

Tudo isto não significa que "A Sucked Orange" seja de baixo nível (o que na realidade nem é), o que significa é que surge-nos aqui quase um Jesus Cristo. Se bem que tenha morrido há ano e meio, o projecto N.W.W. continua a fazer milagres, pela mão do Deus David Tibet.

Com isto tudo, quem fica a ganhar é o David...
(1 Deepdale, Monsell Road, London N4 2EN, England)
(LP/CD-United Dairies 89) F.S.

If, Bwana-"They Call Me Bwana"

Bem, ele é o 'master himself'-Al Margolis- mentor da Sound of Pig Music. Embora a capa da cassette não o indique, apresenta uma daquelas mulheres anos 50 retro, com um vestido de pele de leopardo, que condiz perfeitamente com o 'tabat-jour' ao seu lado, enfim muito colonialista.

Constitui uma óptima incursão no seio da experimentação sonora, nas suas formas mais agressivas e marginais (por alguma razão If, Bwana está incluso numa colectânea com os Macromassa e Asmus Tietchens...).

Embora se possam notar alguns diferenças no som dos dois lados da cassette, toda a sua pureza e sobriedade se mantém inalterável. Misturam-se avidamente os sons mais rudes típicos dos projectos industriais, com formas de som mais peculiares como o ruído de água distorcido, ou mesmo o canto de aves. Óptimo projecto. Não se iludam pela capa!
(17-Sound Of Pig Music 90) E.T.

Leather Strip-"Japanese Bodies"

X-Marks The Pedwalk-"Arbitrary Execution"

Surpresa dupla da Zoth Ommog, um dos reinos ex-Techno Drome Internacional. Se a maioria das suas edições é caracterizada por uma demasiada homogeneidade musical, estas duas demarcam-se graças ao seu carácter alternativo. Voltamos aos "dancefloors", mas agora bem acompanhados - não pela Originalidade, mas pelo Saber Gerir os meios de que ambos os grupos dispõem para gerir a política editorial das Zoth Ommog. A sábia utilização desses meios evidencia o domínio do puro som Techno que escapou aos Nitzer Ebb.

Leather Strip é um projecto solo (Klaus Larsen) que se esmerou em "Japanese Bodies" e não tanto em "The Pleasure Of Penetration" (LP, 1989), onde a limpeza sonora espelhava uma certa falta de soluções (o habitual erro de se editarem álbuns de musica de dança, quando apenas máxis deveriam ser permitidos!).

"Battle Ground", reverso de "Japanese Bodies", rebenta de energia e vitalidade num ritmo desenfreadamente inteligente, apoiado por samplings agressivas e nunca exageradas e um tratamento vocal simultaneamente corrosivo e melódico - aqui um enorme trunfo para o projecto, cujas letras são para serem escutadas, não somente ouvidas: "Just point your missiles to the East, you might just hit that creeping Beast!". A ironia é visível. -

"Arbitrary Execution", sendo qualitativamente equivalente, revela-se muito mais minimalista nos ritmos e envolve as letras, praticamente indecifráveis, com uma vocalização agressiva que confere ao trio X-Marks The Pedwalk pontos positivos na escala das pistas de dança alternativas.

Como todos os BONG discos dançáveis (ola Von Magnet! Ola Controlled Bleeding!), a qualidade destes dois máxis mantém-se inalterada nas audições caseiras. O prazer da Música ao serviço de estados de espirito agressivos.

(12"-Zoth Ommog 89)

(12"-Zoth Ommog 89) J.A.M.

Blackhouse-"Stairway To Heaven"

"Stairway To Heaven" é uma das muitas edições dos norte-americanos Blackhouse, um projecto relativamente famoso pela sua filosofia Cristã e as suas peripécias com grupos neo nazis.

Esta cassette surgiu no ano de 89 na etiqueta Ladd Frith, companhia que tem assinado a maior parte das suas edições. Musicalmente espantou-me, pois quando esperava melodias electrónicas, surgiram-me "pela frente" ambientes muito calmos, do estilo de alguns trabalhos de Zoviet France, completados com uma voz narrativa imperceptível.

"Stairway To Heaven" pode ser uma excelente banda sonora para um filme documental, pode ser também um acessório à leitura de textos surrealistas, mas o mais importante é que nem um nem outro completam o som dos Blackhouse. O que realmente o preenche é ele próprio... Não há necessidade de acessórios, toda a música fala por si.

Facto curioso é o lado B da cassette ser nada mais nada menos que o lado A a andar de trás para a frente, se é que me percebem... Se não, adquiram a gravação e verifiquem.

(P.O.Box 967, Eureka, CA 95502, U.S.A.)

(K7-Ladd Frith 89) F.S.

Vários Artistas-"Northern California Is A Noisy Place Indeed-Vol.1!"

É uma cassette que se auto apresenta, pois a primeira coisa que se ouve é: "Hello, this is Northern California is a noisy place indeed..".

Constitui o agrupamento de vários projectos de cariz experimental, cujas sonoridades divagam sobre varias frentes, fazendo uso ou puramente abstenendo-se das vocalizações, as faixas distorcem o som, ou se ele é fluido e indefinido. As vozes são também alvo deste processo logo a sua mensagem é puramente sonora, sem qualquer conteúdo.

Participações incluem: Frozen In Ambar, Eric Muhs With Robert Hinx, Johnny Calgano, Charlie Rowan, 50-Hay-50, Allegory Chapel Ltd., Disimi, Rick Stanford, Gillic Phantom, Katharsis, Death Ranch, Choronzon With Demi Thraam e Jaro Sanguine. É uma proposta (a mais actual da Sound Of Pig Music) a não perder.

(K7-Sound Of Pig Music 90) E.T.



Das Synthetische Mischgewebe—"The Harvest Of Magnetism"

Noutro sítio fiz uma menção nada honrosa a outra produção deste projecto da nacionalidade desconhecida. Pois bem, este é o seu mais recente trabalho, e editado na Esplendor Geometrico discos, vem-se (o português é uma língua muito traçojeira...) juntar à já longa lista de projectos 'noise' que proliferam por aí.

De facto, tudo o que disse anteriormente (cassette "El Pez Vidreira") mantém-se. No fundo, e ainda que alguns projectos consigam dar-nos algo de novo com este tipo de som (Asmus Tietchens, entre outros), os Das Synthetische Mischgewebe não trazem novidades. Durante um ou dois minutos do disco surge algo interessante, mas de resto... niente!

Já é altura de projectos deste tipo enveredarem por novas experiências, evitando entrar no campo rotineiro. Lembrem-se que circular é viver.

(Andres Noarbe, Apartado 14325, 2080 Madrid, España)

(LP-Esplendor Geometrico Discos 90) F.S.

Boris Mikulic—"Heresy!"

Choque! Horror! No press release vem escrito que Ilya Dimitrievic (companheiro de Boris nos In Sotto Voce) não é senão Jo Casters, o senhor Poesie Noire! Calmentes! Como é possível??

Boris pratica hard-rock electrónico e chateia um bocado, porque é praticamente o mesmo que fazia nos In Sotto Voce com o Jo "revivalista" Casters. A guitarra esgalha e ninguém a apanha e os ritmos saem de uma drum-machine marca Déja Vu, mais vulgar que a Yamaha. Aproveitam-se: "Diana", pelas porno-samplings; "Too Much", merecedor de edição em máxi; "Inspired By The Devil", ambiental sinistro; "The End", sssspeed; "Angst", IIIletargia. O resto esmaga-se entre dois livros e deita-se fora.

Boas ideias com más ideias. Ele que faça a escolha e não nos apresente mais discos suspeitos. Vocês, recortem os temas interessantes e façam um dez polegadas com eles.

(J.Tielemansstraat 38, B-3220 Aarschot, Belgium)

(LP/CD-Antler Subway 90) J.A.M.

Brian Ladd/Julie Frith—"Electron/Let's Do Something (Different)"

Ainda não percebi exactamente o que se passa com Brian Ladd e Julie Frith. No Psychones eles produzem uma música que por vezes se aproxima do experimental, mas que a maior parte das vezes se insere no Rock'n'Roll (não o usual, mas um R&R experimental). No entanto, quando trabalham a solo, como é o caso desta gravação, são totalmente diferentes. No lado A temos a contribuição de B.Ladd. Ora esta contribuição é puramente experimental, extremamente próxima do 'noise' e nada, mas mesmo nada, semelhante ao rock Psychónico. Uma maravilha de tecnologia, nada de guitarradas (se bem que ela surja timidamente no fim da gravação).

No outro lado da cassette está o trabalho de Julie que, à semelhança do seu companheiro nos Psychones, decidiu compôr temas essencialmente experimentais, mas com algumas melodias electrónicas simples (a fazer lembrar o techno pop). Talvez por essa razão a sua contribuição se chame "Let's Do something (Different)", e é realmente different. Talvez das melhores produções do duo até à data. Espantoso!

(K7-S.J.Org. 88) F.S.

Vários Artistas—"Ecstasy By Current Vol.1"

Vários Artistas—"Ecstasy By Current Vol.2"

É generalizado o sentimento da Alemanha, fria e precisa, distante e um tanto arrogante, associada à indústria que afinal a tornou no colosso económico (e não só) que actualmente é.

Habituaos a que deste território surjam projectos radicais, quanto à forma de trabalhar o som, associando-se a personalidade fria, ou o ambien-

te por vezes gélido, a um certo tipo de sonoridade rude, maquinal, automática.

Curiosidades no campo industrial (mas com um poder difusor muito menor do que o habitual "Made In England") encontram-se compilados nestes dois discos da editora alemão Schizophonia Records. Lud Hysteria, é o responsável pela recolha das faixas (e bandas) para estes projectos (separados de apenas um ano) onde uma multitude de grupos expõe os seus trabalhos, a sua arte, ideias e projectos. De vários pólos, várias correntes e se nalguns casos há reminiscências a projectos - radicais como os Negative Land, no segundo volume, contrapondo-se dum certo modo às opções mais marginais e sonoramente mais agressivas do primeiro volume.

Propostas diversas captando na globalidade uma mesma aposta sonora: a experimentação livre de ideias, camufladas em notas musicais que se espraiam no espectro auditivo.

O trabalho gráfico das capas, embora cuidadosamente elaborado em ambos os volumes é mais consonante com o tema do segundo volume.

No primeiro volume colaboram: Jeff Greinke, Randy Greif, Katharsis, C*Park, Memorandum, Subtle Reign, Solanceae Tau, Dim Retire e Beat The Material. No segundo: En Halvkøkt I Folie, dissecting Table, Katharsis, Dead Tech, Illusion Of Safety, YREF, In Slaughter Natives, Hybrids, Vidna Obmana e Deleted.

(Grossebeerenstrasse 90, D-1000 Berlin 61, West Germany)

(K7-Schizophonia Records 89)

(K7-Schizophonia Records 90) E.T.

Batz Without Flesh—"A Million Bricks"

"We can't rape you... simply; lets have you... softly." A perversão tecnológica é tão bela... A agressão é necessária, não numa perspectiva masoquista mas como purificação, como meio de libertação. Musicalmente, a agressão desperta emoções que fortalecem o espírito, e quem de vocês sente isso sabe que não "é só barulho", como muitos querem fazer crer - abaixo a New Age como ideologia! Morte, sexo e violência num mundo dominado pela tecnologia... Porque é que os Morzegos fazem isto parecer tão cativante? No eu mini LP de estreia em 88 já tinham avisado "the fate of the world on a floppy disc", ao mesmo tempo que se serviam de "Pesadelo Em Elm Street" para os seus propósitos, comunicados ao ouvinte através de um Tecno-punk muito directo.

"A Million Bricks" tem uma cobertura mais consistente, embora a raiva contamine todos os tijolos como um vírus - a voz encontra sempre energia suplementar para nos atirar à cara qualquer coisa inquietante, e Claude Willey tem uma garganta invejável.

Também é contagiante observar como o som do grupo abandonou a orientação para colocar uma máscara de sofisticação e elaboração pouco comum neste âmbito musical. Aplauda-se a virtuosidade cibernética dos Batz Without Flesh, porque discos assim opressivos já não são fáceis de encontrar e nós adoramos ser oprimidos, n'est ce pas? Cem pontos para "A million Bricks"! Quem tiver medo pode, mesmo assim, escutar as palavras do grupo: "Dig a hole...fall in...fuckin' asshole!" (LP-NTS Productions 89) J.A.M.

The Normal-"T.V.O.D./Warm Leatherette"

The Normal não é um projecto recente, muito longe disso. Este projecto resultou da imaginação e criatividade daquele que é hoje o patrão de uma das editoras independentes Britânicas que mais sucesso granjeou ao longo desta década - a Mute Records.

Foi de facto em 78 que Daniel Miller (aliás Robert Rentall) lançou as bases da "casa" editorial Mute, recorrendo a dois temas que perfilhavam um tipo de pop-electrónico e que constituem ainda hoje dois clássicos do género e uma das referências mais habituais dos actuais grupos electrónicos (vide, por exemplo, a versão de "Warm Leatherette" incluída no último longa duração dos Italianos Pankow). Este é, portanto, um disco que vem reafirmar a actualidade de certos projectos surgidos na década passada e cujo pioneirismo foi e continua a ser vital para a compreensão e progresso de qualquer corrente musical. Uma reedição que se aplaude! (3"CD Restless/Mute 89) A.C.

Condition-"Swamp Walk"

Este é um dos discos mais originais que tive oportunidade de escutar ultimamente. Não por ser uma completa novidade, de facto nem o é, mas porque nos transporta à música feita há algumas décadas. De facto, e incluídos nos zeros e uns do CD está gravada uma nova forma de swing ou blues, um estilo déjà vu, mas que ainda cativa. Mas porquê uma nova forma? Porque não só a instrumentação foi manipulada de forma muito cuidada como também a voz. Essa é o núcleo de toda a composição. A sua responsável dá pelo nome de Julia Gilmore, mas recentemente tem vindo a ser identificada (devido à sua magnífica voz) com Linda Blair ou mesmo Liza Minelli.

"Swamp Walk" é, no fundo, uma boa demonstração do que ainda se pode fazer de novo com som "velho". Mais fabulosas ainda, são as versões dos clássicos "Runaway" e "St.James Infirmary". (P.O.Box 91, Baker, La.70714, U.S.A.) (LP/CD-C'est La Mort Records 90)F.S.

Robert Rich-"Numena"

Um norte americano cujas gravações têm tido por parte da Multimood Records uma atenção especial, decididamente merecida.

Usufruindo duma habilidade inusual para manobrar instrumentos electrónicos criadores de música, Robert Rich consegue contrapor, num exemplo credível, a minha aversão à música exclusivamente electrónica, actualmente empregue até à exaustão, em qualquer pista de dança (não é um cliché nem um lugar comum, tão só uma constatação...).

O álbum não poderia começar da melhor forma, fazendo-o através de uma incursão num som mais ambiental, com um carácter deliciosamente funebre (o prazer da morte não é perversão!). É um disco sem rasgos, ou interrupções. É homogêneo e talvez delicado. Após a introdução sintam-se preparados para, duma certa forma, planarem sobre aquele disco, tentando discernir uma saída, mas conscientemente evitando-a. Aconselha-se a aquisição do CD.

(Sodra Allegatan 3, S-41301 Goteborg, Sweden) (LP/CD-Multimood Records 89/90) E.T.

Beautiful Pea Green Boat-"Maremma"

A princípio poder-se-á pensar em In The Nursery, e nem sequer a voz desfaría as dúvidas, não fosse o nome do grupo inscrito na capa.

Acompanhada por uma melodia nostálgica, Clio Padovani canta o desespero das mulheres que perdiam os seus amados em Maremma, uma região da Itália conhecida pelos seus pântanos infestados de malária no séc.XIX. Tudo o que

este ambiente possa parecer e-c, na verdade! Romantismo?

Três interpretações de "Maremma", uma delas acompanhada apenas por piano, são suficientes para nos convencer de que os Beautiful Pea Green Boat (ou, mais propriamente, Ian Williams, o unico membro permanente) nunca antes exacerbaram tanto a sua propensão para atingir corações... Corações incautos, acrescenta-se. Uma interpretação afigura-se bastante agradável ao ouvido e requer uma certa sensibilidade (que praticamente todos os leitores/ouvintes terão), mas tres interpretações já fazem transbordar o ouvido que momentos antes escutava com interesse. O tema que fecha o disco é o único cantado em inglês, chama-se "Crazy" (original de Willie Nelson!), também só conta com um piano e as intensões da sua letra tomam a forma de uma das flechas do Cupido - voltamos ao mesmo...

Serei insensível? Mãe, serei insensível? Não, mas talvez "Maremma" não seja disco para se ouvir sozinho, por isso all you lovebirds out there, go out and buy it!!! E lembrem-se que também o velho Júlio parte corações... E é nosso vizinho.

(39, Dunlace Road, London E5 0NF, England) (EP-Third Mind 89) J.A.M.

Soliman Gamil-"Ankh"

"Nascido em 1924, Soliman Gamil é um dos mais importantes compositores e musicólogos egípcios. As suas bandas sonoras para filmes e teatro já ganharam vários prémios internacionais. As suas composições evocam uma tradição clássica que remonta a 3000 a.C..."

É assim que somos apresentados a este segundo trabalho deste compositor egípcio. "Ankh" contém música de origens egípcias mas, e o que é mais curioso, é que tal música pode ser encontrada em qualquer lugar actualmente. "Ankh" pretende ser uma abordagem às sonoridades do Egipto, mas os trechos aí incluídos aproximam-se enormemente de alguns trechos a que tive oportunidade de escutar em alguns Encontros de Música Contemporânea da fundação Calouste Gulbenkian(?), ou será o contrário? Estarei enganado? Penso que não, penso sim que descobri que aquilo que muita gente chama de música contemporânea não é mais do que música étnica abordada doutro ângulo. Cada vez que ouço "Ankh" fico mais convencido disso.

Neste CD não encontramos somente instrumentos tradicionais, podemos também escutar instrumentos clássicos, como o violoncelo, e ainda a voz representada de uma forma espectacular e é apenas por isso que somos levados a encontrar semelhanças entre a música de Soliman Gamil e alguma da música contemporânea.

Obrigatório.
(13, Oswald Road, London SW 17 7SS, England) (LP/CD-Touch 90)F.S.

Data-Bank-A-"One Way"

Data-Bank-A é o mais reputado dos projectos de Andrew Szava-Kovats, um húngaro naturalizado



americano, que vai já com cinco álbuns e uma série de maxis e cassettes. A música é bastante bem elaborada e tem um cunho muito pessoal nos ritmos e nos sons - a voz, essa já faz lembrar o Eldritch... É um disco de luxo, este, que depois de três temas apelando ao movimento do corpo (com elegância, sublinhe-se) nos mostra um ambiental com a magnificência característica de um outro projecto de Andy: Dominion. Um óptimo registo, de uma grande qualidade, vindo de uma editora também de grande qualidade - a Lively Art - que, além de dois LP's dos Data-Bank-A, já nos trouxe os álbuns dos Numb, Little Nemo e Collection D'Arnell-Andrea.
(EP-Lively Art/New Rose 89) J.A.M.

Various Artists-"Objekt No.4"

Algures aqui no Ibérico está uma crítica à compilação anterior a esta, a "Objekt No.3". Pois é, a causa de tal confusão é a de o Ib. ter demorado tanto a sair, as coisas acumulam-se e é... Bom, mudemos de assunto. Tenho o prazer de vos apresentar "Objekt No.4", o novo episódio da série Objekt e que é também o primeiro CD editado por esta excelente editora que dá pelo nome de Ladd Frith.

"Objekt No.4" é mais uma excelente demonstração das pequenas bandas independentes mundiais. Nela surgem projectos como Zoviet France, John Trubee, Randy Greif, Vox Populi!, Un-Film, Cynnai, etc. e, como não podia deixar de ser, Blackhouse, Psychones e Pacific 231, os projectos com lugar cativo nas bancadas da Ladd Frith.

Como é frequente nesta editora, as áreas abordadas são o ambiental/e perimental, no entanto, e como já havia acontecido com "Objekt No.3" com os Negativland e alguns outros, nesta compilação surgem também algumas sátiras. É o caso de uma chamada telefónica para as informações, de John Trubee, e ainda uma narração dos Zoviet France onde se inclui, para além de muitos outros assuntos, a frase que inicia da seguinte forma: "I have a Loch Ness monster in my garden pond...". Realmente os melhores temas desta magnífica compilação.

Mais ainda, e tal como acontecia com a compilação anterior, todos os projectos identificam-se e ao seu tema antes de ele começar.

Ficam os parabéns a Brian Ladd e Julie Frith pela excelente estreia em CD. Keep on with the good work...
(P.O.Box 967, Eureka, CA 95502, U.S.A.)
(CD-Ladd Frith 90)F.S.

Danton's Voice-"Kick Your..."

O New Beat é uma doença do caraças...
(12"-Zazaboem 89) J.A.M.

Attrition-"Haydn (The Final Session)"

...e a merda toda é que estão à espera que a gente engula!
(12"-Antler Records 89) J.A.M.

Nox-"Live At The Manufacture"

Cecile Babiote, Laurent e Gerome Perrier simulam o suporte em torno do qual outros elementos dispersos orbitam. Querem envolver-se com a música progressiva. Já fizeram primeiras partes dos Einstuerzende Neubauten. Possuem admiração pela vanguarda alemã, os Neu e Faust. Têm várias participações em compilações: França, R.F.A., E.U.A. e Espanha, mas obviamente não gelaram e, muito menos, pararam.

O som dos Nox não esmorece, é constantemente árduo., não complacente. A energia de uma bateria que talvez esporadicamente enlouqueça. Uma sucessão de som e voz que no fim nos prostra e deixa a arfar. Exaustos, nós, não eles, o disco prossegue, a força atinge um limiar, forma um planalto (é impossível passar acima), só que teimosamente não desce, não acalma (por-

que razão terão realizado a primeira parte dos Neubauten? Terão os espectadores sucumbido antes da segunda?).

Lembram-se dos Sprung Aus Den wolken? Eles andam lá por perto. Estão curiosos quanto à sua participação ao vivo? Então lancem-se ao CD "Live At The Manufacture".

O CD da sucursal alemã da Permis De Construire coloca à disposição do vosso aparelho auditivo a aventura dos Nox ao vivo, colocando-os entre os Test Dept (no tipo de percussão), Laibach (na vocalização expressiva) e com derrapagens (poucas, felizmente) no electro-pop belga. Foi assim que uma revista alemã federal os descreveu. Elucidativo? Oçam-nos!

(Kernerstrasse 15, D-7156 Wüstenrot, West Germany)

(CD-Permis De Construire Deutschland 90)E.T.

U.N.A.C.D.-"....."

U.N.A.C.D. significa Un Nom à Coucher Dehors. STOP Este é o seu primeiro trabalho em CD.STOP Fazem parte da companhia de management Les Nouritures Terrestres, a mesma dos The Grief.STOP Não fazem música electrónica, fazem sim sons ambientais/experimentais.STOP Uma referência a Zoviet France não seria despropositada.STOP Curioso é o facto de, nestes sons extremamente ambientais, encontrarmos... STOP Um instrumento... STOP Muito... STOP Francês... STOP É ele o... STOP Acordeão. STOP Uma mistura espectacular e única. STOP Com este CD Single vem inclusa uma revista, ou vice versa. STOP A conhecer. STOP

(CD Single-Sordide Sentimental 90)F.S.

Sigmund Und Sein Freund-"Love Lust Leave"

Deles se diz que quebram as barreiras da emoção e intensidade. Pessoalmente, digo que a emoção que provocam pode ser equiparada à emoção de ver alguém a descascar batatas, e a sua intensidade não chega para fazer uma fogueira, receio ben. Nem sempre foi assim, contudo... É como uma certa nostalgia que volto a colocar no prato os dois primeiros EP's, "Secret" e "Sacred", de 87, observando como a deliciosa agressividade de então, essa sim carregada de emoção e intensidade, se transformou numa beliscadela inconsequente. A outrora assassina guitarra já não sabe ser diferente, já não tem piada, já se assassina a paciência de quem ouve e conhece a discografia anterior - os EP's; "See Emily Play", LP 88; "Inmate", MLP 88; "Glory To The Newborn King", 12"88. Dessa discografia, sublinhe-se que, após "Secret" e "Sacred", os SUSD não fizeram mais do que tocar a mesma K7 vezes sem conta. Como todas, esta cassette tem dois lados: temas calmos, com a voz a sobressair, por

ou nada; temas agressivos, com a guitarra egocêntrica, por outro.

A faceta calma (que se pretende emotiva) não passa de uma lamecha, onde a voz é tão repelentemente cavernosa que só a muito custo o par mais apaixonado do mundo dela tiraria partido. Além disso, mete dó a estúpida tentativa de arrancarem umas lágrimas ao consumidor com um disco de Natal - "Glory To The Newborn King", cujo lado A homónimo arranca lágrimas, sim, mas de raiva!

A faceta agressiva (que se pretende intensa) é muito melhor conseguida, mas a sua intensidade perdeu-se quase por completo em prol de uma manifesta falta de originalidade, que leva o grupo, como já disse, a pegar sempre na mesma cassette... A voz agressiva é chata, também. Chata e feia, coisa que não se percebe nos EP's (daí a sua excelência)...

Como vêem, a voz está sempre lixada! O vocalista faria um enorme favor aos nossos ouvidos se ficasse permanentemente afónico!

Terminando a análise musical dos SUSF, "Love Lust Leave" consagra a junção ao duo de um baterista, substituindo a anterior caixa de ritmos. Embora a diferença não seja notória, na prática, parabéns ao baterista pela prestação em "Big Boy", tema mais forte do disco. Quanto ao resto, a pele do cisne Mike Gira espalha lepra por algumas estrias do vinil.

Resumindo, certas pessoas deviam ser proibidas de exprimir os seus sentimentos! Bom, pelo menos sob a forma de música...

(J.Tielemannstraat 38, B-3220 Aarschot, Belgium)

(LP-Antler Records 89) J.A.M.

2nd Communication-"My Chromosomal Friend"

A KK Records tem vindo, nestes últimos meses, a descer na minha escala de consideração para as editoras independentes. Quando nas novidades do seu catálogo constavam discos interessantes, e mesmo de elevada qualidade (The Hafler Trio, Invaders Of The Heart, H.N.A.S., etc.) ainda valia a pena investir uns trocados na sua aquisição, mas ultimamente, e mais exactamente com edições dos Force Dimension (LP e 12") e 2nd Communication, só apetece é desatar à estalada...

Aquando da edição do Mini LP de estreia dos 2nd Communication, podia-se ler no press release: "...é um prazer da dança, música moderna para tempos modernos (...) esta música combina o poder do thrash metal com a vontade vanguardista de mudar...". Está bem, realmente era algo de novo (mais ou menos), pois nas estrias do vinil surgiam as melodias mais agressivas que alguma vez escutara (no fundo, intragáveis). Mas com este segundo trabalho, nada de novo surge. Os 2nd Communication (formados por membros norte americanos e nipónicos) não evoluíram de há um ano a esta parte. Editaram o seu segundo LP sem se terem dado ao trabalho de investigar novos sons, novas melodias, ou mesmo melodias, já que em nenhum dos discos pude testemunhar qualquer uma delas... It's up to you...

(Parkstraat 25, B-2700 St.Niklaas, Belgium)

(LP/CD-KK Records 90)F.S.

Oh! Ho Bang Bang!-"Oh! Ho Bang Bang!"

Holger Hiller, mestre do experimentalismo rítmico (como bem o provou "Oben Im Eck", LP de 86), surge, ao que parece em 88, com este projecto e o conceito de scratch video, de que os portugueses mais atentos puderam vislumbrar um exemplo no extinto (em Portugal) "Rockin' In The U.K."

RRRRRítmico é a palavra de ordem, e o músico germânico elabora toda uma galeria de sons para esse fim, coadjuvado por Akiko Hada (vocalista em "Oben Im Eck") e Karl "Lonnie". A experimentação rítmica e a exploração de gozo são suficientes para tornar este disco uma proposta deveras aliciante, ainda mais para todos aqueles que se sentem atraídos por batidas mantelantes e estranhas - Oh! Ho Bang Bang! surgem, assim, muito mais interessantes que o projecto A Spanner Thru Ma Beatbox, rei das colagens rítmicas, mas um rei um pouco claustrofóbico e enfadonho, em relação à equipa de Holger Hiller, muito mais aberta no terreno... Vence a boa disposição, que nunca chega ao ridículo! Riam, pois. Oh! Oh! Oh! Oh! Ho Bang Bang! E depois sorriam, quando forem perguntar na Contraverso se há o disco.

(LP-Mute Records 89) J.A.M.

The Force Dimension-"Deus Ex Machina"

Mais uma grande bosta da KK Records. Depois daquilo que o J.A.M. disse, alguns neste fanzine, sobre o 12" "Algyrthm", pouco mais há a acrescentar. Os F.D. decidiram enveredar por um estilo musical em vias de extinção, e eu desejolhes muito boa sorte, mas que não me venham queimar os neurónios.

Todo o disco soa ao mesmo. Caixas de ritmos, sintetizadores, samplers e letras de merda que não aquecem nem arrefecem, só vêm aumentar o nosso ódio para com estes grupinhos "de baile" (baile dão-nos eles...). No entanto, e é incrível como isso possa acontecer, no terceiro tema do lado 1, podemos encontrar uma melodia que mais parece ter sido tirada de um outro disco qualquer: uma maravilha minimal repetitiva, um som electrónico limpo e belo. O que se terá passado nas cabeças dos Force Dimension? Será que esta é uma amostra do que está para vir? Se sim, então a gente ven-se daqui a uns tempos...

Oijam-nos (muito) bem, antes de não os levarrem...

(Parkstraat 25, B-2700 St.Niklaas, Belgium)

(LP/CD-KK Records 90)F.S.

Von Magnet-"El Sexo Sur-Realista"

Conseguem imaginar um cruzamento entre a electrónica e o flamenco? Também não conseguia... mas se todas as manipulações genéticas fossem assim, o mundo até era capaz de ser um sitio bem mais agradável para se viver!

Von Magnet é um colectivo multi media franco-catalão (sediado em Barcelona) liderado por Phil Von. Da sua discografia anterior pouco se sabe, excepto que editaram três ou quatro máxís, entre os quais o brilhante "I".

"El Sexo Sur-Realista" transpira criatividade por todos os poros e sera, na minha opinião, um dos melhores discos do ano de 89, senão o melhor.

A emoção, factor importantíssimo para se avaliar o impacto que um disco poderá ou não ter junto de um ouvinte, está presente na dose certa. Há quem não lhe ligue muito - e isto já depende da sensibilidade de cada um - mas ela impõe-se naturalmente, neste disco.

Os temas dançáveis como "The Magnet" causam inveja a muita gente que se move nesse campo, e o prazer da sua audição é enorme em qualquer ambiente; ao contrário, Nitzer Ebb e os recentes 242 pós "Official Version" (para citar só os mais controversos) são absolutament inúteis fora das discotecas. Registe-se a presença, na programação de alguns ritmos, de Phil Erb, habitual colaborador nos Test Dept.

Quanto as guitarradas flamencas, castanholas e palmas, o tratamento de que gozam aqui transformam-as em música que, noutro contexto, seria provavelmente aborrecida - "Computador" é um bom exemplo. A voz de Phil Von, na maioria dos temas (quer em inglês quer em espanhol) e a incrivelmente bela e invulgar vocalização (feminina?) em espanhol de François Testory acentuam a excelência e emotividade do álbum, especialmente no



tema "Sur-realista" - magnífico! Mais obscuro e experimental é "Voz Imagen", provando a versatilidade dos Von Magnet, nome a ter debaixo de olho se não se quiser perder algo de importante, de muito importante! EBM? Não, esses rótulos não servem: a garrafa dos Von Magnet é maior, cabe lá muita coisa; se algum epíteto merecerá a sua música, é certamente aquele que eles próprios admitem - electro-flamenco!

O disco vem com a mensagem "you are not experiencing Von Magnet, just listening to it!" e, como alguém me disse uma vez, que compensador é ter-se ouvidos. Atenção ao próximo nº do Ibérico!

(222 Rue Solférino, 59000 Lille, France)

(LP/CD-Danceteria/I.N.9 89) J.A.M.

Somewhere In Europe-"Know Your Enemy"

David Tiffen e Andrea James merecem todo o meu respeito. "Know Your Enemy" é a terceira cassette do seu projecto e só vem mostrar que, ao contrário de muitas bandas, a sua actividade musical tem vindo a aumentar qualitativamente.

As primeiras produções dos S.I.E. contavam com abordagens às sonoridades mais marginais, com melodias experimentais, colagens, etc. Mas agora verificamos que David e Andrea decidiram investir algum do seu pouco dinheiro em alguma tecnologia, pois ainda que as melodias experimentais permaneçam, surgem já os sintetizadores, as caixas de ritmos, etc., o que só vem dar um aspecto mais estranho a todo o conjunto sonoro. Convém ainda salientar duas colaborações importantes: Douglas P. e Gabrielle Quinn, uma artista plástica que irá também colaborar nas futuras actuações ao vivo dos Somewhere In Europe.

Muitos dos temas são de uma enorme simplicidade (apenas uma sequência fixa num sintetizador, e algumas vozes), no entanto podemos ainda escutar algo mais elaborado, como "Never Go Back" ou mesmo "Blood Of Martyrs", uma remistura de um dos temas dos Death In June ("Blood Of winter").

Como é habitual neste tipo de trabalhos, não está disponível no nosso mercado. Até que alguém decida investir neste formato, o melhor é o contacto directo: 55 Perowne Street, Aldershot, Hants GU11 3JR, England.

(K7-These Silences 90)F.S.

...Of Tanz Victims-"Haunting The Empire"

...Of Tanz Victims-"Scannin Elle Dementia"

...Of Tanz Victims-"Ostrova Novo Sibirsky"

Com exemplos destes é que nos convencemos de que Portugal é uma miséria, em termos de bons discos disponíveis nas lojas (isto excluindo, claro, as excepções)... É caso para dizer que da missa não conhecemos nem metade e eu acrescentaria mesmo que não conhecemos nem um décimo! O que existe nas lojas é irrisório, e é triste quando chegamos ao ponto de nos apercebermos disso...

Que possuem em comum estes três discos? Praticamente nada, exceptuando o nome do grupo - que é genial, admita-se!

"Haunting The Empire" divide-se aleatoriamente entre fortes batidas e emocionantes melodias, entrecortadas por uma guitarra cujo som é único, inigualável. Gravações de outras vozes são utilizadas em detrimento de vocalizações próprias, que raramente aparecem, reforçando o secretismo professado pelos membros do grupo, cujos rostos sempre foram ocultados por máscaras.

"Scannin Elle Dementia" é um disco bizarro, no mínimo, para um grupo que se identifica com a onda electro-industrial; além da característica caixa de ritmos, surge a guitarra inconfundível, extrapolada em ritmo speed metal no tema "Spiked Heels Titanic", dedicatória ao falecido Cliff Burton, dos Metallica; voltando à caixa de ritmos, a sua programação é

completamente doida em "Tape Machine K4", com as batidas variando constantemente e sucedendo-se incessantemente (não chegando, contudo, às 230 por minuto (!) do single de estreia, "Fighting False God").

"Ostrova Novo Sibirsky" anuncia as novas exéquiias dos ...OTV que, desde então, não mais voltaram a gravar sob esse nome. Ritmos, neste álbum, estão praticamente ausentes, sendo o vinil coberto por melodias e sons que assumem um estatuto épico, quase "banda sonora", raiando o experimental.

Três discos não muito recentes, mas que é urgente divulgar. E já foi dito noutra publicação que os ...OTV, além da sua música, fasci-nam também pela atitude alternativa que os caracteriza. Não existem regras, o tabuleiro é enorme e a aquisição pode ser feita via Bunker Records, Box 301, Station E, Montreal, Quebec H2T 3A8, Canada.

(LP-Bunker Records 86)

(EP-Bunker Records 86)

(LP-Bunker Records 87) J.A.M.

Vários Artistas-"Planet Tape"

A Fool's Paradise é, provavelmente, uma editora nova para todos vós. Apresentêmo-la então: as suas actividades são dirigidas por uma só pessoa - Robin Chuter - e por essa razão a companhia tem vindo a editar material (cassettes) muito esporadicamente. No entanto, e a contrastar com este ponto negativo, podemos afirmar que o material musical editado é de grande qualidade, as gravações são (quase) profissionalmente realizadas, e o preço de cada cassette é muito convidativo.

É o caso desta compilação. A maioria dos projectos são-nos totalmente desconhecidos, e se por vezes isso não seja bom sinal, o facto é que quando escutei pela primeira vez cada um dos temas fiquei estupefacto. "Onde estiveram estes grupos ao longo destes últimos anos?" foi a questão surgida na minha mente.

"Planet Tape" possui uma parafernália de estilos musicais, são eles: o minimal repetitivo dos Due e M.Nomized, o excelente pop minimal obscuro (?) dos Nostalgie Eternelle e Idoleyes, o clássico à la Asmus Tietchens dos Didi, o minimal popzinho simples dos Klimperej, uma gozação à la Residents dos LOSP, o speed pop dos Flagrant D'eli, o rock experimental minimal dos Expanded Metal, o techno pop minimal dos Customs On Acid Commando, o ambiental narrativo à la Tuxedomoon dos The Unexperienced Dilettants, o ambiental electrónico com caixas de ritmos (à la front Line Assembly) dos The Sane, o electrónico calinho dos Age Of Anxiety e, para finalizar, a electrónica experimental dos Experiment X. Já

...sim, são estes os colaboradores nesta excelente compilação. Estaremos todos "insanes"? Penso que sim, senão já tínhamos pelo menos ouvido falar da Fool's Paradise.

Fiquem atentos, pois os planos da editora incluem a distribuição em Portugal. Quem será o sortudo a cargo de tal tarefa?

Enquanto isso não acontece, contactem-nos vocês próprios. Quem não arrisca...

NOTA: Todos os temas são instrumentais, excepto o dos LOSP e The Sane.

(Robin Chuter, 5 Sneppenlaan, B-1960 Tervuren, Belgium)

(K7-Fool's Paradise 89) F.S.

Esplendor Geometrico-"Mekano-Turbo"

O título não engana ninguém, sublinhe-se! É o quarto LP deste grupo espanhol que, desde 81, tem vindo a construir uma longa tradição no seio da música industrial europeia (e mesmo mundial). Bastante agressivo, o disco conta com a participação mais activa da voz, que complementa os compulsivos ritmos electrónicos, atingindo mesmo combinações brilhantes, como nos excelentes temas "Transmisión", "Volga" e "Belew", este último criando um ambiente quase fabril, na linha explorada intensivamente no anterior (e não menos excelente!) LP, "Kosmos Kino".

"Mekano-Turbo" é a prova concludente de que a cena alternativa espanhola fervilha de actividade e ideias, o que nos devia fazer roer as unhas de inveja, por cá.

"Mekano-Turbo" roda a grande velocidade e, se não tiverem cuidado, é capaz de saltar do prato. Ven a jugar!

(Andrés Noarbe, Apartado 14325, 2080 Madrid, España)

(LP-Esplendor Geometrico Discos 88) J.A.M.

Vários Artistas-"Le Petit Mort"

Depois da Staalplaat e Touch, a Cthulhu é, na minha opinião, uma das melhores editoras de cassettes existentes no mercado independente.

Como é regra neste tipo de editoras, o âmbito musical abordado é o experimental/ambiental/noise, e "Le Petit Mort" só vem mostrar o quanto a Cthulhu aposta nestas sonoridades.

Os artistas aí incluídos são: H.N.A.S., Die Form, Club Moral, Vivenza, Ramleh, If Bwana, Bogart, S.Core, Giancarlo Toniutti, Coup De Grace e Zahgurim. Enquanto que alguns nos deixam indiferentes, outros há que saltam imediatamente à vista (H.N.A.S. e Die Form).

Como disse, o som é experimental, e a fazer lembrar o que de mais industrial há: percussão, ruídos, distorção, voz tratada, etc.. Ou seja, um pesadelo constante. Mas não serão os pesadelos uma forma de prazer? Cliquem e verão.

Atenção ao aspecto gráfico!

(K.Kasseckert, Im Haselbusch 56, D-4130 Moers 2, West Germany)

(K7-Cthulhu Records 87) F.S.

Mussolini Headkick-"Themes For Violent Retribution"

Eis a estreia auspiciosa da World Domination, sob a sábia batuta de Luc Van Acker! Com uma filosofia parecida à dos Consolidated, de estimular a massa cinzenta dos ouvintes enquanto dançam, este quarteto britânico consegue um álbum surpreendente, até pelo facto de não se esperarem muitas aventuras deste tipo no Reino Unido. O apuro ritmo e melódico é já bastante adiantado, o que se nota bem ao ouvir o ambiental "Forgotten", o percussivo "Death Path" ou os agressores "Europe" e "Your God Is Dead" (nada tem a ver com "God Is Dead" dos magníficos Numb - os Mussolini Headkick ainda não chegaram a tal perfeição, embora rocem as anetas).

O press release compara a brutalidade rítmica aos Nitzer Ebb e Skinny Puppy, mas é importante frisar que se trata de uma sonoridade substancialmente diferente - a meio caminho entre a pobre estrutura sonora (embora rítmicamente forte) dos Nitzer Ebb e a extrema complexidade, excelência e emoção dos inigualáveis Puppies.

A voz descomprometida serve de veículo a letras que traduzem "dor e ódio sinceros", incidindo sobretudo sobre temas de cariz social, e a guitarra parece conferir mais autenticidade a esses sentimentos. A capa tem a grande vantagem de provocar um choque logo à primeira vista, mostrando um

corpo nu crucificado numa suástica e, no reverso, contando a história de como o cadáver de Mussolini foi pontapeado na cabeça por uma turba sedenta de vingança. O fascismo está morto, vivam os Mussolini Headkick!

(J.Tielemannstraat 38, B-3220 Aarschot, Belgium)

(LP/CD-World Domination 89) J.A.M.

Psychones-"Electric Beat"

Psychones é um daqueles projectos de que é difícil gostar logo à primeira, e à segunda, e à terceira... Foi exactamente o que aconteceu comigo: quando os conheci, detestei o estilo musical produzido pelos seus membros (B.Ladd e J.Frith), mas à medida que ia ouvindo mais esta cassette (foi com ela que tomei conhecimento dos Psychones), fui descobrindo alguns diamantes.

O estilo abordado pelos Psychones pode ser, à primeira, classificado de R&R, mas a pouco e pouco apercebemo-nos que o seu som não é tão fácil de catalogar. De facto, o binómio(!) voz-/viola leva-nos a pensar em Chuck Berry e afins, mas gradualmente (e para isso é preciso conseguir escutá-los mais do que uma vez) vamos identificando outras fontes sonoras (sintetizadas, gravações ou samplings, etc.) que vêm atribuir um aspecto original à sonoridade Psychones.

No fundo, é bastante difícil criticar um trabalho deste tipo, devido à enorme ambiguidade de tal som, e é por isso mesmo que esta crítica não vem adiantar nada. Experimente você mesmo!

(P.O.Box 967, Eureka, CA 95502, U.S.A.)

(K7-Ladd Frith 89) F.S.

ClockDVA-"Buried Dreams"

Todos os idiotas que afirmam ser a música electrónica vazia de emoção deviam ser submetidos a uma dose maciça de "Buried Dreams", com headphones gigantes atados a cabeça! Os ClockDVA debitam sons gélidos que escaldam a alma... A frieza da tecnologia é perfeitamente manipulada e transformada em momentos de sublime emoção para os ouvintes verdadeiramente envolvidos.

"Velvet Realm" é divino! "The Reign" é divino! "The Unseen" é aterrador! "Buried Dreams" é perturbante! "Hide" é envolvente! "Sound Mirrors" é entusiasmante! "The Hacker" é assassino! "The Act" é um pouco menos que os outros todos...

Que mais se pode querer num disco? A fogueira com os detractores!!!

(P.O.Box 360428, D-1000 Berlin 36, West Germany)

(LP/CD-Interfisch Records 90) J.A.M.

Peter Frohmader-"Miniatures"

Peter Frohmader é um compositor totalmente novo para alguns de vós, no entanto, aqueles familiarizados com o catálogo Multimood Records já o conhecem concerteza, pois aí foram editados três discos.

"Miniatures" é o seu primeiro CD. Editado na sua própria editora - a Nekropolis Records - é um bom testemunho do que Peter consegue produzir a nível musical e ainda uma boa prova das suas capacidades financeiras (basta referir que "Miniatures" é um CD DDD, isto é, gravado num



gravador digital, misturado digitalmente e, claro, editado em formato digital).

Os temas aqui contidos fazem lembrar muitos dos trechos de um Asmus Tietchens ou mesmo de uns Telectu, no entanto a sua música, como a de qualquer compositor, possui uma sonoridade própria, e é essa sonoridade que é difícil de catalogar. Talvez a melhor designação seja "música electrónica minimal experimental", mas quem sou eu para dar etiquetas aos músicos? Tentem vocês próprios...

(Kriegerstrasse 7, 8000 München 90, West Germany)
(CD-Nekropolis Records 89)F.S.

Ministry-"Twelve Inch Singles 1981/1984"

Ministry tem sido nos últimos anos um projecto relativamente inconstante, com altos e baixos e que tem passado variadas fases editoriais bem como diferentes orientações musicais. Esta compilação, editada em 88 pela Wax Trax, traz-nos a recolha de algum material assinado por Alain Jourgensen entre os anos de 81 e 84, precisamente aqueles que estão melhor representados na compilação e que correspondem à sua fase mais activa e criativa dentro da editora Americana. Exceptuando os temas "Cold Life" e "Cold Life Dub", incluídos originalmente no primeiro registo do grupo datado de 81 e caracterizados ainda por um certo primarismo musical e pela incidência em esquemas rítmicos próximos do experimentalismo, os restantes seis temas dão-nos uma ideia bastante precisa da excelente evolução e do à vontade de Jourgensen dentro do campo da electrónica, facto a que não serão alheios os seus contactos com duas outras personagens anteriormente envolvidas no movimento electrónico Belga: Richard 23 e Luck Van Acker. Recordando a ritmos marciais ligeiramente afunkizados, vocalizações tratadas digitalmente e sampling em dose moderada, A.Jourgensen faz prova nestes seis temas de uma alargada capacidade técnica onde soube aproveitar ao máximo as "companhias" de estúdio e dos recursos postos à sua disposição.

(CD-Wax Trax 88) A.C.

East Ash-"Crushing A Flood"

O que será East Ash? Algum novo produto da Europa de Leste? Não, nada disso. É sim um novo projecto musical vindo não de Leste mas de Oeste, mais exactamente da terra do Uncle Sam (para os ignorantes: Os Estados Unidos da America), e perfillado pela também americana, a editora C'est La Mort Records.

"Crushing a Flood" é um dos primeiros trabalhos deste projecto e a minha curiosidade fez-me logo lembrar a famosa frase "curiosity killed the cat". Ninguém morreu, mas quase. Pois se bem que a música dos East Ash possa ter algo de interessante, nada vem trazer de novo à música pop actual. De facto, este disco soa extremamente a déjà vu (ou será déjà ecouté?), pois muitos dos temas fazem-nos lembrar grupos como os Gene Loves Jezebel, U-2 de "Boy" ou mesmo, e principalmente na voz, Peter Murphy.

Pois é, 'tá tudo dito. É um trabalho nada original e que faz com que os East Ash mereçam uns caroulos naquelas cabecinhas. Então não sabem que isto já se fez há uns bons anos cá pelo Velho continente (i.e. a Europa)?
(P.O.Box 91, Baker, La.70714, U.S.A.)
(CD/LP-C'est La Mort Records 90)F.S.

Asmus Tietchens-"Stupor Mundi"

Asmus Tietchens é um indivíduo estranho. Depois de dois álbuns clássicos - "E" na Dom Productions e "Marches Funèbres" na Multimood Records - decidiu, neste trabalho recentemente editado pela Esplendor Geometrico Discos, regressar às origens, mais exactamente à altura em que produzia material menos acessível e mais experimental.

"Stupor Mundi" é isso mesmo, um disco essencialmente experimental, dominado por sons de origem desconhecida mas que nos fazem lembrar ruídos de máquinas industriais. É por essa simples razão que acho o disco menos atraente que qualquer dos acima referidos. Menos atraente mas não de menor qualidade. É certo que não conseguiremos adormecer ao som de "Stupor Mundi", mas a verdade é que Asmus Tietchens conseguiu mais uma vez mostrar que domina quase todas as áreas do experimental. Trata-se realmente de um compositor duma extrema flexibilidade.

Mais espectacular ainda é a inclusão, no meio de todo o 'noise', de um tema a fazer lembrar os trechos cómicos dos H.N.A.S.: uma melodia de feira, uma voz distorcida dizendo 'meine freunde'(acho), tudo a fazer lembrar aquelas feiras de Verão de que nós gostamos tanto...

Mais um ponto a favor da já prestigiada Esplendor Geometrico.
(Andres Noarbe, Apartado 14325, 2080 Madrid, España)
(LP-Esplendor Geometrico Discos 90)F.S.

Dominion-"Where Muses Dwell"

Dominion-"The Oracle"

Estas são duas das melhores gravações que tive oportunidade de escutar desta pequena grande editora - a Tragic Figures.

Cerca de quinze edições fazem parte do seu catálogo, sendo apenas uma delas em vinil (Telectu e "Digital Buiça"). Realmente é uma iniciativa nova no nosso país, editar cassettes, e uma actividade que tenho vindo a elogiar (parece que os meus apelos foram ouvidos por alguém). Mas falemos então destas duas edições.

Dominion é um projecto de Andrew Szava Kovats, também conhecido pelas suas actividades nos Data Bank-A e Compound (ver noutro lado críticas a estes projectos). Há bem pouco tempo, tivemos oportunidade de escutar o primeiro trabalho vinílico. Foi o LP "Manhunt" editado pela K Records.

"Where Muses Dwell" e "The Oracle" vêm-se juntar às inúmeras edições do projecto, no entanto, não é por isso que vamos ficar de pé atrás. Na realidade, e enquanto "Manhunt" se torna bastante aborrecido, principalmente devido à inclusão de voz; estas duas produções, mostram bem como um só indivíduo consegue produzir tão belas melodias.

É verdade que a maior parte dos instrumentos são de origem electrónica, mas se bem que por vezes isso possa ser um mau presságio, neste caso só vem dar mais beleza aos temas. Neles somos invadidos por ambientes sonoros hipnóticos, melodias a fazer lembrar lugares belos e paradisíacos, sons de uma natureza bela e envol-

vente
Cua
mais
agrad
Talve
nos c
Gra
(Apar
(17-T
(Kl-T

New L
E
const
foi u
timid
palad
elab
pasqu
afins
B
fotos
(aspe
exemp
Life"
Parti
alémã
lemer
(Nov.
Aster
grafi
comp
logot
Franc
rio,
fotog
Verna
em pa
Nad
já qu
Assun
area
gumas
Contu
inter
uelei
a diz
The
né,
verda
fome
Estu
nível
de tr
1-Cri
de
peric
2-Art
respe
Bank-
(44),
tion
E-Li
te lo
cret

vente... De facto fiquei bastante surpreso com tais gravações.

Curioso é o facto de em ambas as cassettes, no lado B, surgirem temas mais experimentais, desprovidos de melodia propriamente dita. Não é tão agradável como os versos, mas de qualquer modo não menos envolvente. Talvez de uma forma mais fria Andrew Szava Kovats tenha decidido prendar-nos com outro tipo de som...

Gravações e editora a descobrir, obrigatoriamente...

(Apartado 2137, 4202 Porto Codex, Portugal)

(17-*Tragic Figures* 90)

(K7-*Tragic Figures* 90)F.S.

New Life Magazine

É deveras triste olhar para o nosso mercado de publicações musicais e constatar a sua arrepiante pobreza no tocante a sons alternativos. O "LP" foi um ótimo esforço (pelos vistos mal compreendido), o "Blitz" agarra-se timidamente a alguns bastiões, e apenas o "Ibérico" surge como verdadeiro paladino, por excelência, da música alternativa. Outros fanzines elaborados há, mas são mais artísticos que musicais, para já não falar dos pasquins de meia-tijela que continuam a divulgar Bauhaus, Joy Division e afins como se fosse uma grande novidade...

O "Ibérico" tem um handicap, pelo menos: o facto de se servir de fotocópias como base; mas tem-se saído optimamente, até porque os meios (especialmente financeiros) são escassos... Outros meios terão, por exemplo, os "franzistes" (vide "Ibérico" nº2) "Out Of Nowhere" e este "New Life".

Particularidades: revista de origem suíça, cuja principal "clientela" é alemã. Possui três redacções: na Suíça, na Alemanha Federal e na Suécia. Números em que se baseia este texto: 43 (Julho 89), 44 (Set.89), 45 (Nov.89).

Aspecto: apresentação gráfica simplesmente SOBERBA, seja a nível de fotografias, de disposição dos textos, de arranjo visual dos artigos, de composição das capas, ou de pormenores como a numeração das páginas e o logotipo da revista. Excepto a capa, todas as páginas são a preto e branco, o que de modo algum constitui uma desvantagem; antes pelo contrário, e talvez uma enorme vantagem, se atentarmos em algumas das magníficas fotografias reproduzidas (exemplos paradigmáticos são as "pics" de Marc Verhaeghen e Dirk Ivens (os Klinik) em palco e Bill Leeb (dos FLA) também em palco).

Nada, absolutamente nada a opor! Quanto ao papel, outra enorme vantagem, já que é de excelente qualidade!

Assuntos: Fundamentalmente, a "New Life" trata, com bastante à vontade, da área electro-industrial - ou, mais correctamente, Techno - admitindo algumas excepções, como os Smiths, A.C.Marias, Shelleyan Orphan ou Pixies. Contudo, mais de 80% da revista é dirigida a um público muito específico, interessado essencialmente nos sons Techno. Assim, esse público pode deleitar-se com entrevistas e artigos sobre bandas-culto (não arriscaria a dizer em Portugal, mas na Europa é um facto) como Front Line Assembly ou The Klinik e outros menos reputados mas ainda em fase ascendente - Dilemma, Noir De Soie, Next Generation, Nurges, e muitos etceteras... Uma verdadeira mina para os verdadeiros interessados, ainda mais porque são fornecidos a maioria dos contactos.

Estrutura: A "New Life", sublinhe-se, está extremamente bem estruturada a nível das secções /rubricas que nos apresenta. Elas são, tomando em conta os três números que pude apreciar e o seu respectivo conteúdo:

1-Criticas de discos: secção bastante completa, com uma enorme variedade de editoras e grupos/ artistas, contando sempre as últimas novidades do período em questão.

2-Artigos de fundo ou Entrevistas: sem comentários, bastando enumerar os respeitantes aos Pankow (43), Alien Sex Fiend (43), Psyche (43), Data Bank-A (43), Carlos Peron ex-Yello (43), The Klinik (44), A Split Second (44), FLA (44), Laibach (44), The Legendary Pink dots (45), Next Generation (45), Die Form (45), etc, etc!!

3-"Live": imensos concertos que, a nós portugueses, parecerão incrivelmente longínquos: FLA+Next Generation, Vomito Negro, Pankow, The Klinik+Secret Discovery, etc..

4-Fanzines: em regra uma página dedicada a um fanzine, não sendo de excluir a hipótese de o "Ibérico" por lá aparecer futuramente...

5-Editoras independentes: catalogo e informações completas das respectivas editoras - Amigo (44), Zoth Ommog/New Zone (45).

6-"Bandschleifen", ou divulgação de bandas emergentes: Juniper Hill (43), Entre Deux Guerres (43), Couldn't Be A Fisher (43), INFAM (44), Lassigue Bendthaus (44), Deux Baleines Blanches (44)...

7-"Look Out", anúncios grátis: compras, vendas, trocas de discos, K7's, videos, informações, raridades, ideias (um leitor da U.R.S.S., inclusive!).

8-"Hundreds+Thousands", informações curtas: ficamos a saber, por exemplo, que Richard 25 (Front 242) e Duc-Nhan Nguyen (em tempos percussionista dos Nitzer Ebb) pensam editar um disco conjunto ainda este ano...

9-A partir do nº40, a "New Life", além de um visual reestruturado, passou a ter como bônus um single grátis (vinil e não flexi!) com dois temas originais e exclusivos! Até agora: Pankow (40), Carlos Peron (42), Psyche (43), The Klinik (44), Die Form (45), Cat Rapes Dog (46). Que mais queremos?!!

Inconvenientes: só vejo um, que é o facto de a revista ser em alemão... Quem não tem umas luzes e anda completamente a deriva, terá como consolação as excelentes fotografias e, principalmente, o 7" grátis. convenhamos que o preço de cerca de 360\$00 por exemplar é até bastante acessível...

De facto, uma Nova vida para os Techno-maniacos! Love it or... love it!

Preço actual: 4,50 Marcos Alemães/4 Francos Suíços.

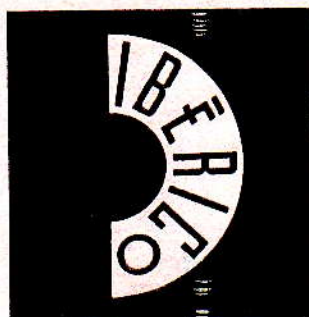
Pagamento: por vale postal ou notas numa carta registada.

Periodicidade: bimestral

Nº de páginas: 56

Formato: A4

Pedidos para: NEW LIFE, Postfach 39, CH-5624 Bünzen, Switzerland.J.A.M.

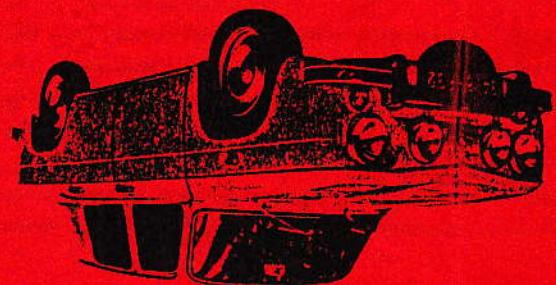


R. JOSÉ G. DE OLIVEIRA, 17
2780 OEIRAS
PORTUGAL



MONITOR

R. JOSÉ G. DE OLIVEIRA, 17 2780 OEIRAS PORTUGAL



H.N.A.S.

Muslimgauze

Raksha Mancham

Edward Ka-Spel

Laurent Pernice

Organum